

Quando amizade,
destino e lembranças
se encontram

Marcelo Campos

coordenação editorial: Eleonora Ducerisier
revisão: Gnomos da 42
diagramação: Gnomos da 42 e Marcos Campos
capa (imagem e projeto gráfico): Marcos campos

Ficha catalográfica

C198q Campos, Marcos, 1980-

Quando amizade, destino e lembranças se encontram /

Marcos Campos. - Araraquara: Editora 42, 2017.

156 p. : il. p&b.; 21 cm.

ISBN: 978-85-68077-27-6

1. Literatura brasileira. 2. Ficção brasileira. 3. Romance.
4. Amizade. I. Título.

CDD: B869 - 20. ed.



Editora 42

2017

www.editora42.com

www.marcoscamos.com.br

contato@marcoscamos.com.br

*Dedico este livro à minha esposa Caroline, meu
filho Pedro Henrique e nossas famílias.
Em lembrança dos bons que foram cedo demais e
à amizade de todos.*

Ailton Gávio Pinto
Alisson Barcelos
Ana Cláudia Neves Antunes
Anderson Moura
Anderson Nascimento
Anna Lima
Camila Goetze
Carlos Eduardo Serpa de Sousa
Caroline Heinig Neves Campos
Elisabeth Mesquita
Fabiano dos Santos Cestari
Fabio Monteiro Cunha Coelho
Fernanda Heinig Rosa Almeida
Francine Campos David
Giselle Cavalheiro
Hermes Bezerra
Jaci de Freitas Batista
Jeniffer Sabadini
João Luiz Azevedo Barbosa

Márcio da Silva Campos
Maurício Saturnino Matos
Maurício Silva
Mônica Inês Amaral Schilling
Pablo de la Rocha
Pablo Muller
Rafael Fonseca de Castro
Rafael Schnell
Renata Barcelos Chaves
Renato Ribeiro
Roberto Ângelo Pistorello
Rodrigo Cassal Viedo
Rosane da Silva Campos
Solange Valladão
Tânia Beatriz Vitória Campos
Valter Melentino Ferreira
Vanessa Gandra Dutra Martins
Vera Nory
Zaira Falcão Alvarado

Seguimos, nós todos, acreditando no poder do coletivo para boas realizações.

Agradecimentos

Este livro na forma física, aqui em suas mãos, impresso e prestes a ser lido, só foi possível graças a um financiamento coletivo; ele, de fato, se materializou com a força de todos vocês que contribuíram para tal feito. Foram mais de 100 apoiadores que garantiram o sucesso da campanha de *crowdfunding*.

Independente do valor, você acreditou, e quando você acredita, tudo de bom acontece para todos. Muito obrigado!

Conforme prometido aos amigos que escolheram, dentre outras recompensas, ter seus nomes registrados neste agradecimento, aqui vai um muito obrigado especial e que ficará gravado para sempre.

Obrigado a todos!



Capítulo 1

Os dias já não eram mais os mesmos, as folhas caindo depressa, tocadas pelo vento que chegava soprando forte como quem afastava para longe a poeira deixada pelo tempo. Estava chegando uma nova e fria estação. Leves gotas de uma fina brisa caíam sobre as lentes dos óculos deixando a visão confusa, dispersa e repleta de reflexos que projetavam pelo caminho um salpicado manto de pontos brilhantes desorganizados como em um caleidoscópio luminoso; as luzes dos postes, com suas cores douradas em meio à bruma e ao ar denso, atrapalhavam ainda mais a visão, orientar-se assim tornava-se algo bastante cansativo e pesado, mas, ainda assim, o velho senhor Moisés caminhava apressado para seu estúdio de porta amarela, sem errar a chave na fechadura e, em um golpe certo, abriu rápido seu refúgio, fugindo do clima hostil.

Mesmo com o passar dos tempos, suas mãos seguiam firmes, firmes como seus traços finos de carvão no preparo de mais uma tela, talvez aquela que viria a ser a mais bela, inspiradora e reveladora de sua vida, quem poderia saber? Talvez o tempo fosse quem soubesse e se encarregaria de tudo.

Um pano, ainda que um pouco rígido e sujo de tinta, neste momento servia para limpar as lentes dos óculos redondos de armação fina e deixar tudo claro como deveria ser. O estúdio estava aconchegante com uma temperatura melhor que lá fora, mesmo com todas aquelas telas recostadas, tecidos enrolados e tintas organizadamente espalhadas em uma bancada que outrora servira de leito (quando os olhos não aguentavam e acompanhavam o deitar da lua); o calor continuara por ali, talvez aquele último raio de sol que iluminava a pequena mesinha xadrez e a cadeira solitária, logo abaixo da janela, insistindo em lutar contra a chegada da estação gelada, tenha dado seu último suspiro, seu bafo quente no cangote do inverno antes de repousar para uma nova noite, dando lugar a uma bela lua que se mostrava brevemente escondida por detrás das nuvens que se moviam rapidamente, trazendo consigo, repentinamente, o ar gélido e castigante da nova estação.

Lá fora caíam os primeiros flocos de neve bailando ao vento, o branco começava a tomar conta da noite, os telhados nos arredores do *Montmartre* eram agraciados com leves pontos brancos que se acumulavam rapidamente. O colorido das árvores, seus tons verdes, amarelos e vermelhos, agora davam lugar a galhos secos respingados de branco. Uma senhora, que passeava solitária com seu cachorro na escadaria atrás da imponente basílica de *Sacré Coeur*, agora levava o pequeno no colo, bem enrolado em seu casaco longo e vermelho, os olhos do trêmulo animalzinho fitavam as luzes dos postes como se observassem uma lareira e o bailar de suas chamas quentes; o farfalhar das folhas secas pelo chão deixavam suas orelhas em sinal de alerta. Em uma das muitas ladeiras que levavam à rua das lojas turcas, um ciclista subia ofegante, pego de surpresa pela primeira neve do inverno. Naquela cena, o pouco som da noite vinha de sua respiração forte que logo se transformava em vapor, deixado para trás como ele esperava, um dia, deixar a todos no famoso *Tour de France*,

com suas maravilhosas paisagens e campos amarelos de girassóis (como a simbólica camisa do líder da prova para que tanto treinava). Assim a noite seguia, calma, com pouquíssimo movimento pelas ruas, sem a tradicional boêmia do bairro, fria e serena na primeira noite de inverno de 1980 na capital francesa, a romântica Paris, cidade luz, berço da reflexão e centro dos corações apaixonados.

Não passava das 9 horas da manhã, Paris começava o dia marcando 3°C e uma leve nevasca, que ia sumindo com o correr dos ponteiros do relógio. Moisés fez a melhor escolha mesmo, ficar no estúdio foi uma boa saída para fugir daquele frio repentino. Nada de festas e aglomerados na noite que passara, o corpo precisava se acostumar com a nova estação e à troca brusca de temperatura. A velha bancada de carvalho, mesmo que por uns minutos, mais uma vez serviu de travesseiro como muito já servira, os braços entrelaçados e a cabeça repousando sobre eles já eram, praticamente, uma posição ritualística. O corpo, já acostumado aos desconfortos daquele ambiente um tanto bagunçado, nem reclamou, bastaram algumas esticadas nos braços e 60 anos de vida voltavam a mover-se para mais um dia, mais uma estação.

Virando à direita do estúdio de porta amarela ficava a pequena *boulangerie Tout Le Monde* e sua vitrine irresistível aos passantes: pilhas de baguetes, *croissants* e *macarrons* coloridos como a primavera que ficara para trás, todos organizados formando um horizonte como o dos castelos do Vale do Loire, terra que Moisés conhecia bem, não lembrava em detalhes devido à idade, pois o tempo tem seu preço, mas visualizava o local onde vivera a infância nos campos, comendo uvas frescas, pescando nos riachos e ouvindo, quase sempre, tristes histórias da guerra que por ali ocupou os castelos durante um bom tempo. Na verdade, um tempo que não teve nada de bom, mas que existiu e precisava ser lembrado para que não voltasse a acontecer. Já a sua juventude passara por ali mesmo, nos

arredores do Bairro Alto. De tanto caminhar e observar tudo, conhecia bem suas ruelas e escadarias. Sua família chegara à colina para trabalhar nas poucas vinhas que restavam na região; com o passar do tempo, Moisés foi conhecendo as artes e se apaixonando por aquele mundo de noites festeiras frequentadas pelos mais importantes nomes da cultura parisiense. Os grandes pensadores eram sempre vistos a certa distância, mas inspiravam as mentes fervilhantes que por ali brotavam aos montes.

Alguns passos à frente e lá estava ele, sentado como de costume no aconchegante assento da cadeira, estrategicamente posicionada na mesa do canto do salão, logo à frente do balcão de pães, com vista privilegiada para a pequena *Rue Alfred Stevens*, uma ruazinha curta, sem saída e com uma escadaria no final onde uma pequena placa metálica, de cor azul, pendia inclinada presa em apenas um parafuso (já enferrujado). A placa indicava a *Passage Alfred Stevens*, um corredor quase sempre escuro, vez ou outra salpicado de neve, dependendo da direção do vento (que na noite passada parecia vir de todos os lados), um acesso quase que secreto ao *Boulevard De Clichy*, este já com um intenso movimento, uma grande avenida de árvores perfiladas, calçadas largas e inúmeras lojas em sua extensão, uma das artérias que margeiam o charmoso bairro do *Montmartre* fazendo a divisão do 18º com o 9º *arrondissement*, como são chamados e distribuídos os vinte distritos de Paris, todos em sentido horário, partindo de um ponto central, o imponente Museu do *Louvre*.

Jean, o jovem e simpático balconista, gritou:

— Momo, hoje um cappuccino para espantar o frio, pode ser?

Apenas com um sinal, Jean já sabia: um cappuccino e um *croissant* para a mesa em frente ao balcão. Era o de sempre, suficiente para manter aquele corpo aquecido por algumas horas.

O bonito e, ao mesmo tempo, interessante de um lugar assim não eram somente as pessoas e seu ambiente aconchegante, ali se via de tudo,

os pedestres passavam rápido, correndo, os desavisados quase caindo ao pisar na primeira neve do inverno depositada próxima à fonte, no pé da escadaria. E então ele falou alto, quase como um narrador:

— Jean! Lá se vai o primeiro ao chão... Começou o inverno em Paris, meu amigo padeiro!

Durante a estação gelada, um dos divertimentos matinais desta dupla era cuidar dos passantes através das grandes — e agora embaçadas — janelas de vidro, que ficavam próximas da mesa de Moisés, local perfeito para observar o cotidiano daquela ruazinha que traduzia a calma e a vida local que, em outras épocas, reinou pelo bairro. Estar ali era como viver momentos bem parecidos com os pintados nas telas de *Alfred Stevens*, pintor belga que dava nome à singela ruela sem saída que mantinha a cara da tranquila Paris do passado, a Paris de antes da criação dos grandes *boulevards* de Eugene Haussmann, quando a Cidade Luz se resumia a pequenas e estreitas ruelas com resquícios aparentes de sua extensa muralha, ainda hoje vista em locais pontuais que buscavam preservar parte da história francesa.

Jean era um jovem padeiro de 28 anos, nascido ali mesmo no bairro, trabalhava no ofício dos pães havia 5 anos. Filho de um jovem casal aventureiro que imigrara do norte da França, da cidade de Amiens, local onde estava o túmulo do, também aventureiro, **Júlio Verne**. Seus pais faleceram tragicamente quando ele completou a maioridade, o que fez com que Jean se aproximasse de Moisés (em um daqueles encontros do destino) durante seus passeios, talvez vendo naquele senhor uma figura paterna, quem sabe o avô que ficou para trás e nem conhecera, alguém com quem podia conversar e entender a vida, aprender sobre ela, ouvir conselhos, contar experiências e jogar conversa fora... Isso Jean sabia muito bem fazer, era um rapaz simpático e muito adorado por todos que o conheciam. Na busca por entender a existência, nada melhor que

entendê-la com alguém que a vive, alguém que, mesmo não sendo o melhor exemplo, fazia dela algo simples e belo... Apenas vivendo um dia após o outro, saboreando bons momentos de amizade, flanando com o bairro e transportando cuidadosamente cenas do cotidiano para as telas vibrantes, um realismo de cores.

Capítulo 1

Subindo a *Rue des Martyrs*, em direção à colina, vinha Moisés olhando para os lados, observando as fachadas coloridas dos estabelecimentos. Não cansava de fazer isto, em especial a de uma barbearia que costumava frequentar vez ou outra. Aquela fachada ocre com detalhes em azul sempre lhe fazia pensar em matizes, combinações de cores, estas que mais tarde se tornariam inspirações para sua alquimia de tintas na velha bancada ou, quem sabe, inspirações para seus sonhos. “Cores para seus sonhos”... Isso sempre o fazia acordar muito bem.

Mas o inverno que chegara rigoroso não dava trégua e, para um senhor de certa idade, não era muito agradável carregar aquele casaco de lã pesado e grosso cheirando a fundo de gaveta, uma armadura medieval que o deixava cansado e com movimentos limitados, mesmo andando a passos calmos, até porque a pouca neve que ainda restava nas calçadas poderia dar-lhe uma rasteira tão rápida e dolorosa quanto pudesse imaginar. Era uma sorte o sol surgir por entre as nuvens e derretê-la antes que isso acontecesse de fato. Agora o visual das ruas era uma mistura de neve derretida com sujeira, algo como uma pasta escura que brigava com as cores vivas de alguns estabelecimentos.

As pessoas por ali andavam encolhidas, com a expressão contraída e olhos entreabertos, via-se os cachecóis voando como flâmulas nas torres dos castelos de sua cidade natal. Seguindo seu caminho, Moisés parou na lojinha de tintas, comprou alguns tons de vermelho que lhe faltavam para acabar uma encomenda que um turista espanhol lhe fizera, na semana anterior. Era uma cena de tourada, daquelas onde o vermelho sobressaía sobre todos os tons, onde se podia ver o sofrimento do animal indefeso, algo que Moisés não concordava, gostava apenas nas telas, pois era dramático pintar uma cena destas, triste. No fundo, preferia não acreditar que aquilo pudesse ser verdade por lá, maltratar um animal daquele jeito não era correto. Mas, infelizmente, tinha que ganhar para sobreviver. Pintar era seu trabalho e sua paixão, se pudesse escolher o que colocar em suas telas, pintaria apenas retratos, retratos de belas moças ou cenas das ruas, observador, o bairro lhe atraía sempre. O olhar atento congelava instantâneos das ruas, cenas únicas que possivelmente apenas o pintor captava. Era enxergar e não somente ver, era analisar cenas simples, porém, ricas em detalhes ao seu olhar experiente.

Certa vez, um turista alemão, bastante excêntrico, pediu que lhe fizesse um retrato de corpo inteiro, pagara-lhe uns bons francos, mas havia uma condição: queria posar lá mesmo, em seu estúdio, em meio às telas e que fosse nu, apenas de meias brancas, de pé em um pedestal, com a pose de Davi de Michelangelo. Moisés não pensou muito e, esbravejando, dispensou o alemão.

— Isso não faço, gostar de pintar retratos é uma coisa, fazer tudo pelo dinheiro não dá, vá ficar nu lá no Jardim dos Ingleses! — pensava ele enquanto fechava a porta com força. Tudo pode ser arte, porém, a arte era sua maneira de ganhar a vida, gostava de pintar aquilo que lhe dava prazer, lhe satisfazia visualmente, o suficiente para viver sua vida solitária, trabalhar com o que amava e porque realmente queria fazer.

Sua companheira era a arte. Algumas noites deixadas de lado para se divertir com outras arteiras companheiras. Mas isso é um caso longo, são outros tempos, outras memórias.

As pernas começavam a doer, já estava em frente ao cavalete finalizando a tourada havia pelo menos umas 6 horas; os detalhes da multidão, a expressão dos olhares, isso tudo tomava um bom tempo nas finalizações das telas de Moisés, expressões beirando o realismo eram sua marca. Algumas últimas pinceladas e, então, estava tudo pronto. Se afastou e, encostado em uma pilha de madeira que usava para fazer seus gabaritos, observou a tourada por uns 30 minutos enquanto limpava os dedos com um pano branco já bastante manchado de vermelho. Achou aquela cor exagerada em certo ponto, chegou a resmungar consigo mesmo, mas voltou a olhar e consentiu, aquilo era necessário para direcionar a atenção para o touro, figura principal e central naquela cena triste, dramática e brutal. Cobriu a tela com um pano branco bem leve, quase translúcido, assim ficaria protegida de qualquer inseto que resolvesse pousar na tinta fresca e conhecer Pamplona, na Espanha, de carona, no lombo da tourada.

Olhou pela janela e viu que a lua estava alta, um céu limpo e carregado de estrelas, uma noite bem melhor que a última, mas o frio, carrasco dos ossos, não dava trégua nem mesmo dentro do estúdio. Por instantes enxergou, assim como no passado Vincent Van Gogh enxergara na janela de um sanatório, longe da poluição luminosa dos tempos de hoje, o tapete de estrelas em um céu azuladamente limpo e pulsante, a ordem no caos, aquele momento era *A Noite Estrelada* de Moisés, uma bela noite fria de céu limpo, rica em tons de azul e brilhante com um manto estrelado.

Alguns minutos observando o pouco movimento na rua foram suficientes para decidir sair e, como de costume, caminhar uns quarteirões até a *Placedes Abbesses*, local pequeno sem muito charme se comparado às

grandes praças de Paris, mas um local onde velhos amigos costumavam tomar algumas garrafas de vinho e jogar conversa fora. Próximo à *Rue d'Orsel*, em frente ao restaurante libanês, avistou um casal chegando à esquina, ele com o braço por sobre os ombros da moça, ela com a cabeça levemente inclinada sobre ele, ambos já não andavam em linha reta, na mão esquerda dela uma garrafa de vinho, na mão direita dele um saco de papel um pouco amassado em formato cilíndrico, provavelmente outra garrafa para aquecer a noite de festa. Moisés, observador e atento às cenas que para muitos passavam despercebidas, enxergou aquilo como uma bela tela, quem sabe pintaria ela um dia, registrou na memória seus tons azuis escuros, leves sombras amareladas refletidas nos ladrilhos úmidos da rua, a roupa pesada do casal, a maneira como se aninhavam um no outro... Daria uma linda obra de arte, poderia facilmente combinar o ocre e o azul da barbearia em uma nova tela, era só conseguir lembrar-se dos detalhes quando então resolvesse transpor para as tintas o que vira, não seria algo fácil para uma mente já enferrujada por lembranças, um baú de cenas guardadas que raramente conseguiam sair para as telas. Mas tentaria, caso lembrasse, essa era sua inspiração, as ruas e sua vida.

A pequena praça, que outrora já fora vizinha de Théo Van Gogh, nesta noite servia de palco para meia dúzia de amigos que entornavam algumas garrafas de vinho, pelo chão encontravam-se rolhas e alguns pingos de vinho tinto barato refletindo o colorido das luzes do carrossel que por ali iluminavam timidamente o ambiente. Casais de namorados se beijavam próximos às árvores, trocavam juras de amor e observavam os poucos turistas que se arriscavam a um passeio naquela noite de inverno de 1980.

Com passos calmos chegava Moisés, ele não era desses fanfarrões que passavam a noite pela praça bebendo e falando alto, gostava mesmo era de rir com esse pessoal ouvindo suas histórias, uma mais engraçada que a outra, comer uma baguete com queijo e saber dos acontecimentos do

bairro, isso era mais abrangente e real que qualquer jornal, sabiam de tudo e de todos. Pierre, um velho sapateiro, bebeu tanto como de costume, que já nem o frio o incomodava. Gesticulava e dizia em tom de uma rima fraca:

— O inverno que chega é o adeus do calor! Moisés, diga que isso não é uma verdade, amigo pintor?

— Pierre... Meu caro, isso todo mundo sabe! Diga algo novo para um velho que passou o dia com a cara enfiada nas tintas, pintando a crueldade do homem!

E assim seguia a conversa, sem compromisso, sem rumo, só alegria e descontração que somente amigos de longa data sabiam compartilhar.

Passaram-se as horas e Moisés foi se despedindo dos poucos que ali restavam, só mais uma olhada no seu brilhante relógio de bolso para conferir e os ponteiros sobrepostos já marcavam “meia noite”. O simples gesto de levantar a mão direita e desencostar do banco que se encontrava desconfortavelmente sentado, já bastavam para que, em coro, todos se despedissem do amigo.

— Vá com Deus pintor! Um brinde para Momo! — e lá se iam mais algumas gotas para marcar o ladrilho da praça, era como uma marcação de território, uma assinatura coletiva, por ali havia passado gente que sorria com a vida.

O cachecol bem enrolado se agarrando na barba por fazer, a gola do pesado casaco de lã levantada fazendo seus finos cabelos brancos tremularem ao vento e com as mãos aquecidas nos bolsos, Moisés ia descendo a rua invencível em sua armadura contra o frio, porém, levemente curvado em uma tentativa involuntária de manter-se aquecido até adentrar seu lar e acomodar-se em suas cobertas. Sempre com calma e observando tudo que acontecia à sua volta, percebeu que lá vinham subindo duas moças muito falantes, as vozes ecoando pela rua estreita e fazendo acender algumas janelas. Um jovem em uma lambreta passou

rápido, quebrando de vez o silêncio e, com apenas uma das mãos, jogando beijos, quase indo ao chão naquelas pedras molhadas de sereno; as moças acenaram e, em um gesto rápido, caçaram os beijos no ar como quem caça vagalumes na noite. Moisés logo percebeu que só poderia se tratar das belas Marie e Elizabeth, suas dançarinas preferidas, algumas portas à frente e estava comprovado: Marie, uma jovem alta de cabelos longos já vinha falando como quem se dirige a uma criança.

— Momo, meu querido, o que faz na rua a esta hora, meu doce?

— Já sei, vem da praça, devia estar com aquele bando de bêbados! — retrucou Elizabeth por trás de uma nuvem de fumaça de seu inseparável cigarro.

— Sim, minhas queridas, esse velho pintor estava ouvindo as maluquices de Pierre e sua trupe, isso sempre me inspira, vocês sabem, é a vida e é uma boa maneira de me inspirar e me informar das coisas.

Moisés falava como quem desse conselhos para duas netas, sentadas na varanda em uma tarde de biscoitos com os avós; existia um sentimento no ar, o sentimento da amizade verdadeira, o sentimento de união com figuras pontuais do bairro, um círculo de amizade importante para quem vivia só em um local onde pouco se via pessoas passeando desacompanhadas, quase sempre famílias ou casais de turistas frequentavam o bairro.

Marie completou:

— Momo, querido, você precisa aparecer mais vezes em nossa casa. Nos deve uma visita! Sempre é bem-vindo com seus conselhos e sua simpatia, docinho.

— Sim, sim, pequenas, outro dia passarei lá antes de abrir.

E se despedindo, seguiu seu caminho acenando para as duas que olhavam com um semblante onde dó e admiração se misturavam. O velho Moisés sempre foi bem querido por todos, admiravam-no, pois era alguém, aparentemente, sem problemas na vida, sentiam dó, pois a vida lhe deixara só.

Não compreendiam muito bem como poderia ter acontecido algo assim, mas gostavam muito do respeito e da forma como “Momo” as tratava.

Moisés era como um conselheiro das meninas, elas tinham uma vida noturna em uma casa de *shows*, dançavam com seus vestidos pomposos e cheios de babados, a maquiagem forte as deixava com cara de bonecas russas, o público adorava e batia palmas de pé, alguns abusados confundiam as coisas e queriam abraçá-las com segundas intenções, sendo logo retirados do palco aos empurrões. Quando dava 19 horas, uma hora antes de abrir a casa, Marie e Elizabeth se reuniam na porta para saudar os passantes e convidá-los para o *show*, que não era exclusivo delas, mas era um dos mais lotados da casa, lhes rendendo quase sempre um bom cachê e permitindo que se vestissem bem e desfilassem pelo bairro, mas sem perder a simplicidade e o charme do *Montmartre*.

Depois de mais alguns acenos pelo caminho, Moisés chegou ao seu estúdio e aos poucos ia se preparando para descansar. O som do vento, que aumentara repentinamente, em alguns momentos ressoava pela rua e o silenciar da noite só era atrapalhado por alguns gatos que, fugindo do frio e atrás de comida, derrubavam caixas e latas escada abaixo, fazendo Moisés piscar e retornar de seus pensamentos enquanto tentava encontrar o sono.

A temperatura seguia baixa durante a noite, poucos eram os sons que vinham das ruas do *Montmartre*, um bairro que outrora fora o local onde mortos se tornavam mártires — como no século III, em que São Dionísio fora decapitado pelos romanos no alto da colina —, e, em meados de 1860, o bairro fora se formando e se transformando em uma referência artística na margem direita do rio Sena, local de reuniões de grandes nomes das artes como Monet, Van Gogh e Renoir, muitos viam nos seus bares e cafés o local perfeito para a troca de informações, as discussões políticas e artísticas falavam alto por lá, um bom local para se dizer o que se pensava na época sem medir palavras, um prato cheio para a criatividade que daria

o charme de hoje ao bairro. A vida boêmia ainda se fazia presente, mas neste momento um pouco mais encolhida, quieta e curvada devido ao inverno que não perdoava e chegava forte numa madrugada de nevasca e num amanhecer cinza, típico da estação no velho continente.

Capítulo 3

Eram 9 horas da manhã e, como de costume, Moisés esticou os ossos para um novo dia, um sábado que provavelmente ele não iria esquecer tão cedo. A primeira visão daquela manhã foi o cavalete coberto com um pano branco, como um fantasma à espreita no meio do estúdio. Lá estava a tourada pronta para ser entregue. Uma olhada pela janela e só foi possível ver parte daquele céu cinza, e assim como a tela envolta em um manto branco, também estavam os famosos telhados de Paris, os carros e tudo que ficara ao relento testemunhando aquela noite. Pelo jeito a neve chegara para ficar.

Hoje, abrir a pesada porta amarela precisou de um esforço maior, o gelo depositado no degrau agarrou a porta e fez Moisés usar um pouco mais de força que a habitual para que pudesse sair de sua morada e vislumbrar o branco ofuscante das ruas por inteiro. Foi só abrir a primeira fresta e o ar gelado tomou conta do ambiente, um sopro rasteiro e frio jogou o pano branco no chão como uma folha seca de outono. Flocos de neve no casaco preto do pintor lembravam as estrelas da noite anterior, o rosto ainda se contraiu com o excesso de luz refletida na neve e, logo, logo, suas

botas surradas deixariam pegadas escuras na neve acumulada na calçada a caminho da *boulangerie Tout Le Monde*, onde um café quente e um bom papo com certeza o aguardavam.

Jean avistou o amigo entrando no estabelecimento; o abrir, mesmo que rápido, da porta foi o suficiente para deixar alguns fregueses com a cara franzida de frio por alguns instantes, mas isso logo passou, pois o calor que vinha do forno aos fundos da padaria era providencial para manter o local aconchegante para quem, como Moisés, tinha o costume de sentar-se ali e ficar por algumas horas observando a rua, o entra e sai das pessoas ou somente a espuma do cappuccino se desfazendo com o tempo.

— Jean, veja um cappuccino em uma caneca maior e um *croissant* bem quentinho, que hoje o dia está pedindo. — disse Moisés, esfregando as mãos e se aproximando da sua mesa preferida.

— Pode deixar meu caro! — exclamou Jean, fazendo sinal de continência, emparelhando os dedos próximos à testa como um soldado ao seu superior.

Uma senhora, que levava alguns *macarons* verdes e amarelos, passou por Moisés arrastando os pés e resmungou a respeito do clima, Moisés apenas consentiu com a cabeça e seguiu degustando seu cappuccino. Quase acabando seu desjejum, se recostou na cadeira e ficou observando o céu cinza através do vidro embaçado, iria ficar por ali até chegar o meio dia, o horário combinado com o espanhol para entregar a tourada. Moisés não percebeu que o salão já estava vazio, apenas um rapaz pagava um café no caixa e pedia informações para a dona, que ficava o dia todo sentada lendo sobre a vida dos artistas de cinema. E sem perceber, começou a falar em um tom um pouco mais alto para Jean ouvir:

— É, meu amigo... Esse céu cinza fechado anuncia que o dia, quem sabe até a semana, será feio hein... O que me diz? — e antes mesmo de

ouvir uma resposta do amigo continuou a falar. — Até o movimento da rua está devagar, veja aquela mocinha de cachecol vermelho no final da escadaria, quase sendo levada pelo vento... — e nisso ficou mudo, calado, quieto como na noite anterior, o que vira mudaria seu dia, quem sabe sua vida? Seu passado, seu presente e seu futuro?

A rua quase deserta, apenas coberta com uma camada fina da neve, quase permitia enxergar o vento passando apressado. Lá vinha ela, descendo a calçada e cruzando a rua próxima à fonte do final da escadaria. De longe Moisés acompanhou com o olhar, como se o tempo diminuísse o seu ritmo, presenteando-o com a cena mais bela que jamais havia visto. Mesmo para quem sempre observava tudo por ali, esse era um momento diferente, algo estava sendo projetado em sua cabeça.

A jovem caminhava depressa, como se estivesse atrasada para algo extremamente importante, depressa, mas com leveza e atenção para não escorregar no gelo que tomava conta da calçadinha estreita, o que conferia um charme ao seu andar, levando Moisés a ouvir uma doce sinfonia regida por seus passos musicais. Ao passar em frente ao vidro da *Tout Le Monde*, como que por um milagre, o céu deu uma chance às lembranças do pintor, iluminando seu velho baú de memórias; as nuvens deixaram passar um fraco raio de sol matinal, um tom bronze, que banhou a delicada moça e ressaltou, brevemente, sua pele clara, suas bochechas rosadas pelo frio eram como pintadas por tons cuidadosos, precisas e delicadas pinceladas de um pigmento inexistente nas prateleiras escuras da lojinha de tintas. Um rosto angelical e perfeito como das belas pinturas de *Alfred Stevens*, o qual nomeava aquela pequena rua, agora presenteada com tamanha beleza, local perfeito para tal acontecimento. Era como se uma de suas telas ganhassem vida e resolvesse desfilar aos olhos do velho Moisés, uma visão surreal.

Por pouquíssimos instantes ela elevou o olhar para o céu, surpresa

com aquele inesperado raio de sol. Seus olhos verdes fizeram Moisés sentir o mais fresco aroma dos bosques, visualizando todos os tons daquela cor que já havia passado por sua vida. O leve apertar dos olhos surpresos com a luz repentina fez a moça baixar a cabeça e seguir sua caminhada. Seus belos cachos cor de fogo foram deslizando levemente por ombros curvados, braços delicados envoltos em uma veste quente, apertaram forte junto ao corpo o que parecia ser livros ou cadernos, algo retangular e de certa importância para ela visto o modo como segurava. E assim, continuou a vencer o vento regendo a sinfonia dos passos até virar na *Rue des Martyrs* e deixar Moisés com uma expressão indecifrável, somente voltando a si quando relaxou o olhar e percebeu que o céu se fechara novamente. Seu rosto refletido no vidro lhe dizia que aquele momento, aquela visão tão bela, era algo diferente, algo especial que mexera com suas lembranças, com algo guardado a muito em sua mente e que o deixaria inquieto por um bom tempo.

Em segundos, Moisés virou-se e, como uma metralhadora no *front*, começou a disparar na direção de Jean:

— Você viu que coisa mais bela? Viu a moça de cabelos cor de fogo que passou aqui, agora? — disse com uma empolgação e uma expressão jovial igual a de um menino diante de um daqueles mágicos de rua que, com um simples chacoalhar das mãos, faz aparecer um colorido carrinho de madeira pronto para correr pela rua. Jean sorriu e disse:

— Que é isso, Moisés? Agora deu pra ficar apaixonado por menininhas que passam pela rua? — falou Jean em tom de brincadeira, chegando ao balcão carregado com uma grande forma envolta pelo aroma da nova fornada de *croissants* dourados.

— Tenha mais respeito, padeiro! — esbravejou Momo. — O que passou aqui foi a mais bela moça que já vi em toda minha vida! Uma cena belíssima que você perdeu e talvez nunca mais veja! — exclamou ao mesmo tempo

em que ficou pensativo sobre nunca ter visto um rosto assim.

Algo naquela moça lhe chamava a atenção como poucas vezes acontecera. Não era algo normal, por isso seu espanto e sua euforia. Moisés via gente por todos os lados, todo o tempo, o bairro, na maioria das vezes, fervilhava de transeuntes, mas algo ali estava diferente, transmitira algo que não havia sentido até então.

Jean fechou um pouco a cara e com o respeito que tinha pelo amigo, como um neto que falara bobagem, se desculpou, parando atento para ouvir a descrição detalhada que Moisés fazia da moça. Apoiados no balcão, face a face, o pintor e o padeiro estavam prestes a se apaixonarem por alguém de quem nem sequer o nome sabiam, nem sequer sabiam exatamente se existia mesmo, cada um ao seu modo, mas os dois seriam tocados por algo que faria estreitar ainda mais a relação de amizade e respeito que cultivavam um pelo outro. Então, com os mínimos detalhes, Moisés desenhou na mente de Jean todos os toques daquele momento mágico: o sol, a face rosada, os olhos verdes intensos, o andar delicado e ao mesmo tempo apressado e determinado a vencer o vento, o cabelo de fogo com os cachos acompanhando o cachecol esvoaçante e vermelho. Até mesmo o gesto com o qual segurou os livros (ou cadernos, não sabia ao certo) Moisés reproduziu apertando o menu que estava em cima de uma mesa ao lado do balcão. Momo parecia um intérprete do teatro, envolvendo a mente de Jean de tal maneira que nem piscava para prestar atenção ao amigo.

Aquela cena tão bem interpretada, tão fiel e verdadeira, teve uma descrição tão intensa que Jean conseguiu imaginar por completo o momento e sua importância ao ponto de adivinhar elementos que somente o pintor presenciara. A conexão entre os dois era algo único! Quando menos percebeu já estava desejando ter deixado queimar aqueles malditos *croissants* no forno e em troca ter permanecido no balcão, contemplando

aquela que seria a mais bela moça que já passara na frente daquelas janelas, agora embaçadas e com uma vista rotineira e sem grande importância.

Minutos se passaram e o assunto entre os dois não mudou de rumo. Moisés descreveu tudo tão bem e com tantos requintes que o padeiro sentiu algo diferente na história do pintor. Inventar mentiras não era costume do amigo e Jean sabia bem disso, talvez por isso tenha ficado tão interessado na moça e prometera a Moisés redobrar a atenção nas grandes janelas para tentar identificar um próximo rasante celestial daquele anjo descrito por Momo. Qualquer pessoa talvez visse aquilo tudo como uma coisa normal, corriqueira até, mas a experiência de vida do pintor lhe dizia que algo tocou sua alma, como o sino do destino despertando sua memória para algo maior, entregando-lhe o rosto de um anjo que deveria ser percebido de forma especial e quase mágica. Tudo tinha um significado implícito.

As horas foram passando e Moisés ainda tinha um compromisso com o espanhol, sempre rigoroso em seus horários, despediu-se de Jean e com olhos nos olhos, os dois sentiram que aquele momento especial se tornaria algo maior, um “até mais!” com certa emoção e Moisés ganhou a rua para caminhar até o estúdio e cumprir o compromisso firmado com o dono da obra encomendada.

Moisés estava inquieto no estúdio, sentava em uma cadeira, levantava, olhava suas telas em branco, organizava pincéis, espiava pela janela, nada tirava da sua cabeça a cena vivida na *Tout Le Monde* momentos antes; era como se algo quisesse aflorar em sua lembrança, sair do escuro do esquecimento, mas não encontrava caminho, forçando a passagem e despertando uma inquietação constante. Meio dia em ponto e o som de três fortes batidas na porta desligaram um pouco sua mente daquela cena, mas certamente não por muito tempo. Era o espanhol que chegara para buscar a tourada.

Gordo e forte como o animal retratado na tela, o espanhol apertou firmemente a mão do pintor e foi entrando. Ali estava ela, a cena forte que pedira para Moisés criar, pronta para ser apreciada em sua casa no centro de Pamplona. Muitos elogios e agradecimentos depois e, enfim, o espanhol pagou a Moisés uma bela quantia em francos, se despedindo do pintor rumo ao aeroporto, de onde, logo mais, à noite, iria partir para seu país, levando a lembrança debaixo do braço. Uma autêntica tela pintada no bairro parisiense das artes.

Ao mesmo tempo em que Moisés guardou o dinheiro na pequenina caixinha de madeira, no armário de roupas próximo à bancada, Jean, no seu trabalho, sentava-se em uma cadeira e observava a rua na esperança de ser agraciado como Momo havia sido naquela manhã, mas não parecia ter a mesma sorte, apenas uns escorregões e as mesmas pessoas de sempre pra lá e pra cá.

O dia seguiu com aquele clima cinza, pesado, isso fez com que o movimento na padaria se resumisse a pouquíssimos clientes, dando mais tempo para o padeiro fantasiar sobre a bela moça descrita pelo amigo. A dona da padaria conta uns trocados no caixa e resolve dar uma olhada nos estoques, pedindo a Jean para cuidar do caixa enquanto ela verifica se está tudo em ordem lá nos fundos do estabelecimento.

Jean ficou sozinho e pensativo por algum tempo, tentando entender tudo aquilo que o amigo plantara em sua mente. Algo fora do normal para a rotina dos dois. Moisés pensativo se debruça em sua mesinha abaixo da janela de cortina xadrez, um momento de pura introspecção fez com que o pintor repassasse mentalmente o que acontecera na *boulangerie*, logo cedo. E tentando entender o motivo para a importância tamanha que ela tivera para ele...



Capítulo 4

Na rua de cima, o *Boulevard De Clichy* seguia sua rotina movimentada, mesmo com a neve nas ruas, aquela larga avenida que cortava o bairro mantém seu fluxo, mais lento, é claro, mas ainda agitado. Os carros passavam um pouco mais devagar que o normal, mas não o suficiente e acabaram por causar um pequeno engavetamento; uma senhora elegante, porém, desatenta, freou tarde demais e bateu na traseira de um furgão de entregas, que por sua vez deslizou e bateu na traseira de um táxi que havia parado para descarregar algumas malas de um rapaz. Os carros amassados e desalinhados na rua, aquele clima chato de disputa de quem é o culpado, resultado das intempéries de uma noite que depositou neve pelos caminhos e fez todos, ou quase todos, tomarem mais cuidado na sua rotina. Alguns poucos turistas coreanos se dirigiam para a basílica de *Sacré Coeur*, apontando suas câmeras para todos os lados, subiam a *Rue des Martyrs* como uma tropa de *paparazzi* no encalço de Lady Di, fotografando tudo e todos.

Aos sábados, as ruas ficavam um pouco mais calmas, ao menos as ruas menores longe das praças principais, das igrejas e dos pontos turísticos citados nos inúmeros guias de viagem; as pessoas gostavam de ficar em

suas casas nesta época e como as construções ficavam muito próximas umas das outras, era comum ouvir algumas conversas de janela para janela, mas aquela chegada do inverno tornava mais interessante ficar em casa protegido pela calefação e deixar que os corajosos se divertissem com bolinhas de neve que raspavam o teto dos carros ou dos degraus das inúmeras escadarias do bairro. Na verdade, nada de muito novo para aquele sábado de dezembro nas redondezas da *Rue Alfred Stevens*.

O vento já soprava um pouco mais fraco, a neve não aumentou e as luzes começam a se acender pela cidade. Na bela estação do metrô *Abbesses*, inaugurada no final de 1912, pode-se ouvir o som de jazz, produzido por algum artista de rua, ressoando na plataforma, no subsolo, e subindo os 36 metros pela escada caracol até o nível da rua. O simples, mas harmonioso, som fazia alguns poucos boêmios da *Place des Abbesses* acompanharem o ritmo batendo, quase sem perceber, os pés no chão enquanto tomavam vinho e conversavam sobre os mais diversos assuntos.

Caiu a noite e nela continuava a angústia de Moisés, que revia *flashes* da garota de cabelo vermelho. Nada perturbador demais, mas o suficiente para lhe deixar inquieto, hoje ele não iria caminhar pelo bairro como de costume, não veria Marie e Elizabeth na porta da *La Maison Vert*, nem Pierre e outros bêbados. A noite seria dentro do aconchegante estúdio, ao menos seu corpo estaria por lá... Porque seus pensamentos não se sabia por onde vagariam, para que época iriam lhe levar e o que iriam revelar, de fato.

De uma hora para outra, Momo começou a separar tintas, pincéis, e montar o cavalete para tentar transpor seus pensamentos para uma grande tela que estava montando. Esticou um pano branco sobre a esquadria de madeira e o prendeu com tachinhas afiadas, às quais segurava agilmente nos lábios apertados. Depois de algumas martelas cuidadosas, estava pronto para começar. Sob sua cabeça desceu um fio torcido e empoeirado

com uma lâmpada incandescente iluminando, de modo não tão correto e suficiente, aquele ambiente de criação, dando início à pintura.

Entre os dedos estava uma fina barra de carvão partida ao meio, pronta para deslizar deixando como rastro as primeiras linhas, uma suave e longa curva começava a delinear os limites de um rosto. Moisés estava em intenso processo de criação, se desligara completamente de tudo, dialogava intensamente com seu interior, o relógio em cima da mesinha xadrez parecia ser o único som em todo o bairro, o bater de pincéis na tela soavam como tambores em uma orquestra, regidos pelo maestro que traduzia todo seu conhecimento, experiência e talento em uma obra de arte. As horas passaram depressa e Moisés continuava a pintar, já passava das 5 da manhã e, depois de algumas paradas para observar o retrato que estava se formando, Moisés percebeu algo diferente naquela pintura: o rosto que lhe olhava mostrava algo familiar, trazendo de volta lembranças vividas havia algumas décadas.

Aqueles tons laranja dos cabelos quando observados à distância, com calma e concentração, acariciados com os olhos, faziam brilhar em sua mente um raio de sol das lembranças apagadas por algumas décadas de solidão. Rapidamente, Moisés foi remetido a meados de 1954 e então começou, freneticamente, a relembrar. Um largo sorriso tomou conta de seu rosto, um brilho cada vez maior nos olhos e uma sensação de que o mundo girava ao seu redor, que seu corpo era invadido por uma energia revigorante, rejuvenescendo o pintor e fazendo-o sentir-se novamente com seus saudáveis e bem vividos 34 anos. O baú se abriu, a máquina do tempo das lembranças estava funcionando a pleno vapor.

Com as mãos na cabeça, Momo gargalhou de pura alegria, uma gargalhada carregada de jovialidade e que, neste instante, lembrava e, por instantes, chegava a sentir a bela Anne, com quem flertara naquela época. Uma ruiva linda, polonesa que estava de passagem por Paris e

acabou nos braços do jovem Momo por pouco mais de duas semanas de passeios, beijos, fotografias, rosas e sentimentos eternos.

A semelhança da moça da manhã anterior com sua Anne era incrível, se não fosse tão nova, com toda a certeza era Anne que retornara ao bairro. Moisés não conseguia entender como poderia não ter lembrado na mesma hora em que a avistou ao final das escadas. Talvez a rotina tenha deixado sua mente um pouco enferrujada, algo fez os bons tempos sumirem de sua mente. Ter aquela lembrança, enxergar Anne no rosto da jovem apressada de olhos verdes, trouxe um novo animo para Moisés, fez com que sua vida, naquele exato momento, ganhasse um objetivo real, além de apenas viver um dia após o outro. Encontrar aquela moça, ao menos para olhar um pouco mais ou até mesmo trocar meia dúzia de palavras, já seria ótimo, quem sabe assim ela não ajudasse Momo a relembrar mais coisas boas de um passado esquecido? Isso seria perfeito para a vida do pintor, traria inspiração, traria uma alegria há muito não sentida. Porém, fazer isso não seria tarefa fácil, ele nunca havia percebido aquela jovem pelas ruas do bairro, se a tivesse visto antes, com toda certeza, saberia, ainda mais agora que acreditava estar com suas lembranças revigoradas e saudáveis.

O dia já estava quase amanhecendo e o corpo também precisava descansar, senão, assim como suas lembranças, acabaria enferrujado, travado no tempo. Mesmo eufórico e visualizando todos os bons momentos com Anne, a polonesa de *Poznan* e de cabelos ruivos que despertaram suas lembranças, Moisés vai se recostando sem tirar os olhos da tela, na qual faltam apenas algumas finalizações e pequenos detalhes que não poderiam deixar de se fazer presentes em um retrato de tamanha importância para se transformar em um belo quadro da enigmática jovem da *Rue Alfred Stevens*. Um resto de noite com bons sonhos esperava por Momo.

Capítulo 5

O relógio despertou mais tarde, 9h30 da manhã, Jean rolava na cama, relutando contra a vontade de ficar dormindo durante todo seu dia de folga; as cobertas o agarravam como mãos de ninfas, acariciando-o naquele momento entre o inconsciente do sono e a razão no grito incessante do despertador lutando para fazer seu dia render. O domingo não era para ser jogado fora, um dia mais ameno na rua e o jovem padeiro tinha resolvido sair para dar um passeio, quem sabe uma caminhada às margens do Sena, como era costume nas suas folgas, ou ainda visitar alguma galeria de arte para entender melhor as reflexões do amigo Momo sobre o assunto ou, então, aproveitar para fazer alguma compra de inverno. O frio sempre pede mais alguma luva ou um gorro novo, objetos que Jean encontrava nos ambulantes e que cabiam no bolso do jovem trabalhador apenas por ter boas amizades com alguns vendedores, pois estes sabiam que não estavam vendendo para nenhum turista, estavam comercializando com um jovem trabalhador local que conheciam das idas e vindas de seus passeios; já outros o conheciam de empregos passados como era o caso de Havie, um belga que trabalhou com Jean por uma breve temporada na

entrega de queijos de uma fabriqueta no *Marais*. Havie tocava uma banca destas que vende de tudo, mas devido à estação, investia em suvenires de inverno como gorros e luvas estampados com motivos turísticos, facilmente vendidos para visitantes pegos de surpresa pelo frio intenso.

Jean morava em uma pensão a poucos quarteirões do famoso *Cimetière du Père Lachaise*, local onde famosos nomes da cultura mundial descansam em paz: Jim Morrison, Edgar Degas, Léon Foucault, Théophile Gautier, Allan Kardec, Laura Marx, entre outros mitos da história do cinema, das artes, da política, pilares de toda a cultura francesa e mundial. O cemitério é um dos maiores de Paris e um lugar bastante visitado na cidade. Jean achava estranho gostar de um passeio mórbido como este, mas os turistas costumam fazer este roteiro sim, talvez se sentissem mais vivos em meio aos túmulos, alguns até pareciam esculturas em uma exposição fúnebre, universalmente silenciosa, mas com sua beleza particular, neste lugar onde o padeiro só entrava para cortar caminho com sua bicicleta, vez ou outra, por ser um bom atalho.

Morava por ali desde que seus pais faleceram, sonhava com o dia em que teria seu próprio espaço para passar as noites e guardar seus poucos pertences (que facilmente caberiam em uma mala, apenas) sem ter que dispendir boa parte dos seus suados francos recebidos como salário na *Tout Le Monde*. Mas para isso teria que vender muitos e muitos pães e por muitos e muitos anos de sua vida.

Naquele lugar sem graça os quartos eram apertados, portinhas enfileiradas em um corredor estreito na meia luz cheirando a mofo; ao fundo uma velha estante com livros pendia para trás com um dos pés substituído por uma lata de cera empoeirada, vez ou outra Jean pegava algo para ler em sua folga, quando a chuva não lhe dava outra opção. O ranger do assoalho quando se caminhava por ele era clássico de filme de terror, a madeira rangia forte e denunciava o “entra e sai”, facilmente

atrapalhando o sono dos inquilinos. Mas isso não incomodava Jean, ele não passava muito do seu tempo por ali, realmente não se importava com isso neste momento, somente sua esguia companheira de duas rodas é quem morava efetivamente naquele lugar até então. Quieta, encostada próxima aos pés da cama desconfortável de ferro ficava sua bicicleta, que para os domingos era o melhor meio de transporte, vez ou outra servia também de conselheira, visto que o padeiro tinha o estranho hábito de falar sozinho enquanto pedalava como um raio pelas ladeiras do bairro até chegar à ponte mais antiga sobre o Sena, a bela *Pont Neuf*, local preferido de Jean para pensar na vida, em seus pais e admirar o vai e vem dos barcos nas águas do rio. Pedalar por ali era como uma terapia, isso o fazia se sentir livre e leve, sem o peso dos problemas do dia a dia. Simplesmente era seu corpo, sua energia, fazendo as rodas girarem rápidas pelo caminho à margem do rio que, outrora, fora o berço da cidade luz, o berço dos *Parisís*, tribo que deu nome à cidade, cidade essa que seus pais escolheram para viver e que de certa forma lhe acolheu tão bem quando mais precisou.

Mesmo com todas as distrações que o local permite, ainda assim havia algo que martelava em sua cabeça. A imagem que Moisés criara com seu relato profundo e empolgado sobre a garota, segundo ele “a mais bela que já passara pela *Rue Alfred Stevens*”. Jean freou bruscamente sua bicicleta, fazendo a borracha do pneu marcar de preto o ladrilho do cais, parando diante de um grupo de músicos que fazia sua apresentação no local. Embalado pela melodia suave, Jean começou a imaginar, de seu modo, aquela bela de olhos verdes intensos. A imagem ficou tão nítida em sua mente que parecia ouvir seus passos na música —naquele momento sonhava acordado, olhava para o nada como se estivesse sob efeito de hipnose —, e uma leve brisa passou por seu rosto como se aquelas finas e delicadas mãos acariciassem sua face corada pelo ar gelado.

Jean também ficara tocado com a cena, mesmo sem ter visto diretamente o espetáculo pelas janelas da padaria. Moisés conseguiu plantar esta semente na mente do jovem que agora sonhava acordado com alguém que nem sabia se existia de verdade, se não era um devaneio do amigo pintor (por quem tinha tanto respeito e admiração) e que certamente não faria isso com ele — não inventaria de modo algum uma coisa assim apenas para brincar com seus sentimentos, não tinha um porquê para isso.

— Não, isso nunca! — rapidamente resmungou para si mesmo, enquanto ajustava os pedais. Botou-se a pedalar pelo cais do Sena e percorrendo em alta velocidade boa parte da margem esquerda, tentava deixar pra trás esses pensamentos e voltar a se distrair com sua bicicleta, aproveitando o domingo de folga, pois logo, logo, seria mais uma semana de trabalho preso ao balcão da *Tout Le Monde*, que de bom só tinha o velho amigo que todas as manhãs aparecia por lá, mas no mais, era apenas um local tranquilo e cheirando a pão quente o tempo todo.

Parou diante de um jardim e ficou observando as crianças que brincavam com a pouca neve que restava nas sombras das árvores, isso o fez se distrair um pouco se lembrando de sua infância, mas não o suficiente.

Enquanto isso, no bairro alto acordava Moisés que, ao abrir os olhos, a primeira coisa que enxergou foi a tela que repousava ao seu lado. Isso foi o suficiente para fazê-lo acordar disposto e tornar aquele final de manhã de domingo o início de algo que tomaria seu tempo com muito gosto: a busca pela moça estampada em sua tela. Abriu a porta amarela e, ainda olhando para a tela, foi saindo em direção ao seu café da manhã de todos os dias. O que Moisés esquecerá é que era domingo, neste dia a *Tout Le Monde* não funcionava, daria com a cara na porta, era folga de Jean e a dona não abria o estabelecimento neste dia. A pequena *Tout Le Monde* não era um estabelecimento turístico como a maioria do comércio do bairro

Montmartre e seu entorno, era uma padaria que servia mais aos moradores e trabalhadores das redondezas, às vezes um turista aparecia, era comum, mas estes, a senhora Margot já conhecia de longe, atendendo como se fossem moradores, já que percebia que isso lhes deixava à vontade, fazendo gastar alguns francos a mais que o normal. Só queriam viver a cidade e estar ali era perfeito.

Moisés, por instantes, parou e olhando a vitrine vazia e pensou:

— Domingo, claro... Onde estava com a cabeça... Eu sei onde estou com a cabeça... Em você, querida Anne! — pensou alto reafirmando suas lembranças. Uma senhora, que caminhava na calçada, não entendeu nada. O que aquele homem resmungava sozinho, com cara de bobo, olhando para uma vitrine vazia?

Momo seguiu caminhando em direção a um café próximo da *Abbeses*, onde costumava sentar-se para papear com amigos aos domingos pela manhã, visto que seu fiel escudeiro Jean sempre aproveitava o dia para passear ou organizar seu quartinho. Durante a caminhada, olhava atendo para as ruas esperando, quem sabe, rever a jovem que lhe abrira a mente. Passou pela barbearia, pelo restaurante libanês, pela casa de espetáculos de Marie e Elizabeth, tudo como sempre fizera; talvez essa rotina tenha enferrujado suas memórias, quem sabe caminhos diferentes não lhe ajudassem a lembrar de mais coisas da sua juventude? Era algo a se pensar e se praticar, a quebra da rotina poderia abrir novos caminhos para suas memórias virem à tona.

Ao chegar ao café, sentou-se a uma das mesinhas redondas de tampo vermelho dispostas na calçada. Agora, mais que nunca, escolheu ficar virado para rua com o olhar atendo, pediu seu cappuccino e uns biscoitos e seguiu fitando os passantes. O garçom que trouxera os biscoitos percebeu que Moisés não tirava os olhos da rua, nem mesmo deu muita bola ao jornal que lhe foi oferecido. O rapaz deixou o periódico na beira da mesa

e se virou, resmungando por aquele velho não lhe ter dado atenção. Mas o que Moisés observava mesmo era sua amiga Marie, que vinha chegando sempre vistosa, com um gorro de pele vermelho e um pequeno casaco branco sobre seu vestido cinza, “roupa de passeio” — como dizem —, pois seu figurino do dia a dia era sempre bem cheio de babados e cores fortes, nada muito adequado para um passeio matinal.

— Marie! — chamou Moisés com a mão para o alto. — Venha se sentar comigo, faça companhia ao amigo porque hoje tenho algo novo para lhe contar — disse Moisés puxando uma cadeira para a dançarina.

— Diga, Momo, como vai você? Que novidade é essa, querido? — Marie veio falando com curiosidade, enquanto abraçava o pintor.

— Me diga quantas vezes falei com você, ou com os outros, sobre minha juventude, meu passado? — a moça o olhou espantada e, após alguns segundos, respondeu:

— Nunca...

— Sim! Não sei exatamente porque, mas nunca! Pois bem, ontem aconteceu algo deslumbrante que me ajudou a lembrar de muitas coisas, coisas que me deixaram alguns anos mais novo, Marie — começou a contar Moisés, com um ar tão alegre que raríssimas vezes a dançarina tinha percebido no amigo.

—Vamos querido, conte mais, o que aconteceu? Vendeu um belo quadro, está rico? Ganhou uma ala no *Louvre*? Diga Momo! O que foi? — Marie era curiosa e um assunto assim a deixava com os olhos brilhando e os nervos à flor da pele. Moisés sabia disso.

— Que nada, ora bolas! Desde quando preciso ficar rico pra ser feliz, Marie? O que aconteceu foi algo divino, um presente dos céus, tenho certeza.

E então, Moisés relatou tudo o que acontecera naquela manhã mágica na *Rue Alfred Stevens*, o rosto da jovem, os cabelos, olhos, o sol, todos os

detalhes, as lembranças que vieram à sua mente, o caso com Anne e tudo que conseguia se lembrar daquela época — o que não era muita coisa, diga-se de passagem. Mas precisava externar aquilo tudo e, ao encontrar sua amiga, julgou ser uma boa ideia. Marie era atenciosa e de fato gostava de conversar sobre qualquer coisa.

Minutos se passaram e Marie ficou admirada com a alegria de Moisés, lembrar aquilo tudo estava lhe fazendo um bem que ela precisou disfarçar e limpar uma lágrima que escapou pelo canto do olho. Ver seu amigo e conselheiro Moisés, ali, à sua frente, com tamanha empolgação relatando suas lembranças nos relatos, a deixou emocionada ao ponto de perceber o amor que Momo sentiu por Anne, na juventude. Era uma linda história da qual ela não fazia a mínima ideia que existisse, nunca imaginou Moisés apaixonado ou envolvido com alguém, não era essa imagem que ele transparecia, sempre teve aquela visão de senhor amigo e conselheiro. Algo assim era novo para ela.

Mais algum tempo e Moisés perguntou:

— E então, Marie, o que acha? Devo tentar encontrar essa moça? Ela me fez tão bem apenas passando na rua, se eu conversar com ela pode ser que isso me faça ainda melhor, você não acha? Não estou louco, não é? Você, como mulher, no lugar dela não ficaria ofendida com tudo isso? — indagou Moisés.

E Marie, que sempre teve Momo como seu conselheiro, agora estava dando conselhos ao pintor, no papel inverso que jamais lhe passara pela cabeça.

— Claro que não, Momo! Eu não ficaria nem um pouco ofendida. Veja como você está feliz lembrando-se de Anne... Que louco que nada! Procure a moça sim, ela se sentirá honrada, tenho certeza. Ela não é a sua bela polonesa de antigamente, mas lhe fará bem conversar com alguém que faça você se lembrar dela. Boas memórias são sempre bem-vindas,

não é mesmo? — disse Marie com aquele ar de conselheira, enquanto dava o último gole no seu café.

A conversa seguiu um pouco mais e Moisés teve a ideia de ir à casa de Jean; por ser inverno talvez ele não tivesse saído e Moisés lhe encontraria na pensão e lhe contaria sobre Anne, como se deu sua breve história de amor com a polonesa de cabelos ruivos e olhos verdes.

Desceu alguns quarteirões e seguiu reto pela *Rue Condorcet*, em direção ao *Cimetière Du Père Lachaise*. No caminho observava tudo, aquilo que já era um costume, uma fonte de inspiração para sua arte, agora tinha mais um bom motivo: encontrar a jovem que pintara na noite passada. No caminho cruzou com muita gente, turistas, moradores, mas ninguém com aquele semblante que lhe fizera tão bem em tão pouco tempo. As pessoas às vezes parecem vazias, parecem estátuas que deslizam de um quarteirão para o outro, sem um mínimo de expressão; talvez Moisés também tenha sido assim durante boa parte da vida e não percebera, mas isso até hoje, apenas.

Ao chegar à *Passage Dieu*, estreita ruela onde morava Jean, foi direto chamá-lo na pensão ao final da rua, mas o proprietário, um senhor gordo de poucas palavras — um daqueles sem expressão — informou (enquanto aparava umas trepadeiras secas da fachada branca) que Jean havia saído mais cedo com sua bicicleta, dizendo que iria aproveitar o dia de folga. Isso era o suficiente para Moisés entender que ele só chegaria bem mais tarde, pois gostava muito de pedalar e parar para olhar os barcos no Sena, os parques, a cidade se iluminar, talvez isso o fizesse se lembrar de coisas boas. Moisés não poderia condenar esse hábito do amigo, agora que sentia como era importante reavivar memórias, só poderia aguardar o dia seguinte e esperar para conversar com o padeiro no balcão da *Tout Le Monde* e então pedir ajuda para sua missão.

Deu meia volta e começou a retornar devagar para seu estúdio, sempre parando pelo caminho e conversando com um ou outro conhecido,

mas como sempre eram poucos e de poucas palavras, se limitando a comentários sobre o clima e a saúde.

Chegando ao estúdio, voltou a olhar o retrato que pintara. Mais algumas pinceladas com suaves tons rosados pela face e a noite foi seguindo como sempre: silenciosa, fria e solitária, mas desta vez acompanhada de boas e renovadas lembranças, o que prometia a Moisés um bom descanso.

Jean continuava por lá, observando agora os jardins *Des Tuileries*; depois mais algum tempo parado na *Pont Du Carrousel*, logo ali ao lado, de onde gostava de olhar o movimento das águas. Daquele local tinha uma bela visão do cais começando a brilhar, mais um dia se passara, as mãos sentiam o gelado dos punhos da bicicleta, o vento resultante das pedaladas seria um incômodo a mais para vencer no trajeto rumo ao seu bairro. Dessa vez, o clima não anunciava neve, mas era hora de pedalar forte de volta à pensão, tomar uma sopa servida pela esposa do senhor gordo sem expressão, e esticar as pernas em sua desconfortável cama na *Passage Dieu*. No dia seguinte, tudo voltaria à rotina, talvez isso ajudasse a parar de pensar na moça que Moisés vira e que não o deixava pensar em outra coisa naquele momento. Somente naquele momento.



Capítulo 6

Um raio de luz força a entrada por uma estreita fresta acima da porta amarela, que pende um pouco para baixo devido ao seu peso, não somente o peso físico, mas também o fardo do tempo faz com que toda vez em que é aberta marque o chão, formando um quarto de círculo nos tijolos do piso. Já se encontra na entrada daquele local havia muito anos, sempre da mesma cor; já virou referência na pequena rua onde mais uma manhã com cara de outono chega abrindo janelas, portas e fazendo as pessoas saírem para as ruas com mais disposição e coragem de enfrentar o começo da semana sem o impiedoso vento gelado do inverno. Era como se as estações estivessem embaralhadas; um sol de outono, uma manhã de céu azul, tudo isso criava um perfeito cenário matinal para quem dormira com o pensamento revigorado e acordara olhando para um retrato belíssimo e tão cheio de significados como aquele que repousava no cavalete do pintor, bem ao centro de seu estúdio.

Moisés vestiu uma roupa mais leve, nada daquele casaco que já parecia uma casca atrelada ao seu corpo esguio, e logo abriu a janela ao lado da porta, deixando o sol invadir o ambiente, detalhando todas as texturas existentes

naquele lugar... O piso de tijolos, já gastos e levemente irregulares, foi iluminado, apresentando todas suas texturas e revelando, com certo brilho, os locais de maior circulação desgastados e polidos pelo tempo. A parede ao fundo, que com suas rachaduras deixava à mostra algumas camadas de tinta, levou um banho de sol que não via havia um bom tempo.

Aquela flor, aquela linda moça quase finalizada, era um jardim de boas recordações para Moisés que, sem rodeios, foi logo abrindo a porta e saudando o astro rei, saudando o dia e acenando para um casal que caminhava no outro lado da calçada. Se sentia renovado, vencedor sobre suas próprias lembranças, triunfante sobre o seu próprio tempo. Porém, hoje fez diferente. Lembrou que mudar a rotina poderia lhe fazer bem e não foi diretamente à padaria, como de costume, mesmo estando ansioso para conversar com Jean; preferiu caminhar alguns passos a mais e primeiro dar uma boa olhada na escadaria ao final da rua; observar, parado ao sol, quem subisse e quem descesse aqueles degraus em direção à fonte. A luz matinal expondo as ranhuras da escultura que vertia um filete de água também produzia um pequeno arco-íris com as gotículas que respingavam pela calçada ao bater na superfície dura, um belo espetáculo para um dia assim. Realmente era de se contemplar momentos como este, pois um inverno com aquela atmosfera era de fato especial e faria muito bem ao novo Moisés. Alguns minutos mais por ali e seguiu ao encontro do amigo padeiro, com quem dividiria sua nova descoberta.

Entrando na padaria, logo chamou Jean para sua mesa dizendo:

— Jean, já sei o porquê da jovem ter me marcado tanto, porque me encantei com ela... De fato, me lembrei de muita coisa boa do passado, meu amigo. Vou precisar de sua ajuda Jean, temos uma missão!

— Moisés, fique calmo, pois quero muito ouvir tudo que você tem a dizer, você já deve ter percebido que também estou um pouco tocado

com isso tudo e quero muito conhecer essa moça — disse Jean, deixando Moisés ainda mais feliz ao saber que teria a ajuda necessária. Mas aquela manhã estava movimentada demais por ali, o sol abriu mais do que somente janelas e portas, abriu também o apetite dos parisienses, e o amigo não conseguiria parar para conversar por muito mais que cinco minutos. E entre uma baguete e outra, Jean olhava para Moisés e seu café quente na mesa de sempre. Estava impaciente para ir até o amigo que já manuseava uma caneca vazia. Hoje o trabalho de Jean estava corrido, não estava sobrando tempo de conversar como gostaria, era melhor deixar para mais tarde ou não passaria toda a emoção que sentira na beira do cais, precisava, assim como Moisés, recriar na cabeça do amigo o momento que teve ao pensar na jovem durante seu passeio de domingo.

— Momo! Passe por aqui logo após o almoço, vou tentar tirar uma horinha para colocarmos esse assunto em dia. O que acha, amigo? — perguntou Jean enquanto, um pouco atrapalhado, entregava o pão para uma senhora no balcão e anotava o valor a ser pago no caixa. Se continuasse nesse ritmo iria se confundir e não faria direito seu trabalho, não seria nada bom aos olhos de sua patroa que já lhe observava com estranheza.

— Pode deixar que passarei sim, Jean. Agora vou andar pro aí, quem sabe não encontro o que procuramos? — falou Moisés, enquanto fechava a porta de vidro da *Tout Le Monde* seguindo a rua em direção à escadaria, certo de que Jean não lhe negaria ajuda. Jean o observou pela janela fazendo um sinal de positivo com o polegar, deixando Moisés animado com o simples gesto de confirmação.

Moisés sempre teve uma imagem de senhor de poucos amigos, mas muito pelo contrário, ele era querido por todos que o conheciam e aquela silhueta curvada de olhar parado tinha ficado pra trás desde o dia anterior, tudo aquilo deu lugar a um Moisés de postura mais ereta, sorriso

fácil, olhar brilhante, era realmente um novo homem. Essa história estava lhe fazendo muito bem e lhe deixando mais disposto para suas clássicas caminhadas pelas ruelas do bairro. Poucos passos e logo foi subindo a escadaria que leva ao *Boulevard De Clichy*, passou o portão de ferro ao pé da escada e subiu em direção àquela rua movimentada, que hoje, devido ao bom dia, estava fervendo mais do que nunca; virou à direita e caminhou alguns quarteirões. Ao passar diante de uma vitrine chique, cheia de vestidos e casacos rebuscados, seu rosto refletiu no vidro fazendo o pintor parar um instante para prestar atenção em si mesmo. Com o sol que brilhava, o vidro fez às vezes de um grande espelho; lá dentro nada o interessava, apenas seu próprio reflexo... Nem percebera que uma garotinha de cabelos loiros no outro lado do vidro mostrava-lhe a língua e balançava a cabeça fazendo pouco de seu olhar fixo em sua própria imagem. Moisés achou que aquela barba por fazer e o cabelo meio sem forma não eram para estar ali, o jovem de suas lembranças não deveria ter deixado o tempo caçoar de sua aparência daquele jeito. Pensou que o melhor a fazer, naquele momento, era visitar o amigável estabelecimento de fachada ocre e azul: a barbearia que a muito só passava pela frente e pouquíssimas vezes entrava para, realmente, desfrutar dos serviços de *Gathu Coiffeur*.

Aquele ambiente, exclusivamente masculino, era frequentado por quase sempre as mesmas pessoas, todas com uma faixa de idade regular, amigos de longa data. Vez por outra um turista entrava, pois era uma boa maneira de vivenciar o bairro, de ouvir as histórias dos clientes mais antigos, assim como nos cafés, feiras e praças, todos uma excelente imersão na rotina do povo do *Montmartre*. Barbearias são ninhos de ideias e discussões das mais variadas pautas, desde o clima, passando por política e quase sempre acabando em cabarés, mulheres e alguma farra dos tempos passados. Fala-se de tudo, de fato, pouco se aproveita, mas todos gostam e dão boas

gargalhadas entre um corte e outro. Assim é a barbearia de Gathu, um nigeriano, ironicamente, com pouco cabelo, e o que resta já estava branco devido aos seus 68 anos. As mãos grandes e enrugadas ainda eram ágeis com a tesoura e precisas com a navalha. Gathu chegou a Paris há mais de 50 anos em busca de trabalho e, como muitos, viveu ilegalmente, fugiu da polícia, viveu os horrores da guerra, dizem até que fez algumas contravenções na região sul de Paris para sobreviver, mas isso não passa de conversa fiada, certamente inventada por alguém que não gostou do corte de cabelo, só podia ser, pois o Gathu *Coiffeur*, como é conhecido, era um homem trabalhador e de bem com todos, conseguiu seu lugar na Cidade Luz e firmou suas tesouras no bairro há muito tempo.

Reclinado na cadeira e com o rosto virado para o teto estava o sapateiro Pierre, amigo de todos e cliente fiel de Gathu. Todas as manhãs, antes de abrir a sapataria, passava por ali para se barbear, aquilo já era um ritual e algumas vezes motivo de brincadeira entre os frequentadores daquele lugar. Pierre tinha um nome francês, mas tinha ascendência árabe, com barba espessa que necessitava de cuidados diários, realmente. Moisés entrou e já seria o próximo a se entregar à navalha do barbeiro, foi logo saudando os amigos e dizendo:

— Que dia, hein, meus caros? Bom sol, boa temperatura e agora, boa companhia!

— Moisés... Resolveu hoje dar um jeito no visual meu caro? — exclamou Gathu de braços abertos para o amigo.

— Sim, sim, Gathu, uma renovada não faz mal a ninguém, não é verdade?

— Concordo! — murmurou Pierre, quase engolindo espuma de barbear.

Enquanto o barbeiro trabalhava na sua obra diária (a barba de Pierre), conversava com Moisés.

— E então pintor, o que me diz de novo? — perguntou Gathu, sem tirar os olhos da navalha.

— Estes últimos dias têm sido dias de boas lembranças, recordei muita coisa apagada na minha memória, coisas daquela época que ainda aprontávamos umas boas por aí, lembra? — comentou Moisés, enquanto folheava um exemplar do jornal do dia.

— Época boa aquela, pena que não volta mais.

— Sim, mas na nossa memória as coisas voltam, e são intensas Gathu! — exclamou Moisés.

E assim a conversa tomou o rumo de lembrar as boas épocas, agora que Moisés sentia-se novo. Isso lhe fazia bem, queria compartilhar bons momentos com os amigos, muitos que participaram de tudo, outros não, mas que gostavam de ouvir e, de certa forma, faziam sua mente cada vez mais se sobressair sobre o esquecimento.

Minutos depois e Pierre foi saindo apressado para abrir a sapataria, já era a vez de Momo se acomodar na cadeira do barbeiro. Uma olhada para o espelho, Moisés tirou os óculos e disse:

— Gathu, faça o que achar melhor, limpe essa barba por fazer e nesse pouco cabelo que me resta passe uma tesoura pra me deixar melhor, me ajude a enganar o tempo, meu amigo — pediu Moisés diante do espelho, sentado naquela confortável cadeira de couro vermelho, antiga como tudo no estabelecimento de Gathu, inclusive seus amigos e a maioria dos clientes.

— Opa! Meu caro, a quem quer impressionar, Moisés? Vai passear por aí? — perguntou Gathu em tom de troça, enquanto ajeitava suas tesouras para começar o serviço.

— Que nada! Como disse, tenho tido boas lembranças e me ver como antigamente vai ajudar ainda mais Gathu! Tudo bem, como antigamente é pedir demais, mas sei que um bom visual ainda existe por debaixo de tudo isso!

— Sim, mas que coisa é essa agora? Lembranças, memórias, que isso Moisés? Parece que acordou de um coma!

— Você disse tudo, é quase isso mesmo! Vivi um momento que me deixou pensativo Gathu, lembrei muita coisa e isso não é normal, nunca pensei que tivesse esquecido algo, mas quando ela passou na rua, tudo mudou.

— Ah! Eu sabia que tinha “ela” no assunto. Vamos! Me conte Moisés, quem te deixou assim?

— Foi outro dia, na *Tout Le Monde*... — e Momo contou para Gathu, que desenvolvia seu trabalho e ouvia atendo o relato do amigo.

— Moisés, mas isso é muito bom! Como é bom reviver aquela época, hein? Me diga, encontrou a moça? Quem é ela? Mora por aqui? Não me recordo desse seu romance.

— Ainda não, estou vendo como vou encontrá-la, Jean irá me ajudar nisso, tenho certeza. Aquele garoto vale ouro!

— Está certo, Moisés, que bom ver o amigo assim de bem com a vida. Fico feliz! — concluiu Gathu, olhando firme para Momo através do espelho.

Depois de alguns minutos, Moisés estava novo, diferente de como entrou, mesmo com o cabelo branco e fino, o pouco que tinha fora o suficiente para Gathu melhorar o visual do pintor. Moisés pegou os óculos que estavam sobre a mesinha dos pentes e se olhou no espelho, mais uma vez se sentiu renovado, o rosto lisinho, o cabelo mais curto e bem cortado eram os traços que faltavam para completar as mudanças pelas quais o pintor passava.

Se despediu de Gathu e prometeu voltar mais vezes, não só para jogar conversa fora parado na calçada (como era hábito), mas para se sentir melhor como naquele momento.

À 1 hora da tarde Moisés se dirigiu ao encontro de Jean, pronto para explicar o porquê de encontrar a moça e tudo o que a envolvia. Jean convenceu a dona da *Tout Le Monde*, aquela senhora era dura de conversa, mas aos poucos, com o passar do tempo, Jean foi caindo

no gosto da patroa e conseguia facilmente convencê-la quando era necessário. Claro que não abusaria, seria como assinar sua demissão, isso não queria de jeito nenhum. O trabalho por ali era muito, na maioria das vezes, mas era melhor que seu antigo emprego entregando queijos com Havie, trabalho pesado e não muito cheiroso — preferia o aroma dos pães ao cheiro forte da queijaria —, sabia bem disso, mas também sabia que era um bom funcionário, abusar, de fato, não seria bom.

Com uma baguete debaixo do braço, um pedaço de presunto cozido enrolado em papel branco, foi se sentar à porta do estúdio de Moisés, aguardando o amigo pintor que já vinha virando a esquina na hora marcada. Jean olhou e quase não reconheceu o amigo, pensava que alguém não poderia mudar tanto apenas com um corte de cabelo, uma barba bem feita e uma vestimenta mais leve (a camisa branca com as mangas dobradas e um suspensório preto lhe concediam um ar jovial). De fato, parecia ter voltado no tempo. Moisés foi chegando mais perto e o padeiro se convenceu que seu amigo estava realmente bem, algo diferente no ar e não era só o dia ensolarado que havia mudado a fisionomia de Momo, era algo a mais.

— Venha, venha Jean... Entre de uma vez — foi dizendo Momo ao amigo, enquanto abria a porta amarela do estúdio deixando, mais uma vez, o sol tomar conta do lugar.

— Trouxe pão e um presunto cozido para comermos enquanto conversamos, Momo.

— Boa ideia padeiro! A fome já estava batendo nesse corpo!

Momo foi logo puxando uma cadeira na mesinha perto da janela e os dois se acomodaram frente a frente, tinham pouco mais de meia hora para se entender e então o padeiro precisaria correr para o trabalho se quisesse ainda ter um trabalho ou algumas regalias com sua patroa.

— Jean, olhe ali perto da bancada e me diga o que acha — e Moisés

apontou para o retrato que pintara durante a noite. Jean quase caiu da cadeira.

— Momo... Como não percebi essa maravilha quando entrei? — exclamou Jean se atrapalhando todo com o pão e quase deixando tudo ir ao chão.

— É ela, Momo? Diga, é ela? Só pode ser!

— Sim, meu amigo, essa é a moça que eu vi naquela manhã, foi ela quem me deixou assim, novo de novo! — dizia Moisés ao levantar e colocar-se ao lado da tela como se apresentasse alguém de corpo presente, como se ali estivesse a jovem moça em carne e osso saudando os dois amigos.

— Mas Momo, essa moça é linda, mais linda do que eu imaginei. E olha que eu imaginei bastante! Eu sabia que você iria retratá-la, eu sabia! Você tem talento para isso, é um gênio Momo!

— Obrigado! Ainda não acabei, mas já consegui entender tudo!

— Tudo o que Momo? Não entendi o que você quis dizer — acrescentou Jean, mordendo um pedaço de pão do almoço improvisado.

— Jean, essa moça foi tão especial porque vê-la me fez lembrar de tudo que passei ao lado de uma belíssima polonesa quando tinha meus 30 e poucos anos. Esse era o grande mistério daquela manhã meu caro, só pode ser!

— Mas Momo, não entendo... Como assim “lembrar”, o que isso tem demais? — perguntou Jean um pouco intrigado, não vendo aquilo com tamanha relevância para tanta mudança.

— Quando eu tinha 30 e poucos anos, conheci uma turista polonesa belíssima, idêntica a esta moça, tivemos um caso de amor por duas semanas inteiras, foi algo incrível meu amigo, mas um dia, algo estranho aconteceu, isso ainda não consigo me lembrar, não sei o que foi, ela sumiu e nunca mais apareceu por aqui, nunca mais tive notícias dela — Moisés contava e Jean ouvia compenetrado, tentando ver aquilo tudo como algo grande da mesma forma que Moisés sentira.

E Momo continuou:

— Ela era incrível, linda, perfeita... Eu realmente estava apaixonado — e, então, o pintor contou detalhe por detalhe do que se lembrava de seu romance com a polonesa Anne de cabelos ruivos. E Jean começou a entender as coisas, Moisés tivera alguma desilusão amorosa que o fez esquecer todos aqueles momentos, mas principalmente apagou de sua mente o que motivou esse esquecimento. Agora, com a visão daquela bela moça de olhos verdes, que passara na frente da *Tout Le Monde*, tudo ficou claro na memória de Moisés (ou quase tudo), fazendo o velho pintor reavivar o corpo e a alma. Para Moisés aquilo fora como um baú se abrindo em sua cabeça e para Jean era a chance de ajudar alguém de quem ele gostava muito, seu velho amigo Momo.

— Jean, preciso encontrar essa moça, talvez falar com ela possa me ajudar a lembrar de tudo.

— Sim Momo, mas por que ela iria querer falar com você? Talvez isso até piore as coisas — disse Jean com cuidado para não estragar o momento de Momo.

— Não... Não... Eu pintei este retrato porque alguma coisa em minha cabeça dizia que deveria fazer. Eu fiz e veja no que deu, lembrei de quase tudo, foi incrível! Você devia ver aquele momento! E agora algo me diz que tenho que falar com ela, nem que seja para presenteá-la com este retrato... Faltam apenas uns retoques e se parecerá muito com ela, eu tenho certeza que ela aceitará. Acredito nisso!

— Tudo bem! — disse Jean. — Mas como vamos encontrá-la?

— Não sei, vou tentar em minhas caminhadas e você fique atento à vitrine da padaria e, no domingo, quando for pedalar, vasculhe os arredores do bairro, se puder. Mas não comente muito com as pessoas o motivo disso tudo, até contei para um ou para outro, mas sem muitos detalhes sobre Anne, apenas falei da moça — pediu, temendo que isso

pudesse soar mal para o pessoal do bairro. O que um velho queria com uma menina de 30 e poucos anos, o boca a boca poderia distorcer as reais intenções do pintor, isso não seria bom, precisava primeiro entender tudo, para depois deixar os amigos saberem melhor da história.

Moisés parecia um estrategista militar traçando os planos para cruzar as linhas inimigas, mas só parecia, na verdade aquele era um pedido de ajuda ao fiel amigo padeiro. Jean entendera perfeitamente e, como de costume, emparelhou os dedos da testa e, fazendo sinal de continência, disse:

— Esta será minha missão, Momo! Vou lhe ajudar nisso sim e já tenho até um plano brotando aqui dentro — disse ao amigo, batendo com o indicador na cabeça coberta com um gorro surrado ainda um pouco pálido de farinha.

— Veja bem, a senhora Margot, minha patroa, quer começar um serviço de entregas especiais da *Tout Le Monde* e posso tentar convencê-la a me colocar como entregador. Assim eu atenderia no balcão e quando fosse preciso sairia por aí com minha bicicleta fazendo o que gosto e ajudando você. Sem falar que ainda posso ganhar algumas gorjetas para um dia sair daquela pensão e ir para algo melhor, não aguento mais aquele cheiro de mofo, parece uma fábrica de queijos! Que tal Momo?

— Genial Jean... Este é o meu amigo padeiro, maravilhosa ideia garoto! Você vale ouro filho, eu sempre falo isso! — Moisés se expressava de pé e de braços abertos para o amigo, eufórico com a ideia.

E na frente daquele belo retrato no estúdio de porta amarela, Moisés deu um forte abraço em Jean, prometendo que seria para sempre grato por sua ajuda, mesmo obtendo êxito ou não, seria grato pela atitude de Jean, o jovem era o neto e o filho que nunca tivera, aquilo era mais que amizade para ambos. Era como a família que não tiveram por grande parte de suas vidas, uns devido ao trabalho duro e outros que o tempo se encarregou de levar os entes queridos.

Enquanto conversavam um pouco mais, o pão e o presunto, agora acompanhados de uma xícara de chá quente, foram se acabando e o tempo também. Jean se despediu dizendo que não iria tirar os olhos das ruas e faria tudo para ver o amigo de bem com suas memórias. Se falar com a moça era o que ele queria, falar com a moça ele iria.

Moisés ficou na porta, observando Jean voltar ao trabalho como um pai que vê seu filho ir para escola. Uma pequena corrida em direção à porta da *Tout Le Monde* e Jean se virou, gritando ao amigo:

— Esqueci de dizer... Está bonito, Momo! — e acenou feliz por ter como amigo alguém que lhe confiava uma tarefa tão importante para si próprio ao ponto de fazer mudar uma vida toda. Mudar para melhor, com toda a certeza.

Capítulo 7

Olhos atentos à rua, seu corpo encostado no balcão de pães estava imóvel, Jean concentrava-se em lembrar-se das coisas, era algo importante, talvez aquela sua mania de sempre pedalar pelo cais do Sena — onde seus pais costumavam passear — fosse a maneira de manter as boas lembranças vívidas em sua mente. Chegara à conclusão que Moisés poderia ter alguma doença dessas que deixam a pessoa esquecida, mas logo essa ideia se desfez no ar; talvez fosse uma desilusão amorosa mesmo, não era nenhum doutor nesse assunto, namorara apenas algumas garotas por pouco tempo (e sem grande intensidade como o romance vivido pelo pintor, tempos antes), pois o trabalho e a vida dura lhe roubavam grande parte do tempo. Mesmo assim, sabia sobre a força que esse sentimento tinha. Todo o coração sabe ou saberá disso um dia.

Numa placa, escrito a giz branco com letras garrafais em um cavalete frente à *Tout Le Monde*, um aviso aos fregueses dizia que o serviço de entrega estava funcionando. Apenas uma conversa com a senhora Margot, dona da padaria, e tudo estava resolvido: Jean seria o entregador quando fosse necessário, assim o plano de ajudar Momo tomava rumo e, além de

tudo, ganharia alguns francos extras com as gorjetas, pois tinha certeza que ninguém seria mais rápido que ele para entregar pontualmente todos os pedidos e, ainda por cima, quentinhos como se tivessem saído do forno.

Ao final do dia o telefone tocou ao lado do caixa. Depois de algumas chamadas, senhora Margot atendeu com uma das mãos e com a outra continuou a folhear sua revista, com suas poucas palavras e sempre se comunicando numa voz baixa, repetiu o pedido do primeiro freguês pedindo uma entrega: um cesto com dez baguetes até o fim do dia em uma casa aos fundos da *Lycée Jacques Decour*, uma belíssima e tradicional escola de meados de 1870, bela e recheada de história (como tudo em Paris).

O local era próximo, apenas alguns quarteirões, e Jean chegaria rapidamente ao destino dos pães, contudo, além de entregar os pedidos, Jean ainda pretendia pedalar um pouco mais para tentar encontrar a tal moça que Moisés avistara, era apenas a primeira entrega que ele realizaria, mas já seria especial apenas por poder cortar as ruelas do *Montmartre* e arredores com sua bicicleta durante a semana e não somente aos domingos, como era de costume ou então tarde da noite quando retornava para seu quartinho pedalando rápido, deixando um pequeno rastro de poeira da farinha que se desprendia da barra das calças a cada volta dos pedais.

Jean organizou com cuidado os pães no cesto preso ao bagageiro da bicicleta, um saco de papel os manteria enfileirados e um pano branco cobrindo tudo, firmemente amarrado nas alças do seu *container* de entregas. Com pedaladas fortes, Jean partiu pela *Rue Alfred Stevens* rumo à sua primeira entrega.

O vento batendo no rosto rosado de frio, as pernas se aquecendo fazendo as rodas girarem tão rápido quanto seus olhos ao varrer cada quarteirão, o padeiro agora sentia que a vida no bairro, durante a semana, não era somente aquela simpática e monótona rua sem saída onde trabalhava e

observava o ir e vir das pessoas por seis dias da semana. O *Montmartre* era muito mais que isso, era pessoas pelas ruas, lojas, praças e galerias, pintores nas calçadas, turistas fotografando, artistas de rua, era uma efervescente cena cultural que a muito não era observada desta maneira pelo jovem Jean que então percebera o quanto seria difícil cumprir a missão e ajudar o amigo, mas mesmo assim, não desapontaria de modo algum, faria o possível para ver Moisés feliz.

Ao passar próximo ao *Lycée Jacques Decour* percebeu quanta vida havia por ali mesmo durante aquela época do ano. Algumas alunas saindo da escola foram o suficiente para que Jean quase atropelasse um senhor que vendia doces na calçada, o velho vendedor girou em um pé só resmungando alto para Jean, que saiu em zigue zague, desequilibrado e quase indo para o chão, retomando rapidamente o controle e continuando firme para que os pães chegassem ao seu destino sãos e salvos. Andar pelo bairro lhe daria uma ótima e nova visão da vida, aquilo que seu amigo Moisés fazia tanto, agora poderia ser melhor compreendido por Jean ao cortar as estreitas ruas com sua bicicleta preta de selim largo, a cada desnível as molas do assento rangiam, a corrente batia, mas a sua companheira de todos os dias não se entregava, agora era quase uma máquina voadora pelas ladeiras íngremes.

Alguns minutos antes da hora prometida e a entrega estava feita. Como sua primeira entrega, aquela seria uma excelente referência para o currículo da padaria *Tout Le Monde*. A cliente, uma senhora com dificuldades para caminhar, de cabelos brancos amarrados cuidadosamente em um coque alto, e que preparava alguns lanches para estudantes, certamente chamaria Jean outras vezes fazendo seu conceito se elevar ainda mais com a senhora Margot, que tomava conta do balcão da padaria na ausência do funcionário.

Hora de retornar, e a volta seria, propositalmente, um pouco mais devagar. Observava mais atentamente as ruas, sentia a brisa fria do

inverno que naquele dia, em especial, estava mais para uma primavera que para o inverno clássico do velho continente. O retorno era um passeio, sabia que podia fazer aquilo, pois sua entrega fora feita antes mesmo do prometido. Este era seu plano. Tinha o tempo a seu favor graças à sua enorme intimidade com os pedais, sua relação com a bicicleta era de muito tempo e sabia utilizá-la como parceira de sua missão.

Descendo uma rua muito estreita, observava o comércio do qual, normalmente, só conhecia as portas de ferro pichadas, amassadas e quase sempre em tons de cinza, a maioria sempre estava fechada em seus passeios nos dias de folga, raras vezes conhecia algum estabelecimento por dentro, pois mesmo antes de trabalhar na padaria, trabalhara duro em outros empregos. Sem muito estudo, sempre teve a vida ocupada pela sobrevivência e suas compras se resumiam aos ambulantes do cais do Sena ou às praças e pequenas lojinhas do bairro. Ao observar um destes comércios, passou em frente à barbearia de Gathu, que acenou encostado na porta, mesmo achando estranho encontrar Jean pedalando calmamente (não velozmente como num feriado ou num domingo) e, ainda por cima, durante a semana.

Para o primeiro dia havia sido uma estreia muito boa para a senhora Margot, um serviço que lhe traria um bom retorno, visto que as quantidades de entregas tendiam a serem maiores que no balcão, e que logo precisaria de outro balconista para ajudar a atender aos clientes, sozinha, ela não daria conta caso as entregas crescessem, ou talvez preferisse permanecer sentada em companhia de seus astros do cinema e suas vidas cheias de histórias fúteis. Os clientes, no decorrer do dia, ligavam elogiando e querendo saber se os próximos pedidos seriam entregues pelo simpático rapaz, a cada novo pedido vinham elogios ao serviço executado por Jean. Com o passar do tempo, os pedidos chegavam de várias partes do bairro, o padeiro — agora mais entregador que padeiro — se tornara o

funcionário perfeito para a *Tout Le Monde*, seu salário teve um aumento de alguns francos e as gorjetas lhe ajudavam a continuar sonhando com melhores dias e com noites mais confortáveis. A senhora Margot pagou até mesmo uma reforma na bicicleta. Agora as molas do selim já não rangiam mais e o novo cesto de entregas estava bem mais firme e seguro. Além de rápido, Jean era atencioso com seus clientes, conversava, ouvia suas breves histórias e comentários, quase sempre a respeito do tempo ou alguma reclamação a respeito da saúde, esses assuntos que nunca se sabe como começam e nem se percebe quando terminam, porém, mesmo dando a atenção solicitada involuntariamente pelos clientes, Jean andava sempre atento para não perder hora, se tivesse atrasos, tudo isso seria em vão, seu esforço e seu compromisso.

Alguns dias foram passando e com eles passavam ideias pela cabeça de Moisés: Como encontrar a moça? Aquilo continuava atrapalhando seu sono. Sua obra de arte estava pronta, belíssima, uma jovem de rosto rosado, cabelos de fogo em um fundo com textura em tons diversos de verde e uma luz rica e bem executada, que fazia ressaltar um olhar esmeralda difícil de definir a cor, o olhar de quem queria algo, tentava contar alguma coisa, com certeza era a vontade do pintor, por isso, mesmo inconscientemente, a retratou desta forma, suplicando uma conversa, um desabafo, um segredo, uma palavra que fosse. Encontrava seu bom amigo Jean agora somente pela manhã, bem cedo, quando tomava seu café e observava a *Rue Alfred Stevens*, pois durante o dia Jean estava acompanhado por sua fiel bicicleta preta, carregando seu cesto repleto de encomendas. Em alguns momentos, Jean achava tempo para passar pelo estúdio de porta amarela e trocar meia dúzia de palavras com o velho amigo, com a bicicleta encostada na janela ao lado da grande porta. Nesses instantes, Jean fitava a bela pintura que repousava no cavalete no centro do estúdio, e assim, ali mesmo pela janela entreaberta, dava

algumas notícias do bairro para Momo; infelizmente nenhuma delas era sobre a jovem. Mas não se esquecera da sua importante missão, talvez olhar o retrato algumas vezes por dia lhe motivasse e o fazia gravar, ainda mais, em sua mente o rosto da bela moça esperando avistá-la pelas ruas do *Montmartre* o mais rápido possível, só assim teria cumprido sua missão. Ajudar com as memórias do amigo Moisés.

Capítulo 8

Uma escuridão, ao longe manchada por fracas e amarelas luzes dos postes, era o que Moisés avistava pela janela. Uma noite com ventos fortes e uivantes que faziam ranger as telhas e assoviar os galhos secos ao longo das ruas, o farfalhar das poucas folhas que ainda restavam nas árvores podia ser facilmente confundido com vozes em um cochicho incessante. A placa ao final da escadaria resistia com seu único parafuso ainda preso, o vento a açoitava de tal forma que a fazia bater na parede, tanto que acabou por se soltar, caindo na água rasa do fundo da fonte e deixando somente uma marca retangular na parede de pedra.

Na movimentada casa de *shows*, *La Maison Vert*, onde Marie e Elizabeth se apresentavam todas as noites, o único som de hoje era o barulho do vento sacudindo os cartazes na porta, o show maior hoje era por conta da natureza revolta. O movimento fora tão fraco que as meninas dormiriam mais cedo sem os tradicionais aplausos acalorados da plateia abusada; Pierre e os outros festeiros da *Place des Abbesses* não se arriscaram a colocar o nariz para fora de suas casas, a praça estava deserta, já deveriam estar em suas camas, mas provavelmente estavam em algum subsolo das

antigas pedreiras entornando garrafas de vinho tinto, batendo de punhos cerrados nas mesas e jogando conversa fora sem nem se preocupar com o mundo, que estava acabando em vento, logo acima de suas cabeças.

Longe dali estava seu pensamento, o olhar fixo na janela mostrava-lhe seu rosto sobreposto ao da tela no cavalete, no momento eram só um. Ficou imaginando o que dizer quando estivesse frente a frente com a jovem moça. Até o momento não tinha pensado muito sobre esse diálogo, queria que acontecesse, mas não havia planejado nada em especial, apostava no improviso. O que dizer? Como explicar que simplesmente aquela manhã tinha causado uma mudança tão significativa em sua vida? Ela só poderia achar tudo muito estranho, isso se ainda parasse para ouvir um velho que nunca havia visto em sua vida, poderia ficar com medo e entender tudo errado. A tela era a saída, essa seria a conexão, não poderia encontrar com ela sozinho e longe do estúdio, teria que deixar este encontro a cargo de Jean, ele sim teria mais jeito para puxar assunto com a moça, eram jovens, bonitos e com sua simpatia elogiada por todos, Jean conseguiria facilmente explicar toda a situação e fazê-la entender a importância que aquilo teria para seu amigo pintor. Uma moça com aquele semblante só poderia ter um bom coração. De quebra ela ainda levaria um autêntico retrato de um artista do bairro das artes — Jean saberá como fazer! — pensou Moisés, enquanto fixava o olhar na rua.

Um barulho alto, um estrondo, cortou seu pensamento e ao olhar rapidamente para o fim da rua, viu uma lata grande de lixo voando de cima das escadas e batendo forte na borda da fonte, um monte de papéis e folhas subiram no ar, empurrados pela ventania que parecia não ter fim. O vento fazia os finos jatos de água, que brotavam da fonte, vindos diretamente dos aquedutos do subterrâneo, virarem um borrifó longo e horizontal, era como se a estátua da fonte cuspsse a esmo. Era o inverno cobrando o belo dia de céu azul que deixara escapar naquele início de estação. A natureza é implacável.

— É melhor eu dormir moça, amanhã é outro dia — disse Momo olhando para o retrato no cavalete e fechando a cortina fina, de um xadrez miúdo, feita com o que sobrou de tecido da toalha da mesa logo abaixo da janela. — Menina, quando encontrar Jean escute o que ele tem a lhe dizer. Por favor, pequena, escute com o coração.

E assim se encaminhou para a cama próxima da bancada, se enrolando bem em suas cobertas e repousou a cabeça no travesseiro, deixando que o sono chegasse calmamente embalado pelos assovios agudos da ventania lá fora. Uma tênue luz amarelada, vinda de um poste, ainda conseguia atravessar a fina cortina, iluminando parte do retrato como se fosse um tímido e caloroso raio de sol na escuridão, e então Moisés dormiu contemplando sua obra, só assim poderia ter sonhos reconfortantes.

E foi isso que aconteceu, Moisés sonhou com um dos muitos encontros apaixonados com sua amada Anne.

Era primavera, 1954, e Moisés chegava ao cais do Sena, de frente para a *Notre Dame*, no *Quai de La Tournelle*, ao passar por baixo da *Pont de L'Archevêché*, de longe, já podia ver aquela moça linda e sua inseparável câmera fotográfica apontada para a belíssima vista da catedral na ilha no meio do rio; suas torres recebiam uma luz incrível de primavera, um tom forte, duro e amarelado que fariam ressaltar as texturas da pedra calcária revelando belos contrastes em sua fotografia em preto e branco. Anne era muito boa na arte de capturar a luz, tinha um olhar apurado, incrível e sensível. Era algo como Henri Cartier-Bresson em seu livro *Images à la Sauvette*, que naquela época acabara de ser lançado, apresentando fotos belíssimas do cotidiano. Sem perceber que o jovem Moisés se aproximava, Anne continuou concentrada enquadrando a cena em sua *Rolleiflex*, uma clássica câmera de médio formato que ganhara de seu pai antes de viajar para Paris, um belo equipamento, mas também uma ótima ferramenta que de certa maneira o ajudaria a saber por onde sua vigiada filha andava. Foi

quando sentiu um doce perfume de rosas envolvendo seu rosto, afastou o olhar do visor e lá estava Moisés com três botões de rosas vermelhas quase tocando sua face. Observava quieto, quase em transe com tamanha beleza.

— Não queria assustar, fiquei com medo de que tremesse a foto, fiquei aqui, esperando e observando como você é linda, sabe, não é? Não consigo me cansar de te olhar! — disse Moisés, entregando-lhe as flores e olhando fundo em seus olhos.

Um largo sorriso tomou conta do rosto de Anne, que agora estava mais rosado com o elogio, e a bela foi logo colocando a alça da câmera no ombro e abraçou Moisés, um longo e apertado abraço. A diferença de altura de um para outro era pouca, mas mesmo assim, Anne precisou ficar levemente na ponta dos pés para alcançá-lo.

— Moisés querido, você a cada dia me deixa com mais vontade de não voltar pra casa, quero estar com você para sempre!

— E está esperando o que, pequena? Vamos, fique! Eu falo com seu pai, ele entenderá. Nos conhecemos faz pouco, mas o suficiente para saber que nos amamos de verdade.

— Não! Nem pensar, você não o conhece, ele nunca aceitará. Ao menos, por enquanto é melhor continuarmos assim até eu pensar em algo — dizia Anne com preocupação, inclinando levemente a cabeça, demonstrando receio por uma atitude como essa.

— Tudo bem, pequena, mas não quero ficar assim para sempre, também quero ficar com você por toda minha vida! — exclamou Moisés.

E mais um longo e apertado abraço.

— Deixa isso pra lá, venha... Quero uma foto sua com a catedral ao fundo... Vamos, ficará linda, a luz está belíssima hoje! — e puxou Moisés pela mão, procurando o melhor ângulo para o retrato.

— Isso querido, de braços abertos ficará ótima! — estava feito o registro para sempre, a luz eternizou em preto e branco a expressão

de alegria de Moisés, o semblante de um jovem apaixonado agora fora registrado para todo sempre.

Uma caminhada pela beira do Sena e então, entre um beijo e outro, ficaram admirando a vista da ilha, o entardecer chegando e deixando as águas com tons quentes, cores da paixão sempre presente em Paris. As mãos dadas se refletiam no espelho d'água e iam sumindo ao anoitecer. Uma despedida longa e o casal perfeito trocou as últimas palavras de mais um encontro, esse que já estava virando rotina desde que se conheceram havia duas semanas.

— Moisés, amanhã venha comigo até o hotel onde estou hospedada, meu pai passará o dia em encontros de negócios com futuros clientes e poderemos ficar mais tempo juntos, quero lhe mostrar as fotos que tenho feito por Paris. O que acha querido?

— Tudo bem, pequena, eu irei, mas quero que saiba que não acho certo ficar escondendo tudo isso de seu pai. Irei, mas conversaremos melhor sobre isso, ouviu? — e então as mãos se soltaram, cada um indo para um lado, sempre arriscando um olhar de longe até perderem-se de vista.

Um sono tranquilo em uma noite turbulenta era o que Moisés precisava.



Capítulo 9

Jacek Piotrowski era um homem duro, rude com tudo e com todos à sua volta. Com a filha única, Anne, não era diferente. Queria tudo exageradamente correto, chegava ao ponto de trancafiar a garota no quarto quando desconfiava que alguma coisa estava errada. Sua esposa, mãe que Ane não conheceu, sempre obedeceu tudo sem levantar a cabeça, fora uma pobre submissa e com medo do marido. Jacek chegava em casa, sentava com um copo de bebida, sua esposa tirava suas botas e calmamente lhe perguntava se estava com fome, quase sempre levando uma resposta ríspida que a fazia correr para a cozinha, era um ritual de humilhação diária desde o início de seu casamento.

Sua raiva aumentara por não ter um filho e principalmente por sua esposa ter morrido logo após dar à luz a pequena Anne, assim a menina fora criada pela avó e sem os mimos do pai revoltado, que agora ditava regras para empregados que, assim com sua finada esposa, respondiam de cabeça baixa.

Quando Anne nasceu foi uma noite difícil, Jacek deixara a fazenda passando a noite fora, infeliz com a notícia de que o filho homem tão

esperado não viera e sim uma menina. O sangue ferveu, deixou sua esposa aos cuidados dos empregados da casa saindo sem rumo, foi então que ao retornar soube da notícia da morte da esposa, foi o estopim para que uma relação conturbada com a filha começasse desde os primeiros dias de vida da pequena Anne, nome escolhido pela mãe minutos antes de partir. Com o tempo se recuperou, mas nunca se casou novamente e seu comportamento com Anne estava longe de ser o ideal.

Sr. Piotrowski, como era conhecido, era um grande empresário da cidade de *Poznan*, na Polônia, cidade com cerca de 600 mil habitantes e que sofrera muito com uma destruição quase total durante a invasão alemã, na Segunda Grande Guerra. Localizada no meio do caminho entre Berlim e Varsóvia, *Poznan* foi fundada no século X, em uma ilha do rio Warta. A semelhança com a origem de Paris, que também nascera de uma ilha, lhe chamava a atenção, levando-o a atravessar a Alemanha para tentar novos clientes em terras francesas logo no pós-guerra. Aquele homem grande, de olhos claros e cabelo sempre ao estilo militar, ganhou muito dinheiro com a reconstrução da cidade, sua indústria fornecia vestes para os operários e soube muito bem tirar proveito desta situação, não era muito correto nas negociações, preferia que os alemães tivessem destruído mais para poder ganhar ainda mais com toda a desgraça. Sua família estava protegida na época, pois tinha uma fazenda nos arredores da cidade onde conseguiu permanecer sem muitos problemas. As colaborações com os alemães resultaram em neutralidade durante todo o caos. Seus companheiros, mesmo em viagens, eram dois grandes homens que faziam sua segurança, normalmente vigiando tudo, principalmente sua família.

Em Paris buscava novos negócios, a cidade — sempre próspera — era vista por ele como uma mina de ouro e, se investisse em sua indústria em *Poznan*, seria mais fácil ampliar seus negócios por lá. Devido à reconstrução da cidade, os habitantes tinham poucas posses na época,

fazendo o Sr. Piotrowski buscar dinheiro nos países próximos e que já haviam se reerguido financeiramente melhor e mais rápido que *Poznan*. Durante estas viagens, gostava de levar a filha, tão bela e era melhor estar por perto, pois achava que sem sua presença por lá, nunca estaria bem vigiada. Certa vez, em uma de suas investidas em terras estrangeiras, levou a filha para Bélgica, onde durante toda sua estada a menina, ainda bem jovem, ficara presa no hotel, um de seus capangas na porta do quarto não deixou Anne colocar nem o nariz pra fora e ai dela se tentasse. Mas em uma fuga cinematográfica, Anne conseguiu despistar os olhares do homem truculento de roupas pretas e ganhou as ruas, conhecendo um pouco mais sobre o local onde seu pai buscava negócios.

Assim era Anne, ousada e decidida para uma garota criada com rédeas curtas. Sempre questionadora e desafiando o pai, pronta para aproveitar os passeios durante as viagens, mesmo algumas vezes não tendo autorização do Sr. Piotrowski e de seus capangas. Anne não aguentava a maneira como era tratada pelo pai e seu modo de esquecer isso era imaginar-se livre por onde andasse. Seu pai, quando a levava para as viagens, queria que a jovem ficasse sempre no quarto do hotel, vez ou outra a levava junto para um coquetel ou jantar com clientes, tentando passar uma imagem de homem familiar, isso fazia bem aos negócios. Anne não se conformava, mas mesmo com tudo isso, acompanhava Jacek. Não tinha opção.

Quando seu pai anunciou que iriam viajar para Paris, Anne se animou, lembrou-se de tudo que estudou sobre aquele lugar, sobre a história, a arquitetura, a arte, tudo o que para ela significava ser livre, Paris era um símbolo de liberdade para ela. Desta vez a filha concordou com o pai em viajar e nem retrucou, deixando-o orgulhoso, mesmo que por poucos instantes, achando que a menina havia tomado jeito e começara a gostar de acompanhá-lo nos negócios. Mesmo contra seus próprios princípios, o Sr. Piotrowski algumas vezes imaginava Anne lhe ajudando nas reuniões, lhe

fazendo render novos negócios. De alguma maneira poderia colaborar o fato de ser mulher e bonita. Não queria dar o braço a torcer, mas no fundo tinha este pensamento. Quando o assunto era negócios, Jacek Piotrowski fazia qualquer coisa para se dar bem e obter lucro, até mesmo explorar a imagem frágil de sua filha.

Capítulo 10

Os dias passam, nuvens carregadas dão rasantes no topo da colina no bairro alto da cidade luz, as pessoas cada vez menos se arriscam a andar pelas ruas que já acumulam neve em alguns pontos mais altos; em outros, a neve derretida traz um aspecto nada agradável, contrastando com as belezas da Cidade Luz, apenas nos casos que precisam realmente sair com seus pesados casacos e enfrentar o cortante vento gelado e as escadarias escorregadias que se amontoam no *Montmartre* e seus arredores. Com tantos contratemplos, Jean já não sabe como dizer ao amigo que não encontrou nenhuma pista que possa levá-lo ao encontro da jovem de cabelos ruivos nos últimos cinco dias que andou pelo bairro. Como dizer para Momo que as esperanças estão se esgotando? Que tudo está ficando bem mais complicado do que ele achou que seria? Um dilema começa a tomar conta de seus pensamentos. O rigor do inverno está dificultando cada vez mais suas pedaladas, fazendo-o demorar a cumprir com suas entregas, não deixando sobrar tempo para criar rotas alternativas em busca de realizar sua missão. Nem mesmo as grandes janelas da *Tout Le Monde* lhe mostram esperança, apenas algumas folhas voam pela rua e um

ou outro pedestre passando por ali. A vista lá do alto, próximo à basílica de *Sacré Coeur* é somente um manto branco como suas torres, os famosos telhados de Paris agora se resumem a uma densa névoa e uma incontável quantidade de chaminés baforando o vapor da calefação das residências, único refúgio seguro para o rigor da estação.

Pelas ruelas, a iluminação pública fica boa parte do dia acesa, pois o sol já não tem forças para transpor o cinza que paira no ar, o inverno (que ninguém esperava ser tão forte) começou trazendo temperaturas variadas e agora cobra tudo o que deixou escapar, com sopros gelados e doenças respiratórias se espalhando pelas ruas, até mesmo os turistas estão diminuindo. Jean sente dificuldade para fazer suas poucas entregas, mas não será uma estação gelada do ano que irá parar sua bicicleta, irá apenas fazê-la andar mais devagar, já que não quer levar outro tombo como o do início da semana, com baguetes rolando pela calçada e fazendo a alegria de dois cachorros que buscavam abrigo próximos a uns arbustos, ao pé de uma escadaria. O descuido fez com que o padeiro retornasse ao balcão da senhora Margot com cara de dor, tanto pelos machucados do tombo, que no frio doem mais, quanto por não conseguir, pela primeira vez, cumprir uma entrega. Precisou reabastecer seu cesto e retornar com mais calma, deixar a pedalada de ritmo forte para os finais de semana de primavera que logo irão chegar. Com o dia passando e nenhum toque no telefone, nem clientes entrando e saindo do estabelecimento, Jean pediu para senhora Margot se poderia ir rapidamente falar com Moisés em seu estúdio. Ela respondeu que sim sem nem levantar o olhar de sua revista, o nariz vermelho do frio recebendo mais uma esfregada com as costas da mão direita e então olhou para Jean, dizendo:

— Não demore, não estou muito bem para ficar no balcão caso um milagre faça aparecer um freguês desavisado, não paro de espirrar.

— Pode deixar senhora Margot, voltarei rápido, não se preocupe —

disse Jean colocando suas luvas e gorro surrado, saindo rapidamente ao encontro do amigo.

Jean bateu forte na grande porta amarela, gritando:

— Abra logo Momo, estou congelando aqui fora!

Rapidamente Moisés pulou da cadeira onde estava sentando, acompanhado de uma pequena taça de vinho, e foi abrindo a porta para Jean, deixando um vento forte passar, quase derrubando a pintura no cavalete.

— O que faz aqui, garoto? O frio está de matar hoje, não deveria estar trabalhando, não? Ao menos o forno de lá pode te manter aquecido.

— Sim Momo, mas minha patroa me deixou vir rapidamente falar com você.

E ali mesmo, em pé, foi dizendo ao amigo o que precisava.

— E então o que há de tão urgente... Já sei! Avistou a menina, foi isso? Claro, só isso faria você sair nesse frio! — disse Moisés esfregando as mãos com um brilho nos olhos e o rosto levemente corado do vinho.

— Não, infelizmente não, meu caro. Venho dizer que esta ficando muito difícil procurar, Momo. O frio está me atrasando nas entregas e não consigo tempo para procurar com mais calma, mal consigo olhar para frente quando pedalo, imagina olhar para todos os lados! Não sei onde estava com a cabeça achando que seria fácil encontrá-la! Achei melhor avisar já que não tenho lhe visto na padaria pelas manhãs.

— É, também estou ficando preocupado, acho que só conseguiremos quando o inverno melhorar e resolver trazer dias melhores, uma menina delicada como aquela não vai andar nesse frio de matar.

— Também acho, Momo. Mas me diga, por que não tem ido tomar seu café na *Tout Le Monde*? Está indo lá naquele café onde as meninas Marie e Elizabeth sempre vão?

— Não, não, Jean, estou um pouco doente, acho que é o frio, meu

nariz não para de incomodar e sinto dores pelo corpo, acho que naqueles dias de sol que fizeram no início do inverno me deixei enganar e acabei foi com um belo resfriado, mas não deve ser nada sério, é a idade garoto, uma tacinha de vinho e um caldo quente devem me ajudar!

— Tudo bem Momo, vou indo porque a senhora Margot também esta estranha, acho melhor eu me cuidar! — concluiu Jean enquanto saía, retornando ao trabalho.

— Momo, qualquer novidade lhe aviso, fique tranquilo que continuarei a procurar enquanto conseguir andar pelas ruas... E você, se cuide! — disse Jean com o tradicional gesto dos dedos emparelhados na testa.

O relógio avançava e o dia ia acabando; a noite chegou fria acompanhando o dia cinza. Moisés estava em seu estúdio, pensativo sobre a notícia de Jean e começou a temer que não conseguiria encontrar a garota. Isso seria trágico, pois além de continuar com as lembranças pela metade, ainda lhe faria perder clientes... Afinal, não conseguiria pintar outra imagem se não aquele belo rosto que lhe fitava repousado no centro do estúdio. O que restava agora era deitar e ter uma boa noite de sono, isso iria ajudar a espantar o resfriado e os maus pensamentos.

Moisés custou para conseguir dormir, uma tosse chata lhe fazia manter os olhos abertos. Em um desses momentos, Momo olhou firme para o retrato da moça no cavalete e com o olhar levemente embaçado enxergou sua bela Anne lhe dizendo que tudo ficaria bem, que ele apenas deveria dormir e sonhar. Talvez um delírio de febre ou uma mensagem saindo do baú de lembranças, não sabe ao certo, e ainda tentando entender, foi se entregando ao sono e com ele aos bons sonhos tão esperados.

Não demorou muito e um sonho com o primeiro encontro começou a se materializar, uma imagem se formou como uma névoa e nela Moisés pintava um retrato de uma senhora gorda sentada em um banquinho, embaixo de uma frondosa árvore verde na tradicional praça dos artistas no

Montmartre, a sempre movimentada e fervilhante *Place Du Tertre*.

De longe Anne observava os pintores trabalharem ao redor da praça, com sua câmera registrando duas ou três cenas por entre as árvores que rodeavam aquele local, mas um jovem pintor em especial lhe chamou a atenção. Ele conversa com a senhora que está sendo retratada, uma voz bonita, firme e simpática, joga conversa fora enquanto o olhar mapeia os traços marcantes que já começam a brotar em uma pequena tela que não mede mais que 30 por 40 centímetros. Anne não perdeu tempo e, encantada com aquela cena em especial, fotografou o jovem pintor sem que ele percebesse, ao menos era o que ela imaginava.

Moisés está finalizando o retrato da turista que vem do interior da França, lhe entrega e recebe seu pagamento sem tirar os olhos de Anne que continua parada, tentando disfarçar o interesse fotografando outras cenas ao seu redor. Com toda a certeza essa troca de olhares disse tudo, a tal história do amor à primeira vista é verdadeira e fez ali mais uma vítima, ou melhor, duas. O jovem casal agora deve se aproximar, é o passo seguinte que o coração cobra quando olhares assim se cruzam.

O jovem pintor então chamou Anne e lhe fez um gesto para sentar.

— Você me retratou com sua câmera fotográfica, agora é minha vez, deixe-me pintar seu retrato, espero conseguir reproduzir tamanha beleza — disse Moisés, conduzindo-a com o olhar e fazendo um lento gesto com a cabeça apontando para o banquinho em frente ao cavalete.

— Não, obrigada, eu só estou passeando — respondeu Anne sem jeito e com uma voz perdida, sem nem perceber que já havia se aproximado e se sentado à frente do jovem pintor. O coração está vencendo todo o resto do corpo, era ele quem estava no comando das ações.

A intensidade dos olhares entre os dois a deixou um tanto desligada, só conseguia falar, mas não controlava seu corpo, de fato. Foi então que começaram a conversar e durante uma pincelada e outra, Moisés tem

uma ideia de como vê-la novamente, a luz do dia estava quase acabando e ele não poderia apenas pintar e entregar o quadro para a jovem, precisava estender esse encontro do destino, não se tratava apenas de uma jovem bonita a ser retratada. Não poderia ser simples assim. Não era para ser.

— É... Me desculpe, mas acredito que tamanha beleza não deva ser retratada neste pouco tempo, volte amanhã aqui e finalizo seu retrato, terei o maior prazer em lhe presentear com está bela lembrança de Paris — concluiu Moisés, esperando que a ideia desse certo para poder rever a moça. Se isso acontecesse então seu coração estaria certo, era a confirmação de uma paixão à primeira vista.

Arriscou.

— Claro, voltarei sim, você me parece talentoso, já estou curiosa para ver o resultado — disse Anne, enquanto se levantava e se afastava devagar do local, um pouco de timidez fez aquele gesto ser involuntário, preferia ter ficado e conversado mais um pouco.

Como em um filme mal projetado, uma tosse forte faz um corte brusco no sonho de Moisés que então se viu novamente de frente para a tela que estava pintando na praça. Ao longe vê chegando Anne, belíssima como no dia anterior. Novamente os olhares se encontram e desta vez Moisés está de pé, indo de encontro à jovem, um abraço como bons amigos e o suave perfume de flores faz seu coração bater mais forte dando a certeza que aquela delicada moça é, sim, especial. Os dois se cumprimentam e com elegância Moisés conduz Anne até o banquinho para continuar o retrato.

— Que bom que você voltou, fiquei com medo que me achasse insistente e não retornasse para finalizarmos seu presente.

— Eu precisava voltar, fiquei curiosa com o resultado. Como eu lhe disse ontem, você parece ter muito talento, se conseguir transmitir sua simpatia para as tintas, tenho certeza que ficarei bela no retrato.

— Bela... É claro! — exclamou o jovem pintor, sabendo que poderia

falar assim, apesar de conhecê-la há tão pouco tempo, quase nada na verdade, seu coração lhe permitira o comentário.

Os minutos foram passando e Moisés pintando com um pouco menos de pressa que o normal (se acabasse rápido poderia simplesmente entregar o retrato e a jovem ir embora, quem sabe nunca mais aparecendo pela praça). Então, algumas pinceladas mais lentas foram se formando, a conversa seguia interessante, Moisés já sabia que Anne viera de Poznan e que acompanhava seu pai em uma viagem de negócios, um resumo de duas jovens vidas foi se revelando e, ao mesmo tempo, se entrelaçando, mais uma artimanha do coração que fez com que Anne e Moisés se apaixonassem no momento em que se viram.

Pronto, estava terminada a tela. Moisés se levanta e com a intimidade de grandes amigos pede que Anne fique de costas e se prepare para receber seu presente. A jovem acha engraçado, mas aceita a brincadeira e deixa que Moisés lhe apresente sua arte desta forma.

— Pronto, pode virar! — diz o pintor.

Anne se vira e não acredita no que esta vendo, é um belíssimo retrato, quase uma fotografia sobre a tela, uma imagem bem marcada com toques firmes e de tons suaves. A jovem não crê que Moisés, aquele jovem pintor que trabalha ao redor de uma praça retratando turistas, poderia criar uma obra tão linda não deixando nada a dever aos grandes nomes da arte. Uns segundos de silêncio e a expressão de Moisés mudou bruscamente quando Anne correu para o outro lado da rua, se desviando por entre pedestres. Ele ficou surpreso, não entendendo o que estava ocorrendo, mas quando abre a boca para perguntar o que houve, achando que poderia ter ofendido Anne de alguma forma, percebe que a jovem está pegando uma flor de um muro cheio de rosas claras. Com cuidado ela arranca um botão de rosa e retorna na direção de Moisés.

— Aqui está, pintor, você é um grande artista e eu preciso retribuir o

presente com algo tão belo quanto sua arte, uma rosa, uma flor perfeita, só a natureza cria algo assim, você é especial Moisés, você é naturalmente especial!

E entrega a rosa em troca de sua pintura. Moisés ficou sem palavras e não pensou duas vezes ao se aproximar de Anne e a beijar apaixonadamente. Naquele momento o mundo parou de girar, as vozes silenciaram, os pensamentos só emanavam coisas boas e os corações de duas jovens almas se encontraram batendo no mesmo ritmo, depois deste momento não poderiam nunca mais ficar distantes.

Anne e Moisés, o jovem casal se olhou intensamente, ele com uma rosa na mão, ela com uma tela junto ao corpo.

— Eu volto amanhã — disse Anne.

— Volte sim, por favor! Eu estarei aqui, neste mesmo local, nesta mesma posição, não conseguirei me mover, Anne — brincou o pintor, agora mais apaixonado do que nunca.

Mais um corte brusco na projeção mental de seu sonho, uma tosse insistente fez o velho Moisés acordar mais uma vez, mas desta vez sem conseguir dormir novamente, eufórico com uma nova lembrança. Não era um sonho apenas, era mais uma de suas lembranças da juventude que voltavam à vida enquanto dormia. No cavalete próximo à lateral da cama estava a pintura da jovem, quase idêntica ao presente que deu a Anne, naquela tarde de 1954, na praça do *Montmartre*. Agora, com mais certeza do que nunca, ele precisa encontrar a jovem garota de cabelos de fogo, precisa muito encontrá-la, nela estão suas respostas, ou melhor, suas memórias. Moisés sentia isso, mas ao mesmo tempo sentia dores e calafrios de uma febre que começava a fazer arder seu corpo de dentro pra fora, não parecia apenas um resfriado de inverno como imaginou.

Capítulo 11

Agora em todas as manhãs, Jean saía de seu quarto empurrando sua bicicleta ao lado do corpo, sob o olhar atendo e um pouco surpreso do dono mal humorado da pensão. Seguia com todo o cuidado para não raspar as paredes, descendo as escadas barulhentas da pensão e se dirigindo para mais um dia de trabalho na *Tout Le Monde*. Lá fora o sol ensaiava acordar no horizonte ainda escuro de uma manhã um pouco melhor que a última, sem muita neve acumulada pelas ruas e com bem poucas pessoas andando de um lado para outro, somente alguns trabalhadores seguindo sua rotina, e quem marcava presença era um vento cortante que fazia a temperatura corporal cair rapidamente quando exposto por muito tempo ao clima, e chegar ao seu destino seria uma pedalada árdua desta vez, o que não deixava esquecer a estação do ano que envolvia Paris.

Uma curta corridinha e um pulo certo no selim foram suficientes para Jean ganhar velocidade a caminho da *Rue Alfred Stevens*. Como de costume, o padeiro pegou o atalho por entre os túmulos no *Cimetière du Père Lachaise*, com estátuas ladeando seu trajeto, iluminadas timidamente

por postes de lâmpadas incandescentes. Cada pedalada formava borrões, deixando vultos escuros para trás, fazendo-o pedalar ainda mais rápido sempre chegando na hora certa ao trabalho, mesmo antes da senhora Margot. Mas o que Jean não contava era que seu relógio estava com problemas, marcando 5h30min da manhã, hora que Jean costumava sair do quartinho da pensão e se dirigir para o trabalho, quando na verdade eram ainda 4h30min. Jean estava uma hora adiantado, logo em um dia frio, isso não seria nada bom quando ele descobrisse a falha daquele que deveria lhe mostrar o tempo corretamente.

Lá estava Jean, de frente à porta fechada da *boulangerie*, a vitrine com uma luz fraca e algumas poucas baguetes que sobraram do dia anterior, a placa de “fechado” pendurada de qualquer jeito no vidro e Jean, parado como uma estátua, sendo açoitado pelo vento e olhando o relógio a todo o instante.

Ele não se conformava que senhora Margot ainda não chegara, impaciente e não aguentando mais o frio intenso que ia tomando conta de seu corpo e se entranhando por suas fracas camadas de roupas, resolveu que o melhor a fazer era bater na porta do amigo pintor, mas rapidamente se lembra do horário, são apenas 6 horas da manhã, Moisés provavelmente estaria dormindo e não iria abrir a porta. Contudo, não era possível aguentar ali parado; já havia tentado se esconder na escadaria, mas o vento parecia gostar do atalho e soprava forte por ali também. Naquela manhã o frio estava demais, alguma coisa estaria prendendo sua patroa em casa e não seria Jean que ficaria ali congelando sem saber o que aconteceu, o melhor realmente era pedir abrigo ao amigo Moisés, tudo se encontrava estranhamente fechado à sua volta.

Então, como um vulto pelo amanhecer ainda bem mais escuro que os outros dias, Jean seguiu em direção à porta amarela e sem, pensar muito, bateu chamando pelo nome de Moisés, mais uma batida e uns segundos depois e ouviu o barulho da chave abrindo aquela fechadura velha e cheia

de ruídos. Lá estava Moisés, enrolado em um casaco grosso, com botinas por amarrar e um misto de espanto, sono e dor, perguntou:

— O que aconteceu, garoto? Perdeu as chaves de sua casa?! São 5 horas da manhã ainda. Vamos, entre de uma vez!

Jean encostou sua bicicleta logo abaixo da janela, pelo lado de fora do estúdio, e entrou rapidamente se desculpando sem nem perceber o horário que Momo frisara ser.

— Desculpe Momo, a Sra. Margot ainda não apareceu e eu estou congelando nesse vento frio, vou deixar passar mais uns minutos e depois dou mais uma olhada se ela já chegou. Não sei o que pode ter acontecido, ela estava resfriada, mas nunca deixou de abrir a *Tout Le Monde* às 6 horas em ponto, estou um pouco preocupado com o que pode ter acontecido — dizia Jean esfregando as mãos no rosto em busca de calor e arrumando o gorro velho sem nem perceber que Moisés havia voltado para a cama. Jean procurou à sua volta e viu Moisés na cama de botinas e tudo, como se nem estivesse se levantado segundos antes.

— Moisés! Moisés! O que houve amigo? Responda, por favor, Momo! — Jean insistiu, sacudindo Moisés levemente com as mãos nos seus joelhos. O pintor abriu os olhos, mas em sua face o olhar parecia distante, uma expressão de dor e a testa franzida diziam que alguma coisa não estava bem. Jean percebeu e tocou a testa de Moisés, que ardia em febre resmungando algumas palavras soltas e sem sentido, ao menos para Jean elas não faziam sentido naquele momento.

— Por favor, não! — esbravejou Momo com uma voz rouca seguida de um gemido de dor que assustou o padeiro, fazendo-o se afastar para longe da cama em um pulo só.

— Anne! — mais uma vez as palavras saíram como um gemido, o corpo se contorcendo na cama e Jean então percebeu que Moisés está delirando devido a uma forte febre.

— Não me bata, não, não... Eu amo sua filha! — Momo fica em posição fetal, hiperventilando e repetindo várias vezes a mesma frase.

— Não me bata, não, não... Eu amo sua filha! Não me bata, não, não... Eu amo sua filha! Não me bata, não, não... Eu amo sua filha!

— Moisés, fique calmo amigo, calma, eu já volto.

Jean correu para a pia do banheirinho ao fundo do estúdio, quase atropelando uma cadeira com roupas que no momento segurava a porta do lavatório. Molhou uma toalha de rosto que acabou ficando gelada demais; ao sair depressa, se atrapalhou deixando cair na pia um pote de pincéis que se encontravam de molho.

Torceu a toalha com força, retirando quase toda a água ali mesmo ao lado da cama, deixando-a um pouco mais agradável para tentar resfriar o amigo. Um espiral de várias cores se forma descendo pelo ralo enquanto Jean tentava reduzir a febre de Moisés diminuindo seu sofrimento.

— Aqui está Momo, me deixe colocar essa toalha na sua testa, isso irá ajudar a passar esse febrão e você ficará melhor amigo, eu prometo. — disse Jean, calmamente como quem cuida de uma criança, sentado ao lado da cama vigilante a qualquer sinal que o amigo pudesse emitir.

— Senhor, por favor! — continuava Moisés em seus delírio e grunhidos abafados de dor.

— Anne, aqui está seu retrato! — mais um delírio, agora calmo e suave, completamente oposto aos gritos anteriores.

— Por favor, não! — e um grito forte e abafado foi completado por uma expressão de dor, com os olhos arregalados e Moisés não resistiu e desmaiou mais uma vez.

— Momo... Momo! — Jean já não sabia mais o que fazer, temendo que seu amigo estivesse morrendo ali mesmo, em sua frente, em seus braços, mas apalpando a testa do pintor com a toalha gelada, que rapidamente se aquece novamente de tanta febre, percebeu que Moisés ainda respirava,

um pouco ofegante, mas respirando e parecendo agora dormir com uma serenidade extremamente contrária a todos aqueles momentos recém-presenciados. O suor frio molhava o travesseiro, deixando o formato de sua cabeça no local.

— Moisés, você quase me mata de susto! — desabafou baixinho Jean enquanto, vai mais uma vez, molhava a toalha na pia do banheiro para seguir cuidando de seu amigo. Agora, mais do que nunca, Momo precisa dele ao seu lado. Aquele sentimento de amizade quase fraternal e mútuo que Jean sentiu sempre pelo velho pintor agora estava sendo colocado em prática na forma de cuidados.

Em meio a esse momento relâmpago de delírios e sustos, Jean começou a juntar as frases que o pintor dissera e percebe que tudo que Moisés resmungou teve ligação com Anne, não entendeu direito os pedidos de “por favor” nem as súplicas de “não me bata”, aquilo para Jean não fazia sentido algum, mas como se tratavam de delírios de febre (e Jean já passara por aquilo), não deu muita importância e preferiu seguir cuidando de Moisés, deixando para refletir melhor sobre isto depois, solicitando a ajuda do amigo pra interpretações mais concretas.

Alguns minutos mais tarde e a febre baixou bruscamente, só agora o padeiro lembrou-se que Moisés abrira a porta dizendo que ainda eram 5 horas da manhã e não 6 horas, como ele pensara. Conferiu seu relógio que marcava 6h45, conferiu o relógio de bolso que Moisés deixara ao lado da cama e, para sua surpresa, nele os finos ponteiros dourados marcavam 5h45min. Pronto, explicado porque a senhora Margot não havia aparecido para abrir a *Tout Le Monde* como sempre fizera pontualmente, seu relógio estava adiantado em uma hora, não sabe por que, mas estava. Quem sabe o destino mexeu os ponteiros e conspirou colocando Jean no lugar certo e na hora certa, assim como fizera com o amigo pintor ao contemplar a bela garota da *Rue Alfred Stevens*.

Algo maior estava envolvido nestas ações, não poderiam ser meras coincidências.

— Ok, assim foi melhor, ao menos eu estava aqui para lhe ajudar amigo — falou baixinho, conferindo que a febre agora havia quase desaparecido, Moisés dormia em paz e sem delírios.

Relógio ajustado corretamente e os ponteiros apontam um para cima e outro para baixo, 6 horas, hora de ir para o trabalho. Jean saiu do estúdio a passos calmos, fazendo o menor barulho possível, somente o que quebrou o silêncio e fez Moisés dar uma pequena mexida nas pernas, se aninhando melhor na cama, foi a fechadura velha que estalou forte quando Jean abriu a porta. Sua bicicleta estava no chão, cheia de salpicos de neve recente, o vento não permitiu que ela permanecesse encostada onde Jean havia deixado, estava uns dois passos à frente fazendo com que ele se abaixasse para erguer a fiel companheira que resistiu o quanto pode em meio aquela ventania anormal.

Enquanto erguia a bicicleta, o padeiro já conseguia ver a senhora Margot entrando na *Tout Le Monde*. Com o vento agora mais calmo, o dia vai de fato amanhecendo como deveria ter acontecido à uma hora atrás, segundo o relógio de Jean.

— Senhora Margot, preciso falar com a senhora um instante — diz Jean, enquanto entra na *boulangerie*, retirando as luvas e o gorro. Lá dentro o clima é sempre melhor, ainda mais quando começam a aquecer os fornos.

— O que houve garoto? Você hoje não estava na frente me esperando como sempre, foi esse vento louco, não foi? Pedalar assim deve ser ruim mesmo, tá perdoado — se adiantou a patroa, achando que Jean pretendia se desculpar.

— Não, senhora Margot, pelo contrário, meu relógio, sabe-se lá Deus porquê, se adiantou em uma hora e eu acabei chegando aqui cedo demais.

— Sim, mas e onde estava você que eu não vi? — questionou a patroa

enquanto vai arrumando sua cadeira, seu trono diário, atrás do caixa.

— Eu fui me esconder daquele vento frio no estúdio de Moisés, ali próximo ao final da rua — disse Jean, apontando pela janela.

— Sim, sim, eu sei onde é, é daquele seu amigo pintor que sempre vem aqui, não é?

— Isso mesmo! E é sobre ele que eu queria lhe falar — Jean se aproximou do caixa. — Ele está muito mal, teve sorte de eu chegar mais cedo e ir procurá-lo, bati na porta e quando ele abriu logo foi caindo de volta na cama, uma febre bem forte derrubou o velho Moisés.

Agora a senhora Margot prestava mais atenção no que o funcionário dizia, não eram desculpas esfarrapadas como ela erroneamente previra, até mesmo porque desculpas assim não combinavam com Jean.

— Ele está bem? — senhora Margot perguntou, um pouco espantada.

— Agora acho que está melhor, mas estava delirando muito, coisas sem sentido, ardendo em febre. Consegui baixar a febre com uma toalha molhada, mas não sei se é bom deixá-lo sozinho, ele não tem ninguém, a senhora sabe como é a vida do Moisés.

— Tudo bem Jean, pode ficar um pouco mais com seu amigo — adivinhou a patroa. — Sei bem como é isso, também estive mal ontem, você me viu. Aproveite e leve esse chá que tomei e me fez muito bem. Isso vai ajudá-lo, tenho certeza. Deve ser somente um resfriado devido a esse tempo maluco! — disse já pegando um punhado de chá em uma latinha redonda decorada com detalhes finos em vermelho vivo, que trouxera em meio às revistas em sua bolsa.

— Muito obrigado senhora Margot, depois posso compensar esse tempo com horas extras.

— Tudo bem, hoje me sinto melhor e posso atender os fregueses sozinha por algum tempo. Com esse vento todo acho que não serão muitos nas primeiras horas. Mas não demore, Jean!

Jean olhou atento aquela cena, não era todo o dia que via sua patroa disposta a trabalhar, realmente o chá deveria ser bom.

— Obrigado, volto daqui a pouco! — falou enquanto fechava a porta da *Tout Le Monde*, ganhando a rua em direção ao estúdio de Momo.

Jean abriu a grande porta amarela devagar, não conseguindo silenciar a maldita fechadura barulhenta, mas nada que chegasse a acordar o amigo que repousa num sono, aparentemente, tranquilo.

O padeiro retirou as luvas, esfregou as mãos e conferiu a temperatura do amigo encostando as costas da mão fria na testa de Moisés, uma sacudida rápida de cabeça assustou Jean e Moisés acabou por acordar como se estivesse em um sonho, a voz rouca, a boca seca e uma respiração descompassada sem entender muito bem o que Jean fazia ali, ao seu lado, com aquela mão cadavérica colada em sua testa ainda levemente quente, não tinha certeza se era real ou mais um delírio.

— Fique calmo, Momo, eu trouxe um chá que vai lhe ajudar — acalmou Jean, enquanto observava Moisés sentar-se na beira da cama com a dificuldade de quem fora atropelado por um trem de carga.

— O que você faz aqui padeiro? Como entrou? — questionou Moisés com um pensamento confuso e tentando organizar as ideias, ainda um pouco zozzo, com a voz rouca e cansada.

— Você estava ardendo em febre Moisés, você abriu a porta e quando vi estava caído na cama delirando, falando palavras sem sentido.

— Deve ser esse maldito resfriado que me derrubou, lembra que eu não estava muito bem ontem? Tive alguns momentos de dor de cabeça. Pois então, no meio da noite piorou e eu não me lembro de mais nada.

— Você ficou falando umas coisas estranhas, mas o nome dela estava lá, Momo, tinha alguma coisa a ver com Anne — disse Jean, enquanto começava a preparar o chá que a senhora Margot enviara.

— Como assim, Jean? Está falando do que? — Moisés já estava sentado,

encolhido em uma cadeira na mesinha de toalha xadrez, tentando entender o que Anne tinha a ver com esse momento tão dolorido.

— Sim Momo, ela não sai de sua cabeça amigo, você ficou repetindo um monte de coisas e dizendo que a amava.

Jean já estava com o chá pronto e então com uma caneca quente entre as mãos e ainda um pouco perdido nos fatos, Moisés escutou o rapaz contar tudo desde o início, desde seu relógio adiantado até a melhora de sua patroa com o chá que estava à sua frente.

— Vamos, beba Momo, mal não irá fazer! No mínimo lhe manterá quente por dentro!

— Vou tentar ligar os pontos para entender de onde vieram essas palavras todas, provavelmente são apenas delírios Jean, mas se Anne estava no meio, é bom eu conseguir lembrar — concluiu Moisés por entre o vapor do último gole de chá quente que embaçou as lentes dos óculos de armação fina, repousado levemente na ponta do nariz.

— Momo, acho melhor você continuar deitado mais um pouco, a rua está fria e com muito vento, não vai fazer nada bem para você... E já que a senhora Margot foi gentil comigo me deixando vir aqui a essa hora, não quero abusar e vou voltar ao trabalho. Volto mais tarde para ver como você está, meu amigo. Posso lhe trazer algo para comer também, você precisa ficar forte para melhorar.

Moisés consentiu e voltou para o leito, esperando a bebida quente fazer efeito. A febre já se fora e a respiração parecia estar entrando nos eixos. Jean foi saindo, deixando a porta novamente sem trancar para poder entrar mais tarde e continuar a cuidar de seu amigo.

O velho pintor repousou calmamente a cabeça no travesseiro ainda úmido e agora frio, que de tanto uso já tinha um molde de seu crânio esculpido pelo tempo. As mãos seguravam a ponta de um cobertor sem cor definida, um contraste de quem vive de cores e se conforta com o

aconchego de um pedaço grosso e pesado de tecido e lã com uma cor cinza indecifrável. Por ali ia ficando Moisés, sentindo o corpo trabalhar novamente, olhando para o retrato no cavalete e fechando lentamente os olhos, agora sim iria tentar repousar como deveria ser, e não arder e rolar pela cama como fizera na noite anterior e, principalmente, nos delírios que Jean mencionou. Contudo, uma inquietação lhe tomou por inteiro, desta vez não era a febre que lhe castigava, mas sim as lembranças que ela fizera vir à tona, tudo ia se revelando e Moisés percebeu que todas as frases as quais dissera em seus delírios faziam, sim, muito sentido. Infelizmente, aquelas palavras faziam muito sentido para Moisés.

Capítulo 12

Um dia que prometia seguir monótono para os negócios, devido ao clima, acabou por se tornar um dia normal de trabalho para Jean.

O clima não atrapalhou suas entregas na parte alta do bairro, deixando o padeiro afastado da *Rue Alfred Stevens*. Eram poucas as entregas, mas levavam mais tempo para se realizar devido às rajadas de vento que o deixavam com pele rosada e assoviam por entre os pedais da bicicleta; um pouco de neve que se acumulava lentamente pelas ruas mais altas do *Montmartre* agarravam as rodas e as soltavam sem aviso prévio, tornando cada vez mais lento e perigoso avançar morro acima com velocidade. Isso manteve Jean afastado também da janela de Moisés; não conseguia deixar aquele tempinho de sobra, como de costume, que usava para trocar meia dúzia de palavras com o amigo sem nem mesmo precisar descer da bicicleta, apenas encostado na janela do estúdio de Momo.

Depois de um dia pesado de trabalho, o final do expediente chegou. Jean pediu para senhora Margot se poderia sair um pouco antes do horário para visitar o amigo pintor. Logo foi deixando tudo adiantado no balcão, contando com o humor inédito de sua patroa e com o fato

de Moisés estar ainda precisando de ajuda, conseguiria esta regalia com toda a certeza. Nem precisou insistir e lá se foi Jean empurrando sua bicicleta em direção ao estúdio de porta amarela, praticamente o vento lhe conduzindo ao encontro do amigo, mas a noite já estava caindo e o jovem padeiro precisava ser rápido na conversa com Moisés, pois não queria ter que atravessar o cemitério muito tarde, não gostava da ideia de andar por entre os mortos em uma noite fria, escura e com ventos assoviando por entre os galhos, só de pensar sua nuca se arrepiou e rapidamente fez Jean ajustar melhor o cachecol no pescoço, fazendo-o se sentir mais seguro envolto na lã escura e grossa da peça que herdara do pai, perfeita proteção para uma noite como aquela.

Jean encostou a bicicleta e golpeou a porta. Nada de Moisés abrir. Esperou alguns segundos e bateu novamente com mais força, quase no mesmo instante em que Moisés segurou a maçaneta. Com um ranger longo, o pintor abriu a porta bem devagar, apenas o suficiente para dar passagem ao amigo, parecia não ter forças para puxar a grande porta como sempre o fizera. O que Jean viu foi intrigante: Moisés está cabisbaixo, com o olhar parado e sem nem levantar a cabeça, dizendo lentamente:

— Vá entrando Jean, preciso lhe contar algumas coisas.

Apenas teve tempo de Jean puxar uma cadeira e se acomodar próximo à bancada, e quando fechou a porta, o som da tranca velha de metal pareceu um gongo soando e dando início na conversa. Moisés sentou, acabrunhado, na beirada da cama ainda desarrumada, e com as mãos unidas sobre os joelhos começou a falar antes mesmo que Jean tivesse tempo de falar alguma coisa.

— Ela me pegou pela mão e disse que o melhor a fazermos seria irmos ao hotel onde ela estava hospedada. Naquela tarde, seu pai passaria o tempo todo numa reunião e encontros com empresários e havia lhe liberado de acompanhá-lo. Eu relutei um pouco, pois como já havia lhe

falado algumas vezes, não concordava em ficar mantendo esse namoro às escondidas, eu gostaria muito de falar com o senhor Piotrowski e pedir para que autorizasse nosso namoro, mesmo sabendo que Anne não ficaria para sempre aqui em Paris... Mas fazer o que? Sempre fui assim, direito em tudo, não seria no amor que eu iria errar, quem sabe eu não fosse para Polônia com ela? Tudo era de se pensar, nada me prendia aqui! Mesmo assim, Anne me convenceu a ir ao hotel e fomos. Como eu negaria alguma coisa para aquele anjo que entrou em minha vida? Passamos pela recepção e subimos os três lances de escada curva de madeira com tapete vermelho. Era um lugar esplêndido, com lindas obras de arte nas paredes, cheirava a flores frescas, nunca havia colocado os pés naquele hotel ou em qualquer outro daquele nível. Tomamos um cálice de licor de laranja, jogamos conversa fora e então nossos rostos rosados aquecidos pela bebida foram se aproximando e nos beijamos intensamente, os lábios macios de Anne me passavam uma tranquilidade e um calor que só percebi que existia dias antes, quando nos conhecemos, durante nosso primeiro beijo. Aquela sensação era desconhecida até então, nossos corpos sentiam que deveriam se unir, tornar-se um só, a pele lisa de seus braços me envolveram de maneira que eu não pude resistir, não era uma questão de força, mas de intensidade, peguei Anne nos braços seguindo em direção à cama grande.

Jean escutava tudo com extrema atenção, não queria, de maneira nenhuma, interromper Moisés, o velho pintor realmente tinha razão quando afirmou ter lembrando de tudo, seus olhos mareados transmitiam toda a emoção que lembranças podem fazer aflorar em um ser humano. Era como se nunca houvera vivido aquele momento e repentinamente toda a emoção de um período eclodisse para o mundo, viesse à tona em um salto, de uma só vez.

Moisés cruzou as pernas, se acomodando melhor na beirada da cama

e continuou a contar tudo em detalhes naquele monólogo emocionado, talvez ter realmente aberto o baú de lembranças lhe obrigasse a colocar tudo pra fora, mesmo os mínimos detalhes, sabia que seu jovem amigo era como um filho, um confessor com quem poderia se abrir e contar todas suas angústias, Jean teria paciência, interesse e, principalmente, respeito ao ouvir o que quer que fosse externado.

— Com Anne nos braços, fui me aproximando da cama, o tecido fino e translúcido que cobria o dossel deslizou por nossos rostos deixando Anne brevemente arrepiada, seus poros se dilataram e seu corpo se contraiu em um movimento delicadamente rápido. Foi maravilhoso o olhar com que ela me encarou, o tecido quando revelou seus olhos, por instantes, me fez lembrar um véu de noiva e senti que era isso que eu desejava, era esse momento, esse olhar que eu esperava ver um dia no altar de uma capela do bairro. Não tinha mais volta, era Anne que eu queria para o resto de minha vida, para viver ao meu lado na alegria e na tristeza, tristeza que eu imaginava não existir estando junto a ela. E ali mesmo, naquela cama macia, com aquele toque suave do tecido fino sobre nossos corpos, respiramos o mesmo ar, trocamos carícias e nos amamos pela primeira vez, foi mágico, intenso e indescritível. Fomos feitos um para o outro, sem dúvidas. Mas essa foi a melhor lembrança que tive de Anne até agora, a lembrança que todo o momento ao lado dela valeu a pena — completou Moisés, num tom mais baixo de voz, quase um murmúrio arrastado, um lamento finalizando uma parte da história que não gostaria que jamais tivesse fim. A fala contraída parecia forçar novas recordações.

Jean, até aquele momento, não dissera uma palavra, não ousou interromper Momo que falava sem se dirigir a ninguém, como se estivesse em um monólogo em cima de um palco de teatro, sob um feixe de luz, indiferente à presença ou não de uma plateia, em uma conversa grandiosa com seu interior. Ao mesmo tempo em que falava sem olhar para Jean,

Moisés sabia que precisava de alguém para ouvi-lo, era importante dividir esse sentimento com alguém, principalmente se este alguém fosse seu fiel amigo padeiro, com quem dividiria qualquer sentimento sem hesitar.

— Um abraço com cheiro de rosas e um beijo nos lábios macios um pouco ressecados pela respiração forte do momento foram a promessa de que voltaríamos a nos encontrar no dia seguinte, o que acabara de acontecer era a certeza que tínhamos nascido para viver juntos, nada poderia mudar isso, nem mesmo o tempo, por maior que fosse. Nada, além do que aconteceu logo em seguida.

As feições de Moisés mudaram, seu rosto já não estava com aquele ar jovial de garoto apaixonado. Momo estava um pouco agitado, sem posição certa para se acomodar na beirada da cama, o conforto, que há pouco sentira, fora embora. Levantou-se e parou de costas para a bancada, firmando sua posição ao apoiar as mãos e fincar bem os pés no chão, uma posição ereta, rígida e incomum, acompanhada de profundos sulcos entre as sobrancelhas. A expressão era outra, completamente oposta a do momento anterior, observara o rapaz. Jean percebeu que o que viria a seguir não transmitiria a mesma satisfação que acabara de sentir ao ouvir Momo.

— Desci as escadas e, ao passar na recepção, percebi que um homem careca, de queixo grande, alto e de roupa preta que chegava ao hotel me encarou um pouco diferente. Tudo bem que eu não era nenhum exemplo de hóspede daquele hotel requintado, mas também não era nenhum maltrapilho. Fiz apenas um sinal de cumprimento com a cabeça e segui em direção ao cais. Caminhava, quando, em uma ruela estreita e deserta atrás do hotel, um outro homem grande de roupa preta e cabelo num estilo militar me parou e perguntou de onde eu estava vindo. Disse calmamente que de um hotel ali próximo, mas que não devia nenhuma explicação a ele, afinal nunca tinha visto o sujeito na vida. Bastou eu me

virar e desviar do brutamente para que eu sentisse uma pancada violenta na parte de trás das pernas, o que me fez cair de joelhos. Antes mesmo de falar alguma coisa, antes de esboçar qualquer reação, levei um golpe na nuca e devo ter ficado desacordado, já que não me lembro de nada. Não sei quanto tempo se passou, não sei se foram horas ou minutos, mas quando voltei a mim, enxerguei dois homens de preto na minha frente, achei estar vendo dobrado devido a pancada, pois até onde lembrava só havia um na rua estreita dos fundos do hotel. Balancei a cabeça e tive a infeliz surpresa de saber que eram realmente dois, reconheci o outro, era ele quem estava chegando à recepção do hotel quando passei. Tentei me localizar, não reconheci de imediato aquele lugar, muitas árvores, barulho de água, pouco movimento, já estava escuro, saí do hotel com o céu ainda claro. Um deles logo me deu um chute no estômago, tentei me proteger e só então dei por conta que minhas mãos estavam amarradas fortemente, me contorci de dor, não deu nem tempo de me recuperar e mais outra botinada atingiu meu fígado, me fazendo cuspir sangue. Um deles me segurou pelo pescoço e falou cuspendo em meu rosto: “Nunca mais chegue perto daquele hotel”. Não entendi nada, será que haviam me confundido com algum hóspede que não fosse bem-vindo, algum ladrão ou algo assim? Mas naquele momento não conseguia pensar em hipóteses, somente quando o homem que eu encontrara na recepção, um sujeito de queixo grande e marcado, me deu um soco no rosto e falou que não queria me ver por perto de Anne: “Não ouse nem sonhar mais com essa garota!” Foi então que entendi o que estava acontecendo, eles eram capangas do senhor Jacek Piotrowsky, Anne me falou deles, me alertou, sempre estavam à sua volta vigiando a pedido do pai, mas nem ela, nem eu, imaginávamos algo assim, não deveriam estar lá naquele dia pelo que Anne falou. Mas provavelmente fosse alguma emboscada planejada pelo seu pai.

Jean estava sentado sem mexer um músculo, o olhar fixo em Moisés, tentava como uma máquina ligar todos os pontos, fazer correlações com os sonhos, as alucinações, as lembranças, e ainda conectar tudo à jovem pintada na tela. Seus pensamentos estavam uma bagunça. O padeiro processava as informações como se fossem um quebra-cabeça, formando as cenas e direcionando a história que Momo relatava com os olhos vermelhos, agora olhando fixamente para o retrato que pintara no centro do estúdio, a paz daquela imagem refletida nos olhos molhados de Moisés era o contraste de uma história de amor e dor, o amor representado pela bela imagem de Anne, a dor representada pelas lágrimas que começavam a escorrer dos olhos do pintor e serpenteavam pela barba e pelo rosto marcado do tempo.

Com as costas da mão direita Moisés limpou uma gota de dor que venceu a barba por fazer e chegara ao queixo franzido, a voz trêmula e embargada voltou a relatar o fato.

— Tentei argumentar, mas o som ficou preso em um lábio cortado e inchado, um gosto de ferro denunciava o sangue em minha boca, não consegui produzir nenhum som a não ser gemidos de dor. Um deles se aproximou com um canivete preto em uma das mãos; meu coração disparou quando, por entre um olho inchado, enxerguei o brilho da lâmina, ele puxou minhas mãos e cortou as amarras, minhas mãos latejavam. Me deram mais alguns golpes diretamente na cabeça, eu não tinha como reagir, sem chance nenhuma, as luzes dos postes começaram a dançar por entre os galhos das árvores, o barulho de água sumia e voltava, a dor era imensa, eu estava no chão em posição fetal, havia batido fortemente a cabeça em uma pedra solta do calçamento. Quando consegui brevemente identificar uma comporta do canal *Saint Martin*, e percebi onde estava, ensaiei me levantar e a última coisa que vi foi uma bota preta vindo em direção ao meu rosto. Um chute forte atingiu minha cabeça logo

acima da orelha esquerda me fazendo desmoronar com a face no chão, ali fui apagado. Ainda consegui ouvir ao longe uns gritos de mulher se aproximando; um dos capangas ainda falou mais alguma frase a respeito de Anne, o barulho da água subiu e não me lembro de mais nada. Foi a última vez que ouvi falar de Anne, foi a última vez que tudo relacionado a Anne esteve presente e acessível na minha memória, Jean.

Moisés se dirigiu a Jean, que já nem sabia se fazia parte daquele momento ou se estava ali apenas porque chegara na hora certa mais uma vez; o padeiro não sabia o que dizer, sua mente ainda finalizando o processamento de tudo aquilo que ouvira.

— Moisés, que história triste, brutal! Agora entendo o que você queria dizer quando teve aquela febre forte, seus delírios diziam para pararem de lhe bater, você chamava Anne, pedia por favor. Eu não estava entendendo nada, considerei apenas como delírios, mas agora está claro, você estava se lembrando de toda essa desgraça, tudo que esses dois covardes tiraram de você estava vindo à tona. Muito provavelmente as pancadas na cabeça lhe causaram uma amnésia traumática, já li sobre isso em um dos livros na estante da pensão, é algo perigoso! Precisa ver isso, amigo, suas memórias ficam presas devido a um trauma muito forte, uma lesão numa parte do cérebro, enfim... Não sou médico, não entendo dessas coisas, mas a história que li era sobre um lutador e ele também esquecia coisas... Agora, você contando tudo isso, eu consigo ligar alguns pontos. Principalmente sobre as pancadas na cabeça. Só vejo esta explicação no momento, não consigo pensar em algo melhor, essa lesão deve ter feito você esquecer tudo.

— Exato, Jean! Foi logo depois que melhorei, que a febre diminuiu, que comecei a lembrar das coisas, dos momentos bons com Anne, até o momento onde, com uma precisão cirúrgica medieval, arrancaram de mim toda a lembrança daquelas semanas que passei com ela, tudo que vivemos, que juramos, que sentimos e que ainda poderíamos sentir.

Tudo, completamente tudo! — Moisés desabafou, secando as lágrimas de dor ou tristeza, Jean já não sabia mais definir a situação em que estava envolvido.

— Mas Momo, como você ficou depois disso? Como ninguém viu? Quem te encontrou?

Jean estava impaciente, de pé, coçando a cabeça, cheio de interrogações. Sabia que era demais exigir das lembranças frescas do amigo, mas precisava montar a história toda em sua própria cabeça para entender o pedido de ajuda de Moisés e fazer algo que pudesse, de alguma forma, diminuir esse sofrimento.

— Não sei, garoto, simplesmente segui a vida sem questionar como voltei a ela, nem mesmo me lembrava de ter cicatrizado as feridas, sequer lembrava de possuí-las.

— Entendo, Momo, eu entendo, desculpe por perguntar tanto, mas isso que fizeram com você foi muita covardia.

— Sim, foi sim, depois de tudo isso, agora recordo somente de quem me levou até o hospital, na verdade não me recordo, simplesmente recordo de um enfermeiro magro e bastante alto falar quando retornei para casa, foi uma moça nova morena de cabelos longos com um menino de uns 2 ou 3 anos de idade em uma mão e um cesto de uvas em outra. Ela me encontrou caído e chamou ajuda, não deu nome, não disse mais nada, somente me levou lá. É só o que lembro. Até isso eu havia esquecido, lembrei neste exato momento! Foi assim que me levaram para o hospital, nunca soube dela. Mesmo se soubesse, talvez não me lembrasse também. Nem eu dela, nem ela de mim.

— Menino de 2 ou 3 anos... Hoje ele teria a minha idade, 28 anos. Sabe, Momo, minha mãe sempre andava com um cesto desses na mão, meus pais trabalhavam na colheita de uvas e eu ficava correndo por lá, às vezes minha mãe me colocava para dormir dentro do cesto...

Realmente não sei como seria viver sem lembranças. Sinto até um arrepio ao pensar nessa situação. Bem que poderia ser ela quem te ajudou, só assim eu entenderia porque nos damos tão bem e porque gosto tanto de você, meu amigo — disse o padeiro, orgulhoso por talvez sua trajetória de vida já ter se cruzado com a de seu amigo, muito antes mesmo do que imaginavam.

Jean, com sua habilidade de se comunicar, sabia como transformar uma conversa ruim em algo bom, o que todos seus fregueses elogiavam para senhora Margot, era algo que ficava claro neste momento. Ouvira um relato trágico de Moisés, mas ao final de tudo, lá estava ele fazendo, mesmo que timidamente, o pintor sorrir mais uma vez.

— Vai saber Jean, veja quantas peças o destino nos prega. Não seria nada mal — e um forte abraço se deu entre os dois, acalmando ambos e reafirmando a amizade e o sentimento fraterno que existia entre o padeiro e o pintor.

O clima ficou mais leve. Jean, como sempre bom de papo, conseguiu alterar o rumo da conversa deixando Moisés mais à vontade, mesmo depois de revelar momentos jamais detalhados de sua vida. A amizade entre esses dois franceses superava tudo, não era de hoje que as coisas convergiam para bons caminhos sempre que Moisés e Jean estavam juntos, não se lembravam de algum dia qualquer problema ter ocorrido quando estavam juntos, o destino reservou sempre bons dias para estes dois, alguns desafiadores, mas sempre bons dias de amizade e companheirismo, indiferente da diferença de idade entre um e outro.

— É, garoto, o destino sabe o que faz. E agora ele me diz que você tem é que ir descansar. Já olhou pro relógio,? Já passa das 11 horas da noite, você amanhã trabalha cedo e eu não quero te atrapalhar ainda mais com essa minha ladainha.

— Pare com isso Moisés, você nunca atrapalhou, mas de fato eu

perdi a hora. Você tem razão! Veja só, além de cuidar de você desde os meu 2 anos de idade, ainda tenho que ficar até uma hora dessas na rua! Vou ter que pegar aquele atalho do cemitério para não dormir tão tarde, só você mesmo para me fazer passar por lá numa hora dessas. Só você mesmo! Até amanhã, meu amigo! Tente deixar de lado as lembranças ruins.

E assim foi a conversa, Jean sempre sabendo como lidar com o velho pintor, conseguiu lhe colocar pra cima, melhorar seu ânimo e fazer com que apenas as boas lembranças lhe fizessem companhia em uma boa noite de sono. Assim, ambos esperavam que fosse o final daquele dia duro que começou cedo demais e terminou tarde demais, carregado de duras recordações.



Capítulo 13

Toda vez que tinha dificuldades para dormir, Jean fixava seu olhar no teto branco do quartinho, depois de uma pesada e reveladora noite de conversas com o amigo Moisés, o sono custou a chegar, deixando-o por horas com o olhar fixo nas sombras daquele ambiente iluminado pela luz da rua.

Jean, ainda sonolento, partiu pensativo para mais um dia de trabalho, pedalando pelas ruas do bairro, fazendo suas entregas rápidas e pontuais como sempre. Isso já estava se tornando uma rotina e um hábito, agradando a todos os clientes com sua simpatia e bom humor, era incrível como um rapaz de apenas 28 anos sabia lidar tão bem com as pessoas, habilidade essa com a qual a vida lhe presenteara, preparando-o para viver de bem com tudo e com todos, um verdadeiro dom frente aos mal-humorados com quem muitas vezes esbarrava pela rua. Ele não era nenhum jovem letrado, estudioso como a maioria dos jovens que encontrava pelo bairro, Jean era trabalhador e batalhava muito desde sempre, a vida fora dura com ele no início, mas agora lhe parecia estar colhendo os louros do seu esforço.

Chegando à *Tout Le Monde*, Jean tomou seu café com baguete, uma xícara grande que ganhou da sua patroa no último aniversário era mantida no balcão dos fundos onde, volta e meia, passava para comer algo, próximo do forno onde o calor garantia uns goles quentes de café a todo instante. Uma baguete crocante e quentinha acabara de sair da primeira fornada do dia, perfeito desjejum como sempre. Antes da fornada seguir para o cesto na ponta do balcão, uma delas já era deixada de lado junto à xícara; na outra ponta, a senhora Margot já vinha trazendo uma listinha de entregas para a senhorinha de coque, vizinha da *Lycée Jacques Decour*. Boa parte daquela fornada já possuía endereço certo.

— Jean, você tem mais uma entrega para aquela senhora próximo da *Jacques Decour*, por enquanto é só essa garoto. Ela elogiou muito seu trabalho, viu? Disse que você é pontual e que gostaria que sempre lhe entregasse os pães — disse a patroa lhe mostrando uma lista com as quantidades e tipos de pães que iriam para o cesto de sua bicicleta morro acima.

— Mal sabe ela que só sou eu quem faz as entregas, ou eu ou eu! Ainda bem que ela gostou do meu serviço, senhora Margot, assim ganhamos uma ótima cliente, não é verdade? — comentou Jean, conferindo a lista item por item, acompanhando com o dedo o pequeno pedaço de papel. Logo foi se dirigindo ao balcão da frente para carregar sua cesta de transporte que seria amarrada ao bagageiro da bicicleta. Cesta preparada cheia até a tampa e coberta com o pano branco, o padeiro estava pronto para começar a sua pedalada rumo à primeira entrega do dia. Ao passar pela porta da *Tout Le Monde*, olhou para o lado do estúdio de Moisés e ficou ali parado por um instante, aquele cesto enorme nos braços, o aroma de pães lhe envolvendo, o pensamento retornando às conversas da noite passada, e Jean ficou tentando compreender como poderia ter acontecido aquilo tudo com Momo e ele não se lembrar de nada. Jean estava intrigado com tudo isso, desde que conheceu Moisés, nunca imaginou que algo do tipo tivesse acontecido com o amigo.

Cesto bem acomodado e seguro na traseira, e lá se foi ele, sobre sua fiel companheira e seguindo rumo à Avenida *Trudaine*, onde se localizava o colégio e o destino de sua entrega, uma pedalada de cerca de 1,5km apenas, mas onde teria tempo de pensar bastante sobre o fato de Moisés ter esta lacuna em sua memória, isso estava deixando Jean inquieto e sem cabeça para mais nada, seu pensamento não se afastava do amigo, nem por um instante, só que naquele momento não tinha o teto branco para fixar o olhar, havia somente as ruas para prestar atenção, delas viriam suas respostas.

Na noite passada, sua falta de sono lhe fez buscar novamente o livro do lutador que esquecia as coisas, depois de uma rápida vasculhada na estante no final do corredor da pensão, encontrou e leu algumas páginas constatando que o que falara para Moisés fazia sentido, uma lesão poderia ser a causa de seus esquecimentos. Algo patológico e não emocional como pensara de início. Não o leu até o final, mas deixou em seu quarto ao lado da cama com a página dobrada para terminar assim que tivesse um tempo livre. Gostaria de saber como terminava a história do lutador, já havia lido o livro havia muito tempo e não tinha dado muita importância para as informações, o fez entre um longa piscada de sono e um arregalar de olhos, terminou de ler, mas não gravara muitas informações.

— Preciso achar uma maneira de ajudar Momo, preciso encontrar aquela garota que só ele viu pela janela, só assim vou compreender melhor essa história toda. Moisés vai lembrar-se de mais detalhes e isso me acalmará e dará uma vida melhor para ele, coitado — pensava em voz alta, enquanto pedalava já próximo ao destino da encomenda.

Uma parede cinza e áspera foi onde Jean encostou sua bicicleta, era a casa da senhora de coque. Jean bateu na porta e aguardou sua cliente com o cesto de pães nos braços, o som de alguns passos e chaves chacoalhando no chaveiro eram o suficiente para saber que ela ouviu e já deveria estar

aguardando sua chegada na poltrona que havia na antessala, próxima à porta para não demorar muito a se locomover até a entrada, aguardando sempre confiante a sobre pontualidade do entregador.

— Bom dia senhora, chegou sua encomenda.

— Que coisa boa meu amigo! Você sempre rápido com os meus pedidos, não é verdade? — disse a senhora enquanto vasculhava sua pequena bolsa de mão retirando o dinheiro para pagar a entrega.

— Você não quer entrar e tomar uma água ou um chá?

— Não, muito obrigado senhora, preciso retornar ao trabalho, o dia só esta começando. Quando precisar, pode chamar que eu faço questão de lhe entregar as compras. Os alunos do colégio devem gostar muito dos seus lanches, a senhora tem cara de quem domina a arte de cozinhar — falou Jean, enquanto subia em sua bicicleta para partir.

— Sim, sim, garoto, eu gosto muito do que faço, lembro de todas minhas receitas sem precisar de livro, minha memória é muito boa. Na próxima vez lhe dou um dos meus lanches para você levar, eu prometo. — comentou ela, orgulhosa da saúde mental.

— Que ótimo, isso é muito bom senhora, é um privilégio... Desculpe, nunca perguntei seu nome. Como se chama?

— Me chamo Amelie, e você?

— Me chamo Jean, até a próxima senhora Amelie! — Jean se despediu, guiando a bicicleta com uma das mãos para o alto.

Amelie fechou a porta e seguiu caminhando com dificuldade para seus afazeres culinários, Jean continuou em sua bicicleta rapidamente, esperando fazer um caminho diferente para manter o prometido ao amigo Momo: buscar a jovem de cabelos de fogo pelo máximo de ruas que conseguisse durante suas pedaladas. Aquilo já estava virando um mantra em sua mente. Para sua surpresa, ao virar a esquina em direção à *Rue des Martyrs*, Jean avistou uma jovem com cabelos ruivos indo em

direção à escola. Jean pensou rápido:

— Não é tão comum alguém com um cabelo assim, não vejo ruivas todos os dias pelo bairro, será que eu a encontrei?! Será que o meu dia começa com uma surpresa dessas?!

Freou bruscamente derrapando na pedra úmida e com apenas uma roda tocando o chão, mudou completamente o rumo de sua pedalada, atravessando a rua sem nem olhar, um outro senhor de bicicleta que descia pelo sentido contrário precisou ser rápido na manobra, passando perto demais e fazendo Jean se atrapalhar sem saber para onde olhar, mesmo uma puxada rápida no guidão indo para cima da calçada não salvou Jean de ir para o chão. Levantou depressa, correndo aos tropeços, puxando a bicicleta pelo selim e pulando em cima dela como se nada tivesse acontecido, as pessoas em volta olharam sem entender nada, uma garota que tocava violão sentada em um muro baixo, ainda tentou ajudar, parando a música em um acorde seco, mas Jean foi mais rápido; o outro ciclista gesticulou falando alto, mas seguiu viagem, era uma descida, não queria perder o embalo; já o padeiro nem olhou para trás, porém, já era tarde, percebeu que perdera a jovem de vista, pedalou o mais rápido que pode olhando para todos os lados, mas não a encontrou. Ficou perdido sem saber o que fazer e para que lado ir. Definitivamente a perdera de vista.

Naquele momento, sentiu que a sorte lhe escapara por entre os dedos, lhe dando o gostinho do sucesso de sua missão e tirando tão rapidamente quanto chegara. Jean parou próximo à casa da senhora Amelie e ficou observando em todas as direções, talvez a jovem tivesse entrado na escola, talvez tivesse entrado em um táxi, talvez tivesse virado numa esquina, talvez, talvez e mais talvez. Eram muitas possibilidades, o bairro era grande, cheio de ruelas e movimentado.

Pronto, a inquietação estava novamente instalada em seu dia. Olhou o relógio e percebeu que já deveria estar retornando para pegar as próximas

entregas que já deveriam ter sido feitas, precisava manter sua reputação de melhor (o único) entregador da *Rue Alfred Stevens*.

Retornou à *Tout Le Monde* com aquela imagem fixa na cabeça e um joelho doendo, pelo menos a bicicleta resistira bem à queda, estava tudo certo, tudo no lugar, sorte o cesto já estar vazio. Encostou a fiel companheira ao lado da placa escrita com giz anunciando as entregas, deu mais uma olhada conferindo se estava tudo no lugar e foi logo entrando, Moisés estava sentado na mesa de sempre, Jean, puxando um pouco a perna direita, andou até ele e falou:

— Momo, eu a vi, só pode ser ela! — lançou as palavras, eufórico, enquanto esfregava o joelho por cima da calça marcada pela queda.

— Onde Jean? Falou com ela? Falou da pintura? Ela irá conversar comigo? — Moisés, com os olhos brilhantes, metralhou perguntas ao padeiro.

— Calma, Momo, eu só a vi de longe, me empolguei tanto que não tomei cuidado e fui para o chão com bicicleta e tudo, perdendo-a de vista, mas agora sei que ela deve andar por ali, não é tão longe daqui, se você a viu aqui e eu lá próximo da *Jacques Decour*, é bem provável que ela circule por esta parte do bairro. Espero que seja ela mesma! Quero acreditar que sim.

— Mas era ela, Jean?

— Eu acredito que sim, Momo! Tinha o cabelo como você descreveu e estava com algo nos braços, bem como você disse, não sei se eram livros ou uma bolsa, como foi próximo à escola, realmente não sei dizer ao certo. Talvez ela possa estudar por ali, dar aulas ou simplesmente morar por perto, trabalhar, sei lá! Tenho um plano, amigo... Pensei enquanto retornava dessa entrega — falou o padeiro se aproximando de Moisés e baixando o tom de voz.

— Só pode ser ela, eu sinto isso. Vamos! Diga qual o plano, meu filho!

— Moisés, eu estou fazendo entregas para uma senhora chamada

Amelie, ela mora de frente à escola e gosta muito do meu serviço, pediu para a senhora Margot sempre me enviar para as entregas dela. Então, fiquei pensando em oferecer outros produtos, agradar um pouco mais, fazer com que ela compre mais vezes, assim eu irei retornar sempre àquela parte do bairro, e então as nossas chances aumentam, é um ato pequeno, mas que pode ajudar, não é verdade?

— Sim, Jean, é ótimo, andando mais vezes por lá tenho certeza que irá encontrá-la. Isso pode ajudar sim! Tente fazer sempre o mesmo horário, se ela tiver uma rotina, você irá encontrá-la — Moisés passava as instruções com uma disposição completamente diferente da última noite em que conversaram, os olhos agora brilhavam de esperança e não mais de dor como antes.

— Exatamente, Momo, é isso que irei fazer. E farei mais, como esse local fica a menos de 1,5km daqui, sempre que tiver entregas rápidas nas redondezas tentarei passar por lá, quem sabe não dou sorte mais uma vez, meu amigo?

Do outro lado do balcão, a senhora Margot faz um sinal repetitivo com a mão chamando Jean. O padeiro sabe que precisa, mais que nunca, atender bem os pedidos de sua patroa para que quando precisar dar suas saídas tudo esteja perfeito e ela concorde.

— Faça isso Jean, sabe que irei lhe agradecer pelo resto da minha vida, algo aqui dentro me diz que a jovem irá me ajudar simplesmente conversando comigo — falava Moisés entregando todas as fichas nas mãos do amigo.

— Pode deixar, tudo dará certo, agora tenho que ir, mais tarde nos falamos.

E Jean deixou a mesa de Momo em direção ao balcão para receber novas instruções da senhora Margot dando continuidade ao seu dia.

Porém, até aquele momento nada de novo, o inverno continuava, as rondas de Jean aconteciam com uma boa frequência, Moisés em sua luta

para mudar a rotina de seus passeios, de seu café, de sua vida, de suas memórias.

Os dias foram passando e tudo que Jean poderia fazer era continuar seu trabalho e seu objetivo, pedalar até o local onde avistou a moça, observar as janelas da *Tout Le Monde*, atualizar Moisés com poucas informações realmente úteis sobre suas buscas, nada de novo durante toda a semana por ali. Nada do encontro tão esperado.

Jean continuou a agradecer a senhora Amelie com entregas rápidas e conversas curtas conforme prometido, dizia a ela que não poderia demorar muito, pois precisava ajudar um amigo, ela entendia e não tomava muito tempo do padeiro e sempre desejava boa sorte e bom trabalho, algumas vezes lhe dando como agrado um lanche para o dia. Jean lhe incentivou a fazer os pedidos sempre naquele horário, gerando assim uma boa probabilidade de, se a jovem tiver uma rotina, acabar esbarrando com ela novamente. Algumas vezes Jean pensava ter visto algo, mas quando se aproximava, percebia que não era quem procurava, era só mais uma pessoa com cachecol vermelho ou cabelo parecido, frustrações que não tiravam seu ânimo, apenas lhe davam mais vontade de ajudar e seguir a promessa depois de entender toda a triste história do amigo.

A semana foi passando, os dias de folga chegando, faltava somente a sexta-feira de céu aberto e ar frio. Ao chegar ao trabalho, logo a senhora Margot lhe chamou para fazer uma entrega próxima à casa de espetáculos de Marie e Elizabeth, alguns poucos *croissants* e alguns *macarons* para uma festinha surpresa de aniversário que uma amiga daria para uma colega de trabalho em uma lojinha de souvenirs natalinos na esquina da *La Maison Vert*. O pedido foi uma indicação de Marie que ficou sabendo do serviço através de Moisés que andava fazendo de tudo para colocar Jean a rodar pelo bairro. Prontamente, como sempre, Jean separou o pedido e seguiu com sua bicicleta, que aguardava sempre ao lado da placa

escrita a giz, chamando a atenção de quem passasse no local. Ao sair acenou para Moisés que estava fechando a porta de seu estúdio, com toda a certeza indo tomar seu cafezinho, servido hoje pela senhora Margot com quem tinha conversas curtas e formais, nada de muita intimidade. O padeiro estava na batalha pelo bairro alto, um dia após o outro.

Jean seguiu até o final da *Rue Alfred Stevens*, passou pela fonte segurando embaixo do braço sua bicicleta e a empurrando para subir as escadarias e sair no *boulevard*, assim pegaria um atalho e chegaria mais rápido para a entrega na lojinha. Mercadoria entregue, pagamento recebido e Jean retornava por outro caminho, não perderia a chance de mais uma pedalada matinal pelos arredores da *Jacques Decour*, esse era o horário da chegada dos alunos, um grande movimento de pessoas nas ruas entorno e poderia lhe surpreender. Alguns quarteirões antes da casa da senhora Amelie, Jean parou em um cruzamento aguardando para atravessar, uma cena lhe chamou atenção, um caminhão de entregas com a palavra *espoir* — esperança — em toda a extensão do seu baú metálico ia saindo da frente de uma fachada que ele não havia percebido antes, era uma pequena escola de pintura, nada mais que uma porta, uma vitrine vertical estreita e um letreiro bem novo e muito bem pintado com o nome da galeria: *Toujours — Todo dia*. Quando baixou os olhos estava lá, a apenas algumas pedaladas, uma jovem de cabelo ruivo agachada, juntando uns papéis que haviam se espalhado ao cair de dentro de uma pasta que ela segurava atrapalhada em uma das mãos. Como em um reflexo involuntário, um tiro, Jean virou o guidão e pedalou forte em direção à moça, que não percebeu sua chegada. Por sorte não passava ninguém, desta vez tinha o caminho livre. O padeiro largou a bicicleta de qualquer jeito na beira da calçada por cima de umas caixas de papelão amontoadas ao lado de um poste e começou a ajudar com os papéis no chão, mas quando percebeu o que suas mãos seguravam, ficou paralisado, sem fala e sem ar por alguns

segundos. As pernas flexionadas chegaram a fraquejar, Jean quase caiu sentado aos pés da moça sem tirar os olhos do que segurava em suas mãos.

A jovem olha para ele e agradece a ajuda falando que o homem do caminhão havia esbarrado nela e nem se prestou a ajudar, ao mesmo tempo ela tentava pegar o último papel, um quadrado de cerca de 20 centímetros, que ainda estava na mão de Jean.

Ele segurava o papel firmemente e não tirava os olhos dele, que já estava um pouco amarelado do tempo; ela mais uma vez o tentou pegar, mas ficou intrigada com a maneira como o rapaz olhava aquela página solta de um álbum de fotos. Em uma das fotos, a principal em preto e branco, está um jovem de braços abertos na beira do cais do Senna, parecia ser uma foto bem antiga. Jean olhou para a jovem moça ruiva e tinha a certeza que só poderia ser ela, a beleza lhe dava a certeza que ele a encontrara, era como se estivesse olhando a pintura no centro do estúdio de Moisés.

— Você... Você que tirou essa foto? — disse ele se levantando sem soltar a folha, agora segurando com as duas mãos e olhando hora para a foto, hora para a moça.

— Não, não fui eu, mas esta foto é minha, devolva, por favor, moço, preciso guardar tudo, estou atrasada! Muito obrigado pela ajuda, mas preciso ir! — exclamou a jovem em um francês um pouco diferente do falado por ali.

— Desculpe, mas eu sei quem está nessa foto, quero dizer, desculpa... Eu... Eu acho que sei quem é. Você conhece essa pessoa da foto?

— Não conheço. Você o conhece? — perguntou a jovem agora um pouco mais interessada no assunto.

— Eu acredito que sim, tenho quase certeza, mas para lhe dizer precisamos conversar melhor primeiro. Por favor! Tudo pode parecer bem estranho, mas precisamos conversar.

— Como assim, conhece ou não conhece o homem da foto?

— Calma, vamos começar tudo outra vez! — disse Jean com aquele jeito cativante que ele bem sabia ter. Agora era a hora onde sua habilidade natural de lidar com pessoas seria colocada à prova, o jovem padeiro faria de suas palavras e sua expressão corporal um meio de convencimento, com o qual a vida lhe presenteara, e já havia treinado durante todo esse tempo, fosse no balcão, fosse nas entregas, fosse nas ruas ou em qualquer momento de sua trajetória onde o dom da palavra foi sua arma para o bem, para viver. Agora seria o grande teste.

— Tudo bem, mas minha aula já vai começar, não posso me atrasar.

— Qual seu nome?

— Me chamo Isabelle. E você?

— Me chamo Jean.

— Isabelle, quem é o homem na foto? — Jean questionou novamente agora com um pouco mais de calma e olhando nos olhos da moça, mas ainda sem soltar a folha desprendida do álbum.

A jovem Isabelle percebeu que Jean estava bastante curioso com o retrato que tinha em mãos, não parecia ser um aproveitador querendo jogar uma cantada barata pra cima dela. Então, resolveu continuar a conversa, pois ela também parecia ter um objetivo com isso e quem sabe aquele rapaz simpático e gentil poderia lhe ajudar enquanto organizava os papéis que caíram; na verdade, eram todas páginas de um antigo álbum de fotografias de capa preta que ela carregava na bolsa e que foi ao chão, já que, devido ao tempo, as folhas estavam se soltando.

— Eu procuro este homem da foto, é só o que posso lhe dizer por enquanto, você conhece ele, moço? Digo... Jean!

— Sim, tenho quase certeza que conheço, posso te levar até ele, mas antes precisamos conversar um pouco, preciso lhe contar uma história e então você irá entender minha curiosidade por essa foto... E por você.

— Mas minha aula... Tudo bem... Me leve até ele! — disse Isabelle com um ar corajoso, tentando não transparecer a verdadeira curiosidade que tomava conta dela e lhe fazia ignorar qualquer perigo de um encontro assim em uma cidade grande.

— Isabelle, tenho certeza que você não irá se arrepender por perder esta aula, apenas deixe eu lhe ajudar já que você também tem curiosidade sobre o homem da foto. Já percebi que está curiosa, seus olhos falaram isso quando eu disse que talvez o conheça. Mas antes de levar você até ele, preciso lhe contar algumas coisas. Você estuda aqui nesta escola de artes?

— Sim — concordou Isabelle.

Jean não era bobo, aproveitou para confirmar uma informação importante; tendo a certeza que a jovem estudava ali, não teria problemas se algo saísse errado naquele primeiro momento, já que sabia agora que na escola conseguiria alguma referência caso precisasse reencontrá-la para outra tentativa de aproximação.

— Me dê 5 minutos para eu lhe contar uma história rápida e então você pode entrar para sua aula, tudo bem? — emendou Jean, pensando em como convencer a jovem a lhe encontrar mais tarde para então lhe explicar tudo. Pelo menos já sabia onde encontrá-la.

— Ok, pode começar — ela falou olhando para o relógio.

Então Jean fez um apanhado bem breve da história de Moisés tê-la visto na *Rue Alfred Stevens* e isso ter ajudado o velho pintor a recordar coisas do passado, não se aprofundou muito para não assustar Isabelle, não citou nomes, nem datas, mas ao olhar algumas das outras fotos ficou muito surpreso e confirmou mentalmente que conhecia sim o homem retratado nelas, e se o destino não estivesse de brincadeira e nem ele sonhando acordado, ele reconheceria até mesmo a moça que aparecia em algumas fotos, mas não foi tão fundo no assunto. Ele apenas disse a Isabelle que ela lembrava muito uma pessoa e que isso ajudaria o velho pintor a lembrar do passado e ela ainda ganharia um retrato

que ele fez depois que a viu na rua. Isso foi o suficiente para convencê-la, pois percebeu seu interesse por arte e sabia quais pontos explorar para ter êxito na conversa. Era a moeda de troca perfeita para conseguir convencê-la a encontrar Moisés. Jean era bastante perspicaz e observador.

Isabelle ficou eufórica, tentava não demonstrar e continuou fazendo perguntas, mas Jean lhe avisou que era uma história longa e que ali não era lugar, nem hora, para contar tudo; se tudo tivesse errado, ao menos ela ganharia um lindo retrato de um autêntico pintor do bairro e em troca o ajudaria a lembrar-se do passado. Já seria uma benção para Jean, pois assim teria cumprido sua missão e melhorado a vida do amigo de quem tanto gostava e a quem queria bem.

A jovem concordou em encontrar Jean mais tarde depois do trabalho dele, pois Jean não poderia deixar seus afazeres de lado, mesmo diante de algo tão importante. Marcaram então na escadaria da *Rue Alfred Stevens*, o que daria tempo para que Jean contasse tudo para Moisés e levaria Isabelle ao seu estúdio para, enfim, conversar com o velho pintor e provar se a teoria de ajudá-lo seria verdadeira ou se, depois de ver a foto, teria muito mais por trás disso tudo.

Jean se despediu, subiu em sua bicicleta e confirmou mais uma vez que era ela quem passou na frente da *Tout Le Monde*, sua bolsa aberta deixava à mostra a ponta de um cachecol vermelho, seriam coincidências demais para uma pessoa só.

As rodas giravam rápidas em direção ao estúdio de Moisés, os pensamentos acompanhavam o ritmo das pedaladas, só eram interrompidos quando visualizava aquela foto do homem de braços abertos no cais do Senna; por mais que Jean estivesse juntando as conversas de Moisés na sua mente, ainda ficariam pontas soltas. O que, supostamente, o amigo estaria fazendo naquela foto? Por que essa foto estaria com Isabelle?

— É melhor eu chegar rápido e contar tudo a Momo, ele vai ficar muito feliz e irá me esclarecer sobre a foto, isso se ele lembrar da foto! — falava em voz alta, chegando próximo ao seu destino. Desceria pela escadaria sem passar na frente da *Tout Le Monde*, assim a senhora Margot não o veria, lhe dando alguns minutos para se encostar na janela do estúdio e chamar Moisés.

Jean bateu forte na janela, mas Moisés não respondeu. Bateu na porta com força repetidas vezes e nada, tentou espiar por entre a cortina e só conseguiu ver o cavalete com o pano branco por cima, nada de Momo, ele não estava ali. Olhou o relógio e percebeu que nessa hora o amigo ainda deveria estar tomando seu café, empurrou a bicicleta apressado até a *Tout Le Monde*, entrando de supetão, olhando a mesa do canto da janela e nada de Moisés. Apenas uma mesa vazia com a senhora Margot passando um pano nas cadeiras.

— Está tudo bem, Jean? Parece nervoso, aconteceu algo de errado na entrega, garoto? Caiu mais uma vez? — perguntou a senhora Margot, com receio que a entrega não tivesse sido bem sucedida.

— Foi tudo certo com a entrega, a cliente ficou bem satisfeita senhora Margot. E eu... Eu estou inteiro. A propósito, a senhora viu o Moisés por aqui hoje?

— Logo cedo ele passou aqui na frente, mas apenas acenou com a cabeça e seguiu andando, achei estranho não entrar para tomar café, mas vai saber, não é? — respondeu a patroa sem dar muita importância para a pergunta do padeiro.

— Tudo bem, depois encontro com ele. Tem mais alguma entrega para hoje?

— Não, no momento só preciso de você atrás do balcão, preciso sair rapidamente até a banca de revistas do outro quarteirão — era tudo que Jean não queria ouvir naquele momento.

E então ficou Jean atrás do balcão organizando alguns *macarrons* e pensando por onde andaria Moisés. Com essa conversa de mudar a rotina, Momo deve ter ido tomar café em outro lugar hoje, quem sabe junto com Marie no café da *Abbeses*. O padeiro não poderia ir até lá, não agora, muito menos pedir folga ou sair mais cedo, hoje era sexta-feira, amanhã teria seu dia de folga e logo depois o domingo, sua patroa teria muitos argumentos para negar uma saída assim. Era melhor não queimar uma tentativa em vão, ficar mais calmo e ainda com crédito com a senhora Margot, não era bom abusar, o negócio era esperar e tentar falar com Momo mais tarde antes de encontrar com Isabelle, isso se a jovem realmente aparecesse. Ainda restava está dúvida martelando a cabeça do padeiro.

Agora era olhar o relógio e ensaiar a conversa que teria com o amigo, como explicar a fotografia sem deixar Momo ainda mais confuso com suas lembranças.



Capítulo 14

Caminhando, em passadas calmas, ritmo lento, corpo levemente curvado, assim ia Moisés já próximo da barbearia de Gathu, a barba por fazer a semana toda contribuía para a aparência de quem deixou o tempo passar, seu semblante já estivera melhor e merecia um cuidado fora de rotina nesta sexta-feira.

Depois de um café próximo à *Abesses* e um longo passeio cheio de pausas pelo entorno do colégio, uma visita ao barbeiro (e amigo) Gathu completaria sua ronda matinal pela busca, agora constante, de mudança de rotina e, junto a ela, o despertar de memórias adormecidas. Mudança de rotina sim, mas de barbearia não, a amizade dos dois já vinha de muito tempo, não seria ela que faria mal à memória.

Gathu estava encostado ao marco da porta de madeira escura, em suas mãos o jornal do dia como de costume, e Moisés se aproximou e o amigo logo largou as notícias e começou o cacoete de espanar a cadeira de couro, conduzindo o pintor a se recostar e dar um trato na barba, deixar com um ar mais novo como solicitou na última visita, parecendo estar prevendo que finalmente iria se encontrar com a jovem de cabelos de fogo que tanto mexeu com sua cabeça, e que tantas lembranças de Anne lhe trouxera.

— Olá Gathu, meu amigo! Como estão as coisas?

— Pintor, tudo tranquilo por esses lados, aquela velha história de gente pra lá, gente pra cá, conversa vai e conversa vem, tudo como sempre Moisés. Os clientes quase sempre os mesmos, não posso me queixar.

— Que bom meu caro, ao menos nenhuma notícia ruim. Isso já é o suficiente para agradecermos ao universo e seguirmos a vida aqui na Terra.

Na barbearia sempre fora assim, as conversas poderiam ser de uma abordagem séria, ríspida, às vezes de fala alta e cruzada, cheia de interferências e ruídos, mas também poderia ser sem rumo, sem levar a nada, apenas a velha máxima de reclamar do clima ou filosofar sobre a vida. Gathu afiava a navalha com precisão e destreza enquanto aguardava o vapor da estufa aquecer uma toalha branca, entre uma frase e outra deixava Moisés uns anos mais novo, retirando a barba rala e branca que cobria o rosto do pintor.

O trabalho estava feito, coisa rápida nas mãos do habilidoso Gathu, um aperto de mãos, um tapinha nas costas e Momo já ganhava as ruas novamente.

Seguindo devagar e olhando calmamente as vitrines, Moisés foi descendo a rua em direção ao seu estúdio, mais uma tarde de sexta-feira como todas as outras, um pouco gelada, mas uma tarde comum para esta época em Paris. Pedestres com seu vai e vem diário; por ali iam surgindo turistas de final de semana com seus mapas nas mãos sempre um pouco perdidos; o comércio movimentado das lojinhas do bairro mantinha seu ritmo; a rotina seguia embalada por músicos de rua que sempre se faziam presentes nesta região, conferindo um charme especial a cada esquina ou estação propícia aos turistas e suas contribuições espontâneas, quase sempre depositadas em um chapéu com alguns trocados na calçada.

Ao virar uma destas esquinas, Moisés avistou Jean encostado na porta da *Tout Le Monde* com o olhar perdido no nada. O pintor se aproximou e

chamou o padeiro, mas o olhar e o pensamento seguiam distantes, parecia dormir de olhos abertos. Moisés estalou os dedos e como na finalização de uma sessão de hipnose, Jean acordou de supetão. Ao ver que era Moisés, começou a falar sem pausas, eufórico, apressado, atropelando as palavras, quase um narrador nos segundos que antecedem o gol de um campeonato.

— Calma Jean! Você estava dormindo de olhos abertos, o que foi? Já sei, a semana está puxada, pedalar pelo bairro o tempo todo deve mesmo te deixar esgotado, eu te entendo, e ainda fico lhe pedindo favores, desculpa garoto, vá descansar sim! — falou Moisés olhando para cima, contemplando uma revoada de pombos que bebiam água na fonte ao final da rua.

— Momo você não sabe! Encontrei, eu a encontrei... — disparou Jean.

— Como, onde?! — espantado, Moisés perguntou. — Como foi Jean? Me fale! — a calma, que há pouco emanava de Moisés, agora tinha se tornado a mesma euforia de Jean e os dois falavam sem parar e sem se entender. As palavras saíam umas por cima das outras, quando um parava, paravam junto, quando o outro recomeçava, recomeçavam juntos. Um diálogo atravessado, sem a mínima chance de ser compreendido. Quem passasse, olharia com a testa franzida; parecia um briga de imigrantes. Um casal que atravessava a rua olhou rapidamente para trás sem entender nada, achou realmente que fosse uma briga e saiu espantados, resmungando algo pelo caminho e andando apressados.

— Calma! — respirou Jean com as palmas das mãos abertas, tocando os ombros de Momo e olhando firmemente em seus olhos. Teve calma, soube se controlar e retomar o pensamento, consentiu que naquele embaralhado diálogo, se era que aquilo poderia ser chamado de diálogo, não chegariam a lugar algum.

— Vamos com calma Moisés, nós dois estamos falando muito e

dizendo nada, agora entre e tomamos um café quente enquanto vou lhe explicando tudo que aconteceu, fique calmo, Momo — Jean, com sua condução cativante em um bate-papo, soube como se acalmar também e desenvolver a conversa, a euforia deu lugar à razão e à sabedoria que sempre estivera presente mesmo sendo tão novo. Era um rapaz especial.

Já sentados à mesa em frente à janela, uma longa conversa se deu entre o pintor e o padreiro, Jean contou tudo, como havia encontrado por acaso a garota e então Moisés lhe contou sobre a foto, sobre quando Anne clicou esta e outras fotos pelo cais. Jean explicou que havia encontrado a moça e que marcara com ela um encontro mais tarde na escadaria e que ela concordara em falar com o pintor. Falou sobre a pintura, sobre Moisés ter revivido memórias, mas que gostaria de falar a sós com ela antes de levá-la ao estúdio. Preferia contar com calma o que acontecia e que agora tinha certeza que era Moisés quem estava na foto, só poderia ser. Ela lhe pareceu uma moça calma, tranquila e compreensiva, com toda a certeza iria parar para ouvir o que Jean tinha a dizer e entenderia a importância do encontro com Moisés.

— Concordo perfeitamente com você, Jean. Fale com ela com calma e diga que quero apenas conversar para tentar entender tudo isso. Agora que você falou que ela tem uma foto minha, possivelmente minha, isso tudo está tomando uma proporção que não sei se irei aguentar, meu amigo. E se ela não for?! Como vou saber o porquê de tudo isso?! Ou então vou enlouquecer de vez! Se é que já não estou louco.

— Tenha calma, Moisés, irei deixar claro para ela que o objetivo da conversa é ajudar, ou tentar ajudar, você a recordar sobre como tudo aconteceu no passado. Agora a história da foto, até eu estou curioso Momo, como pode?! Se ela fosse mais velha eu diria que era a sua Anne, mas não, ela deve ter a minha idade, no máximo, provavelmente um pouco menos, 25 ou 26 anos talvez. Vamos ver, vamos ver! Esperamos até

agora, não custa esperar um pouco mais!

— Vou indo então, vou organizar minha bancada, dar uma geral nas telas espalhadas e tentar deixar tudo com a melhor aparência possível. Muito obrigado meu filho, não sei o que dizer mais para você, a vida pode ter sido dura comigo em alguns sentidos, ou não, pode ter sido boa ou ruim, isso eu hei de lembrar, mas que ela foi generosa colocando você no meu caminho, isso tenho certeza. Você é o filho que nunca tive!

— Sim, Momo, você sabe o quanto estimo nossa amizade, mais que isso, nossa ligação, nosso elo. Gosto muito de você, você preenche a falta de familiares que sinto, sabe bem disso e não é a primeira vez lhe falo! — e a mão que tocava o ombro do pintor, escorregou para um abraço longo, os olhos mareados. Moisés se dirige à porta e Jean apenas olha, quando a mão de Moisés toca a maçaneta o padeiro fala em voz alta parado ali mesmo, ainda ao lado da mesa onde estavam e com as costas da mão um pouco úmida por ter enxugado uma lágrima que escapou no momento em que o amigo se virou:

— Momo, se cuide e não esqueça, a vida me colocou no seu caminho desde quando eu ainda dormia em um cesto de uvas, isso não me sai da cabeça.

Ninguém no recinto entendeu muito bem aquela fala, nem mesmo a senhora Margot que observava de canto de olho a conversa dos dois.

Moisés, com um sorriso no rosto, apenas consentiu com a cabeça e parou o olhar em Jean enquanto ganhava a rua.

— Tenho certeza que era você garoto, só poderia ser você — disse o velho pintor para si mesmo enquanto olhava o amigo padeiro pelas grandes janelas da *Tout Le Monde*, com o ar de quem sentia que as revelações que estavam prestes a acontecer, seriam grandiosas e emocionantes. Estava preparado.

A tarde passou e Jean entregou o último pedido do dia no balcão, os olhos não desviavam do relógio, ansioso para encontrar Isabelle.

Sempre que tinha um compromisso, começava a fazer tudo rápido, limpar as mesas, organizar as cadeiras, sua patroa já sabia bem quando seu funcionário estava angustiado com algo. Ele não parava, talvez na tentativa de manter a cabeça ocupada para não ficar ainda mais aflito.

— Senhora Margot, já deu meu horário, vou indo que tenho um compromisso muito importante antes de ir para pensão.

— Tudo bem Jean, pode ir e aproveite o final de semana inteiro de folga, segunda-feira cedinho quero você aqui — falava a patroa quase sem tirar os olhos de uma nova revista de celebridades que acabara de chegar, trazendo na capa um casamento de algum famoso do cinema, que ela lia e comentava para si mesma.

— Ah, coloque a placa de “fechado”, vou ficar lá atrás organizando o estoque até mais tarde. A essa hora não vem mais ninguém mesmo!

— Perfeito, senhora Margot, até lá então — e o padeiro saiu pela porta batendo com as palmas das mãos na calça preta, um pouco pálidas de farinha, fazendo levantar uma poeira fina que foi soprada pelo vento de volta para dentro do estabelecimento. Rapidamente pensou sobre ter tirado o pó das mesas e agora estar jogando tudo de volta para dentro. — Trabalho em vão, não estou pensando direito com tudo isso! — Sorriu pensando em sua própria situação.

“Não dará tempo nem de me trocar, ela já deve estar chegando e não quero deixá-la esperando, vai que ela desiste!”, resmungou Jean, empurrando sua bicicleta em direção ao final da Rua *Alfred Stevens*. Uma passada pela janela de Momo para uma espiadinha e o amigo pintor estava lá.

Sentado de costas para a janela e olhando para a tela no meio do estúdio, que agora se encontrava mais organizado, com o chão de tijolos bem varrido e algumas telas empilhadas em um canto próximo ao banheiro, pronto para receber quem poderia mudar sua vida ou não, só o momento diria.

Jean encostou sua bicicleta na parede ao final da escadaria e aguardou sentado na borda da fonte, de olho no topo da escada. Vez ou outra olhava para a placa onde se lia *Passage Alfred Stevens*, que já começava a enferrujar no fundo da fonte e então entendeu o que era aquele retângulo claro marcado em negativo na parede de pedra onde sua bicicleta estava encostada.

Esse começo de noite estava um pouco gelado, um vento fraco e frio obrigava o padeiro a esfregar as mãos a todo o instante. Não esperava ter que ficar pela rua nestas horas, faltava um casaco e seu gorro não estava ali; seu cabelo bem curto deixava a nuca desprotegida, mas a vontade de entender tudo aquilo que ouviu Moisés delirar em seu momento febril, tudo aquilo que ouviu Moisés contar com lágrimas nos olhos, tudo aquilo que fez mudar os hábitos do amigo pintor, tudo isso fazia qualquer frio ser irrelevante e suportável diante de tamanha importância e curiosidade.

Isabelle se apresava para finalizar tudo em sua aula de pintura, percebeu que estava atrasada para encontrar o rapaz gentil que lhe ajudara logo cedo e que lhe deixara intrigada ao dizer que conhecia o homem da foto que carregava pra cima e para baixo. Sua cabeça só conseguia pensar nisso, não rendeu o que normalmente renderia em seu curso, o pensamento estava longe, por várias vezes o mestre lhe fazia perguntas, mas desistia das respostas quando percebia o olhar distante. Preferia crer que aquilo seria alguma inspiração chegando e deixava Isabelle viver esse momento.

— Espero que ele me ajude — falava para si mesma enquanto atravessava a passos largos o *Boulevard De Clinchy*, quase chegando ao local onde Jean estaria lhe esperando.

Do topo da escada ela olhou e lá estava ele, sentado na borda da fonte sem tirar os olhos da escada; um alívio para ambos. Isabelle acenou brevemente e o rapaz se levantou, aguardando sua chegada. Ela desceu os primeiros degraus e mesmo com a ínfima luz do local iluminado apenas por fracas e amareladas lâmpadas incandescentes nas paredes laterais,

Jean já percebeu o cachecol vermelho abanando ao vento, que pedia passagem, os passos perfeitamente regidos, não tinha como Jean não se perder olhando Isabelle passar: ela era linda, seu cabelo, sua pele, seu jeito de andar, tudo nela de fato encantava.

— Foco Jean, você precisa primeiro ajudar Moisés, depois se apaixonar — pensou alto o padeiro.

— Olá Jean, o que você disse? — indagou Isabelle, chegando ao último degrau e lhe estendendo a mão.

— Nada, não, Isabelle, só pensei um pouco alto demais, estava só resmungando do frio — desconcertado Jean falou enquanto cumprimentava a garota.

— Desculpa não ter um lugar melhor para lhe encontrar, mas podemos ir até o café onde trabalho e conversaremos um pouco antes de lhe levar até meu amigo. Não é bom ficarmos neste vento, meu nariz já está uma pedra de gelo... Venha comigo, por favor!

Isabelle gostou da ideia, estar em um local público como um café era mais seguro visto que marcara um encontro com alguém a quem nunca havia visto na vida, um pouco estranho, precipitado, mas a curiosidade era grande e pressentia que Jean era um garoto bom. Estava um pouco mais aliviada.

Lá foram os dois jovens em direção à *Tout Le Monde*, a senhora Margot ainda estaria por lá, pois faria um turno de final de tarde sozinha conforme informara a Jean. O movimento aquela hora era menor naquela parte do bairro, por isso já havia colocado a placa indicando que o estabelecimento estava fechado. O horário para abrir era religioso, porém, para fechar dependia muito de sua disposição e os fregueses já haviam se acostumado com isso. Jean fazia de tudo para distrair Isabelle e não deixá-la olhar para o estúdio de porta amarela, se Moisés estivesse na janela, as coisas se adiantariam e tudo poderia dar errado. Não foi a melhor ideia marcar o

encontro na escadaria, deveria ter indicado a entrada da rua, assim evitaria mais essa preocupação.

— Vamos, entre — Jean abriu a porta para Isabelle em um gesto cavalheiro que fez com que a moça agradecesse com um tímido e encantador sorriso brotando de um rosto rosado, acompanhado de um piscar de olhos.

— Senhora Margot, só vou sentar um pouquinho para falar com a minha amiga, está muito frio lá fora, tudo bem?

— Não tem problema, Jean, pode ficar à vontade garoto, estarei lá atrás.

— Aquela é minha patroa, é aqui que trabalho, por isso você me viu de bicicleta com uma cesta no bagageiro, faço as entregas pelo bairro — explicava Jean, enquanto puxava nervoso uma cadeira para Isabelle se sentar.

Escolheu uma mesa longe da janela, não queria que Moisés pudesse ver Isabelle antes do tempo, tudo iria acontecer na sua hora certa.

— Quer um café? A noite está ficando mesmo fria — disse Jean como que em um novo turno de trabalho.

— Sim, pode ser.

Um café para cada e então Jean começou a explicar o porquê de sua conversa:

— Isabelle, este meu amigo pintor teve um trauma há alguns anos e sua memória parece falhar, parece ter sido apagada brutalmente, li sobre um caso de amnésia traumática, acho que pode ser algo do tipo, não sei muito bem dessas coisas, só li em um livro e me pareceu semelhante ao problema dele.

— Sim, mas como eu vou ajudar em algo? Não entendo onde me encaixo nessa história; pensei sobre isso o dia todo desde que você me pediu para ajudar hoje cedo. Confesso que estou um pouco apreensiva...

— Não se preocupe, eu vou explicar — e começou Jean a contar todos os detalhes do dia em que Moisés a viu na rua.

— A memória do meu amigo mudou drasticamente desde o dia em que ele lhe viu passar nesta rua, ali mesmo, naquela mesa perto da janela. Ele lhe viu passar e desde então tem tido *flashes* de memórias. Ele acredita piamente que se conversar com você, lhe olhar nos olhos, suas memórias irão reaparecer, memórias que ele nem sabia que existiam até poucos dias. Por isso te peço que aceite encontrá-lo; como lhe disse, você irá levar uma linda tela que ele pintou logo depois que lhe viu, Moisés é um ótimo pintor, tanto que quando vi você, eu a reconheci somente pela tela feita por ele. Moisés tem um estilo realista muito impressionante, entendo muito pouco desses assuntos, visito algumas galerias nos dias de folga para ter mais assunto com ele, já que ele não tem ninguém e somos muito amigos de fato. Se você gosta de arte, irá gostar dele, tenho certeza.

E no meio da conversa, a jovem levou um susto, Isabelle deixou cair a xícara do café como se perdesse o movimento da mão, um choque passou por dentro de seu corpo e a fez largar o café ali mesmo, aquilo tudo era visto em câmera lenta diante dos seus olhos, a xícara se desprendendo de sua mão, o café começando a escorrer, a boca de Jean se mexendo lentamente com uma voz arrastada e grave, o tempo estava parando. Jean se assustou e levantou rápido para ajudar. Isabelle simplesmente parou, o olhar brilhou e a fala sumiu.

— Isabelle, você está bem? O que houve? — Jean segurou sua mão quente que absorvera o calor da xícara e insistiu na pergunta.

— Isabelle, você está bem? Diga algo, por favor!

E esses segundos de pausa acabaram em um suspiro forte da jovem.

— Como você disse que se chama seu amigo pintor? — questionou Isabelle, olhando fundo nos olhos de Jean que já estava em pé ao seu lado, pressionando a mão sobre o álbum de fotos de forma a contrair todo seu corpo. Jean sentiu isso, percebeu essa ligação e logo correu o olhar para o objeto em cima da mesa.

— Diga, como é o nome dele? — insistiu Isabelle com uma expressão séria.

— Moisés, o nome dele é Moisés. Eu não havia lhe dito hoje pela manhã? — continuou Jean enquanto sentava novamente à sua frente, tentando entender tudo que passava, esqueceu até a xícara no chão e o café que pingava da mesa formando uma poça ao lado dos pedaços da louça quebrada.

— Jean, preciso lhe mostrar algo, você não vai acreditar. Nem eu estou acreditando ainda!

E então Isabelle, com as mãos trêmulas, abriu o álbum de fotos, as folhas soltando, amareladas, já velhas com os cantos comidos, e puxou a foto do homem de braços abertos no cais e entregou na mão de Jean.

— Está vendo essa foto, Jean?

— Sim, eu fiquei bem intrigado com ela, pois esse homem se parece muito com Moisés. Claro que com uns bons anos a menos, mas tem os ares dele, me lembra Momo.

— Então vire a foto e leia pra mim o que está escrito atrás.

— “Meu amado Moisés. 1954”... Impossível! — falou Jean perplexo, soltando rapidamente a foto sobre a mesa como se levasse um choque. — Então é mesmo Momo quem está nessa foto, como pode? Por que você tem essa foto, Isabelle?

Em milésimos de segundos, Jean tentou unir as informações que tinha até o momento e buscar uma resposta, mas faltavam peças para tal compreensão, e era melhor ouvir o que Isabelle tinha a falar.

— Jean, essa foto foi minha mãe quem tirou. Anne era o nome dela — respondeu Isabelle, com os olhos mareados e a voz trêmula.

Jean ficou arrepiado, e então os fragmentos dos fatos de todas as conversas que teve com Momo foram se encaixando em sua cabeça, agora quem estava espantado, sem palavras, com olhos mareados, sem saber o que falar, era Jean. Ele levou as mãos à cabeça surpreso com tudo, cada frase era uma avalanche de pensamentos a respeito do passado inimaginável do amigo pintor.

— Moisés só pode ser meu pai, Jean! Eu o procuro há algum tempo. Viajei para Paris com a intenção de estudar arte, sou da Polônia. Uns dias antes de sair de *Poznan*, a senhora que cuidou de mim desde pequena, a quem chamo de avó, me chamou e me contou toda a história sobre meus pais e, ao final, me entregou esse álbum enrolado em um pano e disse para que eu tentasse encontrar o homem das fotos aqui em Paris; talvez eu tivesse sorte, somente sorte, pois não sabia nem por onde começar e, infelizmente, ela não sabia nada sobre ele, apenas o nome que estava na foto e as histórias que minha mãe contava, mas eram poucas por causa do meu avô que lhe repreendia muita. Minha avó, a senhora que me criou, guardou este álbum bem escondido e prometeu à minha mãe que um dia me entregaria, mas na hora certa apenas, e essa foi a hora, Jean, a hora que resolvi vir para Paris estudar.

— Mas por que só agora você procurou? Por que não antes? — questionou Jean, sem entender muito bem, ainda tentando ligar os pontos de tudo que sabia sobre Anne e Moisés.

— Minha mãe morreu quando eu era muito pequena, fui criada por esta senhora de quem lhe falei; na verdade não era minha avó verdadeira, minha avó morreu quando minha mãe nasceu, mas eu a tinha como tal, e ela guardou isso como segredo por muito tempo. Meu avô não gostava de saber dessa história, ele era muito bravo, só sei que quando minha mãe viajou para Paris com ele, conheceu Moisés e, sem saber, retornou para a Polônia grávida. É uma história bastante complicada e trágica a da minha família, infelizmente, mas só sei que minha avó guardou esse segredo para me contar na hora certa e, quando resolvi estudar arte aqui, ela julgou ser a hora certa e me contou tudo que sabia. Não era muito, como você pode ver. Também busco entender a história dos dois.

— Isabelle, que história incrível! Nos vemos pela primeira vez e veja como o destino lhe ajudou e me ajudou a ajudar uma pessoa que tenho

como um pai, um avô, que tenho como família. Sou órfão de pai e mãe e quando, por um acaso da vida, encontrei com Moisés pelo bairro, senti uma missão, uma ligação muito forte com ele. Não sei definir o que é, mas somos muito ligados. A vida sabe o que faz e faz do jeito dela, Momo sempre teve razão ao dizer isso.

— Jean, me leve até ele, por favor! — implorou Isabelle como quem pede um favor a um amigo de longa data.

— Sim, é claro, levarei, mas calma, agora a história foi muito além de tudo que eu imaginei e que, com toda a certeza, Momo imaginou. Como vamos contar isso a ele? É muito forte, uma revelação destas pode até mata-lo, sei lá. Moisés já não é um garoto e se eu quase caí da cadeira, imagine o velho Momo com uma notícia dessas? Meu Deus, não consigo nem imaginar!

— Sim, eu entendo, mas, por favor, me leve até ele ou me diga onde encontrá-lo, ao menos.

— Calma, vou te levar sim, mas temos que contar isso com muito cuidado, não mostre o álbum para ele, pelo menos no primeiro momento. Deixe-o conversar com você, perguntar o que quiser. Isso já irá ajudar a memória dele, acredito; quem sabe nem precisaremos contar tudo? O próprio Moisés irá relembrar e aos poucos você vai falando sobre sua família. Por favor, vamos ter calma com ele, Isabelle.

— Não se preocupe, Jean. Tudo vai ficar bem, eu tenho certeza. Irei ter calma também. Será difícil, mas terei!

— Tudo bem, mas agora me deixe juntar essa xícara e limpar tudo isso porque logo, logo, você verá seu pai. Seu pai... — balançou a cabeça — quando eu imaginaria que Momo fosse pai... Ainda estou arrepiado com essa história toda. Essa vida, hein? O destino faz cada uma! — comentou o padeiro já assimilando melhor tudo aquilo. — Acho que vou lhe chamar de irmã! — brincou Jean. — Isabelle, você tem muita sorte,

você tem o melhor pai do mundo, tenho certeza disso. Momo é a pessoa mais incrível e de bem com todos que já conheceu... Digo... Que você conhecerá. É uma pessoa especial, realmente fico muito feliz por tudo isso estar acontecendo e eu fazer parte disso, ajudar meu amigo.

— Muito obrigada, Jean, de coração, te agradeço muito. Esperei tanto tempo, não me importo em esperar uns minutos a mais, não muitos minutos também, Jean, não demore! Minha mãe dizia que “Quem sabe lidar com a vida, sabe que ela sempre lhe guiará pelo caminho certo”. Obrigada! — concluiu Isabelle, emocionada, segurando a mão de Jean.

— Uma frase dessas, parece que estou vendo Momo falando algo assim, sua mãe e ele realmente tinham tudo para se dar bem um com outro.

Uma conversa reveladora, de incrível importância para ambos, aconteceu ali mesmo, na *Tout Le Monde*, um lugar que já estava virando palco de acontecimentos mágicos e importantíssimos, uma conversa alheia ao vento frio da rua, alheia ao horário que passava, alheia até mesmo à senhora Margot que estava organizando o estoque sem dar bola para o que os dois conversavam. Nem mesmo o barulho da xícara ao chão lhe fez aparecer no balcão. Um milagre! Uma conversa tão cheia de revelações em tão breve tempo, e talvez Jean realmente precisasse de um tempinho extra para processar tanta informação nova. E Isabelle, Isabelle não se segurava mais sentada, já estava de pé andando para um lado, andando para o outro, estava ansiosa para confirmar toda aquela avalanche de boas novas que recebera do novo amigo Jean. Logo mais ela teria um pai.

Capítulo 15

Três batidas na porta amarela, o peito se contraiu, o coração apertou presentindo que aquele som indicava que memórias estavam a um passo de adentrarem o local onde um certo senhor Moisés criava intensamente sua arte, cultivava coisas boas — amizades, bons pensamentos — e, de um tempo pra cá, mais do que nunca, pintava em cores a esperança de um dia saber tudo que o tempo lhe escondeu e que agora o destino trouxera à sua porta. Alguém que ele mal sabia o quanto queria lhe ver, o quanto queria tê-lo como pai, como amigo, o quanto queria dar um abraço e contar tudo que sempre sonhou, a menina Isabelle estava à sua porta, um grande pedaço de madeira pintada de amarelo separava uma filha de um pai. Quem já estivera separado por fronteiras, por quilômetros, por truculências familiares, por memórias na escuridão de um baú violentamente trancado a sete chaves, agora estava separado apenas por uns poucos centímetros de madeira de carvalho e algumas camadas de tinta, separado apenas pelo som da batida na grande porta amarela.

Jean deu três batidas na porta e mesmo receoso com o susto que Moisés poderia levar, deu um passo ao lado e posicionou Isabelle em

seu campo de visão, deixando o caminho livre para a jovem ver quem, de tempos para cá, sonhou em conhecer, de quem sempre desejou estar próxima e nunca imaginou ser desta forma tão surreal e predestinada. Moisés, impaciente e nervoso, abriu rapidamente a porta e lá estava ela, linda, com o mesmo cachecol vermelho que usava naquele dia mágico, com os cabelos suavemente agitados pelo vento frio que invadia o estúdio do pintor, porém, clima este que não ousou quebrar o calor da emoção deste encontro. Lá estava ela, a filha que retornava à vida de Moisés, quem iria ajudar, muito mais do que o velho pintor imaginava.

Moisés abriu a porta e olhou nos olhos de Isabelle, a jovem já estava com uma lágrima formada e outra rolando na delicada pele clara; o encontro, face a face mudara tudo que Moisés esperava; com toda a certeza mudara para melhor. O pintor sentiu que aquele olhar era mais que uma dádiva do acaso, era algo familiar, não era alguém que simplesmente se parecia com sua Anne, era bem mais que isso: era quase a própria Anne, presa no tempo, que estava lhe encarando, invadindo seu coração apertado com uma sensação que, havia muito, não experimentava, nem sequer lembrava-se de ter uma sensação daquelas. Isabelle tirou uma mecha de cabelo que o vento soprou em seu rosto e, delicadamente, a colocou atrás da orelha. Um simples movimento e Moisés percebeu o tamanho significado, algo que somente ele compreendia.

— Vamos, entrem, rápido! Está frio! — apressou Moisés, com o coração agora cheio de boas lembranças, com a mente oxigenada e lhe revelando cenas que há muito não habitavam aquele ambiente peculiar.

— Vamos, Jean, sentem-se aqui — e puxou duas cadeiras para próximo da mesinha onde um bule com chá quente e canecas alinhadas perfeitamente, por alguém que não conseguia controlar a ansiedade, já aguardavam a visita tão esperada.

Jean ajeitou a cadeira para Isabelle, colocou em cima da mesa sua bolsa

com o álbum escondido em seu interior, mas a jovem não se sentou, não conseguiu tirar os olhos de todos os movimentos de Moisés. O pintor percebeu e ficou um pouco sem jeito, nervoso, sem reação, achou por um breve instante que tudo daria errado, que aquele não era um bom encontro, que a coragem da moça solitária em ter vindo ao encontro de dois desconhecidos poderia ter acabado e a qualquer momento ela daria as costas e sairia correndo porta a fora. Então, um passo à frente e um gesto inesperado, Isabelle abraçou Moisés como ele nunca havia sido abraçado. Ele jamais imaginaria essa reação e ficou estático, com os braços ao longo do corpo, sem entender muito bem, sem conseguir retribuir; no fundo, queria aquilo, mas não esperava, não acreditava, ficou sem reação. Isabelle não resistiu e lhe chamou de pai enquanto apoiava a cabeça em seu ombro direito onde já começava a molhar o casaco de lã com as lágrimas de emoção que se libertavam naturalmente. Ao ouvir a palavra “pai”, Moisés não teve dúvidas, entendeu tudo rapidamente, um filme extremamente acelerado passou por sua mente como se a aquela pequena palavra de três letras (porém, imensa em significados) fosse a senha para abrir completamente o baú de memórias do velho pintor, que retribuiu o abraço de forma grandiosa, de forma inimaginável minutos atrás, um abraço que nunca havia acontecido entre esse pai e essa filha, um abraço que aguardou pacientemente por um quarto de século para então aproximar aqueles dois corações. Um abraço que confirmou todas as boas intensões daquele encontro.

A emoção tomou conta do estúdio, Jean viu que não teria como não contar tudo de uma só vez, não dava, era uma filha que por 25 anos não conhecera pessoalmente quem era seu pai, o padeiro tinha que compreender. O medo que Jean teve de revelar tudo e Moisés não resistir sumiu, desapareceu no ar, transformou-se em emoção, em lágrimas de felicidade ao ver aquela figura, por quem tinha tanto amor, realizar muito

mais do que imaginou. Queria somente ser ajudado a ter lembranças de tempos passados, um direito da vida, mas acabara conseguindo muito mais que lembranças, conseguiu a materialização do amor em forma de uma filha que nunca, jamais, imaginou ter, nem nos seus maiores sonhos, nem em seus febris delírios Moisés imaginara ser pai.

Jean começou a chorar, admirando um abraço com tantos significados implícitos, tantos sentimentos em um gesto agora de uma família, pequena, mas uma verdadeira família; para ele, aquilo também era novo visto que Jean não convivera muito tempo com seus pais, não o tanto que gostaria.

Isabelle largou o pai e limpou as lágrimas rapidamente pedindo desculpas repetidamente, olhou Jean e se desculpou por não se segurar e chamar o pintor de pai antes do tempo, Moisés olhou para Jean espantado e disse em meio a um sorriso emocionado, com voz trêmula:

— Você sabia garoto? Sabia que eu tinha uma filha e não me contou?

— Momo, acabei de saber minutos antes, quase tive um infarto, estava morrendo de medo de você também ter uma emoção muito forte quando soubesse. Meu amigo, você é pai, Moisés! Papai! — exclamou Jean de braços abertos para um grande abraço no, agora, sorridente amigo.

— Jean, meu filho, eu já sou pai desde quando te conheci, garoto. Você sempre foi um filho pra mim e sabe muito bem disso. E quem melhor para me fazer uma surpresa dessas que você, meu filho? Agora você tem uma irmã, irmã de amor, sinto isso em vocês! Você é bom Jean, você tem o dom de lidar com pessoas e agora pode dizer que tem o dom de reaproximá-las também! — disse Moisés com uma vitalidade, uma felicidade, jamais percebida naquele rosto. — Isabelle, sei que agora você vai me contar tudo como aconteceu, tudo sobre sua mãe, tudo que tiver vontade. Eu não vou mais querer saber detalhes de como perdi minha memória, de como perdi minha Anne, só quero saber de você. No momento em que lhe vi parada ali, na porta, tudo começou a fazer

sentido, e quando você disse “pai”, tudo voltou! Lembro-me de quase tudo, mas este “quase tudo” já é o suficiente para eu viver feliz, pois agora tenho você, ao menos neste instante, tenho você aqui comigo.

— Moisés, sempre falamos que, quando encontrássemos a jovem que despertou tudo isso em sua cabeça, iríamos entender os porquês dos seus delírios, sua angústias, sua falta de memória, mas tenho que concordar... É você quem sabe o que quer lembrar.

— Pai... Desculpe Moisés, eu vou... — Moisés não deixou nem Isabelle completar sua fala e já foi dizendo de braços estendidos:

— Me chame de pai sim, por favor, isso é maravilhoso! Se quiser a cada palavra dizer “pai”, eu vou adorar ouvir! Não me cansarei de ouvir!

— Pai, eu vou contar tudo que você quiser saber, vamos sentar e você pode perguntar tudo, fique à vontade, temos muito para conversar.

— Só quero saber de sua mãe, outras informações... O tempo irá se encarregar de trazer nas minhas memórias, pode ficar tranquila, eu sinto isso agora! — disse Moisés ainda bobo, sem acreditar que quem estava defronte de si era sua filha, fruto do amor entre a polonesa de *Poznan* e um jovem pintor do *Montmartre*. — Inacreditável Anne! — sussurrou o pintor, com os olhos ligeiramente virados ao céu como em um agradecimento.

Então Isabelle contou que sua mãe havia morrido tragicamente com seu avô em um incêndio em uma das fábricas dele. Moisés ficou chocado com a maneira trágica de sua morte, mas conformado. A jovem então pediu para Jean alcançar o álbum de fotos que trouxera na bolsa e começou a contar um pouco de sua história, mostrando as fotos que Anne havia tirado naquela época.

— Eu vim para Paris estudar Artes faz poucos meses, minha avó (assim que eu chamo a pessoa que me criou desde que minha mãe morreu) me entregou esse álbum e contou tudo sobre o romance entre você e minha mãe; ela sabia pouco, me disse que vocês se encontraram em uma viagem

que meu avô Jacek fez para Paris logo depois da guerra. Ele trouxe minha mãe e vocês se encontravam escondidos dele. Tadinha, esta senhora que chamo de avó, já é muito velhinha, não tinha muita informação e simplesmente me deu o álbum esperando que eu lhe encontrasse por aqui. Confesso que procurei, mas foi pouco, Paris é muito grande, eu tinha o primeiro nome apenas e as fotos para olhar e reconhecer os lugares, sabia que seria praticamente impossível; mesmo assim, eu sentia que este dia chegaria, por isso andava sempre com o álbum comigo até hoje, quando Jean me ajudou a juntar minhas coisas que haviam caído no chão bem em frente à escola onde curso Artes. Escolhi aquele curso, pois percebi que as fotos, na maioria, eram nesse bairro, achei que poderia ter alguma ligação com o bairro toda essa história e resolvi buscar por aqui, estudando nas redondezas seria mais fácil. E foi! Agora estou aqui com você, não dá para acreditar! Minha avó sempre falou de destino, que ele sabe fazer as coisas. De fato, ela tinha toda a razão.

— Isabelle, eu estou sem palavras, realmente foi assim que aconteceu. Sua mãe foi embora grávida então, nem eu, nem ela sabíamos disso, deve ter sido duro manter a gravidez, criar você, seu avô era muito bravo, ela dizia. Ela tinha receio que eu falasse com ele sobre nós. Viu como minha memória já esta melhor, Jean? — completou Moisés com entusiasmo, batendo com o dedo indicador ao lado da cabeça.

— Estou vendo que você realmente está bem, Momo. Isabelle lhe fez bem, eu sabia, nós sabíamos.

— Sim, minha filha, já que se interessa pela arte, deixe lhe mostrar algo que fiz logo depois que lhe vi passar aqui na rua — o pintor deu mais um gole no chá aromático de framboesa que preparou para este momento e se levantou com um gesto suave, delicado e cuidadoso, puxando o pano branco que cobria a tela no centro do estúdio.

— Como é linda! — exclamou Isabelle.

— Você gostou? É sua! Meu primeiro presente para minha filha, parece que adivinhei!

— É um retrato meu! Como fez isso? Está perfeito! Bem que Jean disse que você era um grande pintor, vamos nos dar muito bem Moi... Digo, pai. Sou apaixonada pela arte. Viu? Deve correr tinta em nossas nas veias! — disse Isabelle sorrindo.

— Logo depois de lhe ver, senti que deveria pintar, minha cabeça estava transbordando de alegria de ter visto você e aquilo ter mexido comigo de forma a ter lembrado de fragmentos do meu passado. Algo inexplicável. Comecei a pintar durante a noite, o dia amanheceu e eu estava pintando, finalizei faz poucos dias. É sua! — contou orgulhoso Moisés por ter a aprovação de sua filha sobre a tela que abriu as trancas do seu baú de memórias.

Isabelle não tirava os olhos da pintura, analisava cada pincelada de perto, identificava técnicas, cores e formas enquanto conversava com Jean e com Moisés. O interesse pela arte estava realmente nas veias da família, a tela era o presente perfeito para a filha neste emocionado e revelador primeiro encontro.

As horas passaram e Isabelle, contando mais sobre sua decisão de vir a Paris, sua vida na Polônia, seus estudos e suas paixões. Moisés ouviu tudo com muita atenção, Jean não era diferente, ouvia e comentava cada assunto. Entre um gole de chá e outro, os ponteiros do relógio correram e já era tarde da noite.

Isabelle contou onde ficava o apartamento no qual morava, descobriu ser próximo da pensão de Jean. Nunca haviam se visto, pois o padeiro só parava para dormir por lá; na verdade, seu dia era passado no trabalho, um pouco distante da pensão. Mas a hora avançada fez com que uma despedida tivesse que acontecer.

Moisés pediu para Jean acompanhar Isabelle até seu apartamento e

combinaram de no dia seguinte, sábado, se encontrar os três para um café da manhã e um passeio pelo bairro.

Moisés não via a hora de estar junto de sua filha novamente. Agora com uma família, o pintor estava renovado.

Um abraço forte de pai e filha na despedida e Jean e Isabelle saíram pela rua, com a tela embaixo do braço e, por um bom trecho da rua, Isabelle não tirou os olhos de Moisés que estava na janela, acenando com um sorriso largo. Naquela noite não dormiria direito, a euforia ainda estava no comando do seu corpo. Deitou-se na cama, mas a mente ficou se lembrando dos bons momentos com Anne. Agradeceu a ela por tudo, por ter uma família de agora em diante, agradeceu ao universo por ter Jean sempre por perto como um anjo da guarda e rezou para Anne, agora sabendo que ela habitava as estrelas e, de certa forma, guiou sua filha até ele.

Os dois jovens seguiram em direção à esquina, Jean empurrando sua bicicleta e Isabelle ao lado, com a tela nos braços bem embrulhada no pano branco. Foram subindo a rua e conversando um pouco mais, assunto não faltava depois de tantas novidades e emoções vividas.

— Isabelle, você quase me mata do coração quando chamou Momo de pai! Em poucas horas você quase me mata duas vezes, garota! — confessou Jean com a mão no peito, enquanto caminhavam.

— Eu sei, Jean, me desculpe, mas não consegui controlar a ansiedade, você me entende, não é!?

— Sim, sim, não se preocupe, já passou e deu tudo certo. Momo está feliz e renovado, isso é o que importa agora. Gosto muito dele mesmo, fico feliz por ele ter você agora, ele só tinha os poucos amigos do bairro, sempre as mesmas e rotineiras pessoas, você veio para iluminar o velho Moisés, tenha certeza de uma coisa Isabelle: você tem o melhor pai do mundo, você verá!

— Que bom, Jean, não sabe como fico feliz ao saber isso. Desde que saí da Polônia sonhei em encontrar meu pai, e agora encontra-lo desta forma e, ainda por cima, fazer um bem tão grande assim a ele... Sou a filha mais agradecida que pode existir, minha mãe deve estar muito feliz lá do outro lado, deve ter o dedo dela num desfecho assim. Já imaginou quantas pessoas existem na cidade? Eu só tinha meia dúzia de informações sobre o bairro, o nome e algumas fotos, quais as chances de acontecer? Só pode ter a ajuda dela.

— Sim, mas você deu sorte, Isabelle. Chegou em uma boa hora para encontrá-lo, Momo não estava nada bem há alguns dias. Talvez não fosse o melhor momento para uma primeira imagem de seu pai.

— Como assim? Ele me pareceu tão bem hoje! Parecia com uma saúde impecável! — questionou espantada Isabelle.

— Momo teve alguma coisa dias atrás, uma febre extremamente forte, delírios, dores agudas de cabeça, uma tosse terrível, parecia algum tipo de resfriado muito ruim. A senhora Margot, minha patroa, me deu um chá para levar a ele, fez bem, pouco tempo depois ele estava novo, assim como você o viu hoje. Mas fiquei preocupado, ele reclamou de dores forte na cabeça.

— Realmente não seria um momento bom de encontrá-lo — refletiu Isabelle.

— Também acho, mas ainda assim me preocupo um pouco, seu pai não foi ver um médico, pode ser alguma coisa mais séria, tente conversar com ele outra hora, Moisés é meio largado com esses assuntos, tudo para ele está bom.

— Pode deixar, Jean, falarei com ele sim. Obrigada por me avisar. Você parece saber tudo sobre meu pai, temos que conversar mais!

— Que nada, só quero o bem do meu amigo.

— Que bom!

— Que bom... Que bom que te encontrei — deixou escapar Jean em uma fala em meio tom.

— Sim, muito bom, gostei de você também, meu irmão — brincou Isabelle sorrindo.

O padeiro ajudou Isabelle a abrir a porta e entrar, com todo o cuidado, carregando aquela bela tela que acabara de ganhar de seu pai. Deu uma espiada no interior do corredor que levava aos apartamentos, mas a escuridão não deixou que visse muita coisa além de um papel de parede rebuscado, uma ou duas portas fechadas com pequenos números dourados pendurados e alguns degraus mais à frente. A bicicleta ficou encostada na parede ao lado da porta principal, aguardando para que, depois da longa caminhada até o local onde Isabelle estava morando, parasse de ser empurrada e como era de costume, cortasse as ruas até a pensão de Jean, agora já não muito distante. Os dois se despediram com um abraço e a promessa de que se veriam no dia seguinte para o café da manhã combinado com Moisés.

Jean sentira algo diferente por Isabelle, esta não seria uma noite fácil para pregar o olho, mesmo depois de um dia tão corrido e cheio de surpresas, um dia cansativo, o sono demoraria a chegar para estes três. E Jean, mais uma vez, teria o olhar fixo no teto branco do quartinho e suas sombras estranhas. Isabelle ficaria admirando sua tela, a qual posicionou provisoriamente ao lado da cama (de onde tirou um quadro com a paisagem dos campos de girassóis) e Moisés, orgulhosamente, ficaria relembrando o rosto de sua filha e assimilando a inesperada posição que agora descobrira, o cargo de pai.

Capítulo 16

Moisés pulou da cama cedo, dormiu pouco, a cabeça passou boa parte da noite ouvindo uma doce voz chamá-lo de “pai”; era algo muito novo para o velho pintor, por mais que cultivasse o sentimento paterno por Jean, era algo diferente para alguém com tantas experiências de vida, mas que, até então, não havia provado a alegria de ser chamado de “pai” por alguém fruto de um amor tão lindo. Nunca passara por suas ideias algo assim, tão grandioso no que diz respeito à família, algo que conhecia apenas à distância com suas amizades, mas nada se comparado a ser chamado de “pai”.

Nos arredores do bairro, a noite foi longa. Jean dormiu menos ainda, sentiu algo por Isabelle, algo que não conseguiu explicar, mesmo com seu jeito de lidar com as pessoas que, vez ou outra, renderam boas paqueras; ainda não havia provado da verdadeira paixão. A jovem que acabara de conhecer lhe encantou de tal maneira que somente com o sol nascendo foi que Jean percebeu que aquele sentimento (que lhe possuía por completo) significava que estava apaixonado, era a única explicação que encontrara:

— Como pode? Tão rapidamente Isabelle me envolver dessa forma?

Agora entendo o que Momo dizia sobre estar apaixonado por Anne — pensava Jean em voz alta, enquanto se arrumava para aproveitar o encontro marcado para o seu sábado de folga.

No prédio com papel de parede rebuscado, a porta de ferro (enfeitada de arabescos e folhas de metal imitando um parreiral) se abriu e Isabelle olhou para o dia claro com os olhos apertados; estava um dia de sol, um pouco frio, mas um dia de sol em Paris em pleno inverno. Ela interpretou como um presságio que um bom dia começaria. A jovem se dirigiu ao encontro de seu pai e do amigo, até o momento um quase irmão, Jean. Porém, como ele, ela também havia se sentido estranha. Pensou muito antes de conseguir dormir profundamente, eram muitas emoções para uma mesma noite. Aquele rapaz gentil, educado e amigável havia mexido com seus sentimentos assim, logo de cara.

Havia sido um dia intenso em todos os sentidos. Já a noite chegou diferente para todos os três, cada um ao seu modo, mas de certa forma, tocados por algo, seja por novos sentimentos ou por sentimentos nem tão novos, mas o fato é que o destino soubera alinhar três pessoas com diferentes trajetórias, diferentes histórias, com uma ligação somente compreendida por quem acredita nos bons caminhos da vida, acredita que ela é regida por algo maior e que a energia vital do universo (que faz com que as coisas boas aconteçam para as boas pessoas) tenha trabalhado da melhor forma, a forma de fazer o bem recompensando aqueles que emanam boas energias.

Moisés já está sentado na mesa próxima à janela, a de sempre, Jean atrás do balcão, nada de trabalho hoje, apenas usufruindo da liberdade de preparar seu próprio café e de seu amigo. Isabelle vinha atravessando a rua, desta vez Moisés e Jean contemplavam sua chegada juntos, diferente do momento onde somente o pintor teve aquela visão, semanas antes, agora ele percebeu e correu o olhar para o balcão. Jean já estava a postos,

acompanhando cada passo daquele anjo. Moisés rapidamente entendeu o que estava se passando. “Jean está apaixonado”, estava escrito em sua expressão, em seus olhos, o pintor já havia provado deste sentimento muito tempo antes e sabia bem como era bom e fazia bem. Momo juntou as mãos e sorriu agradecido, tudo de melhor estava acontecendo: ganhou uma filha e ganharia um genro mais que especial, não teria como não acontecer, era só aguardar que o tempo se encarregaria de unir aqueles dois, da forma que fosse, mas iriam se unir para sempre.

Isabelle girou a maçaneta da porta da frente, abrindo-a lentamente.

A placa indicando que o estabelecimento estava aberto bateu no vidro, provocando um estalo forte, fazendo Jean piscar os olhos como se voltasse ao mundo real. Ele saiu de um transe no qual nem mesmo percebera que entrara. Um pequeno aceno para o amigo e logo os três estavam tomando café e mais uma vez conversando sobre tudo. Assunto não faltava, mas Jean volta e meia precisa se levantar e atender alguém no balcão, marcar o encontro em seu local de trabalho em pleno dia de folga não foi a melhor ideia. Mas como era eficiente, atendia a todos rapidamente para retornar à mesa. Jean, Isabelle e Moisés já pareciam amigos de longa data, a harmonia entre eles era admiravelmente natural. A senhora Margot abaixou um pouco sua nova revista de fofocas e espiou aquele trio animado conversando, achou um pouco esquisito seu funcionário estar ali em um dia como esse, mas sabe que era algo importante para ele, já havia percebido a maneira como ele e Moisés conversavam e com algumas informações que Jean lhe fornecera, aliadas à sua rotina de ler sobre os filmes e histórias do cinema, já imaginava o que poderia estar acontecendo. No fundo ainda estava mesmo era curiosa com aquilo tudo, imaginara que poderia muito bem ser como as revistas que passava o dia folheando.

Nas suas idas e vindas do balcão, Jean atendeu alguns fregueses e ao mesmo tempo admirava pai e filha ali, conversando como jamais

imaginara. Moisés não era mais aquele senhor solitário na mesa do canto com uma xícara à frente. De uma hora para outra, Jean viu o pintor como membro de uma família, mesmo que pequena, mas membro de algo muito maior que suas passadas calmas, seus redutos corriqueiros e suas telas numerosas e amontoadas em meio à poeira dos cantos do estúdio. Momo, com o semblante da forma mais alegre que Jean já vira. Isabelle, belíssima como ele imaginou, tudo perfeito nesta cena. Até o sol resolveu aparecer no inverno europeu. Realmente um momento inimaginável semanas antes.

Durante a conversa, Isabelle conta para Moisés que estava acabando um curso de História da Arte e que estudara muito sobre o mercado de arte enquanto estava na Polônia, sua vida sempre pendera para este lado; agora, em Paris, era hora de aprender ainda mais e talvez colocar em prática tudo que sempre quisera; ter uma galeria no bairro das artes parisiense. Moisés ficou contente com a história de vida e o sonho de sua filha, tão nova e tão decidida, tudo que precisasse fazer para ajudar o pintor faria com um sorriso no rosto, mesmo sem imaginar suas obras fazendo parte da galeria. Moisés ficaria orgulhoso de sua filha e seu negócio.

Jean retornou à mesa:

— Perdi alguma coisa?!

— Jean, eu estava contanto para meu pai o quanto gosto de arte. O quanto isso me envolve!

— Exato, Jean, minha filha tem um futuro brilhante pela frente, sinto isso! — comentou, orgulhoso, Momo.

A conversa seguiu ótima, tudo era novidade para pai e filha, mas Moisés queria dar uma caminhada pelo bairro, resgatar todo o tempo perdido que não tivera uma companhia como essa, queria apresentar sua filha aos amigos, orgulhoso apresentaria Isabelle para Gathu, Marie, Elizabeth e todos que passassem por ele no passeio em família. Agora,

sabendo um pouco mais sobre os gostos de Isabelle, apresentaria lugares onde a arte pulsava, onde ela encontraria belas obras locais, lugares especiais onde andou com Anne, onde conhecera a mãe de sua filha. Um clássico passeio de pai e filha que não se viam há muito e muito tempo, na verdade, que nunca tinham se visto. Assim também não comprometeria Jean, que agora iria precisar fazer uma entrega urgente, solicitada por sua patroa. Ele não poderia negar uns francos extras e, além disso, fazer um agrado para a senhora Margot. Isso tudo lhe renderia pontos positivos, aqueles mesmos pontos que ajudaram muito a cumprir a missão a qual se propôs.

Não demorou muito e Isabelle logo perguntou a Moises sobre Jean, como o conheceram, como se entendiam tão bem. Moisés respondeu que o destino foi quem os colocou próximos um do outro e a vida foi quem fez com que se entendessem tão bem, contou um pouco sobre a vida de Jean, seus pais, sua batalha, seus gostos, sua honestidade e dedicação com tudo o que fazia. Sabia que era bom responder aos questionamentos de Isabelle, sentia que Jean seria correspondido em sua paixão e faria muito gosto que tudo acontecesse de melhor para os dois jovens. Neste contexto, se via em Jean e enxergava Anne em sua filha. Era o ciclo da vida retomando uma história, porém, desta vez, com todas as possibilidades de acerto, sem interferências e surpresas desagradáveis, livre de qualquer entrave familiar.

Moisés passou por Gathu na esquina do salão, uma pausa rápida para apresentar Isabelle como sua filha e prometeu contar ao amigo sobre como tudo isso aconteceu e como virou pai da noite para o dia.

— Em um próximo corte de cabelo lhe conto tudo com calma, amigo! Se não, não teremos assunto e vamos ficar falando somente sobre o frio, não é verdade? — disse Moisés se despedindo com ar brincalhão, jovial, um novo Moisés. Novo até mesmo para Gathu, que já o conhecia muito bem.

Gathu ficou parado de queixo caído, observando pai e filha seguirem em direção à parte alta do bairro. Jamais imaginou um desfecho destes na vida do amigo. Momo ia passando por locais, apontando para lá e para cá, contando para Isabelle breves histórias que vivera em cada ponto do bairro. Sua vida havia se construído por ali, as histórias eram inúmeras. Isabelle percebeu que Moisés era um autêntico morador do *Montmartre*, mesmo com seu estúdio estando oficialmente a duas ou três quadras do bairro, seu pai era quase a personificação daqueles antigos pintores que tanto estudou em seus cursos e suas leituras. Se tivesse a chance de passar mais tempo com seu pai desde sempre, teria compreendido muito melhor as aulas de História da Arte, teria um exemplo vivo do típico pintor do *Montmartre*. Ainda assim, o orgulho só aumentava e a conversa seguiu boa entre os dois. Isabelle puxou o assunto que Jean comentou na noite anterior... Sobre Moisés não estar muito bem de saúde alguns dias antes, mas o pintor desconversou ao passar em frente à casa de espetáculos onde atuavam Marie e Elizabeth, suas amigas que gostariam muito de saber das boas novas. A jovem ficou um pouco preocupada, confirmou que realmente seu pai não dava a devida importância à saúde e pensou em como fazer para que ele se cuidasse mais. Agora que tinha um pai, iria cuidar de todas as formas para tê-lo para sempre. Era a natureza de um protetor amor filial falando mais alto.

O dia passou voando e os passeios foram se seguindo quase que em um roteiro de amor. Moisés apresentou o local onde conheceu Anne, onde pintou um retrato dela em troca de uma rosa; mostrou à Isabelle até mesmo o roseiral que ainda, naqueles dias, se debruçava por sobre o muro descascado daquela casa branca, na esquina da praça. Isabelle se emocionou com tamanha riqueza de informações que estava recebendo. Passavam agora em frente ao hotel onde Anne ficou hospedada e por boa parte dos lugares que fizeram parte de sua rápida vida amorosa.

Locais agora com uma importância ainda maior devido às memórias frescas.

Para Momo o passeio também estava reservando algumas novidades. Moisés foi acessando novas lembranças de acontecimentos passados e seguiu montando o quebra-cabeça de suas memórias. Nada que valesse contar para Isabelle naquele momento, mas que para ele seria de extrema importância. Logo mais teria que conversar com Jean para atualizá-lo de tudo que brotara em sua mente.

Entre passeios, almoço, cafés, conversas, encontros e tudo mais, o dia se foi. Isabelle foi se despedindo de Moisés, que a deixou na porta de casa e prometeu lhe encontrar no domingo para então irem até o cais do Senna; desta vez juntamente com Jean. Iriam explorar suas lembranças em outros pontos da cidade, levariam o álbum de fotos onde buscariam o exato local que sua mãe retratara Moisés de braços abertos. Pai e filha se despediram, emocionados, com um abraço carregado de coisas boas depois de um dia perfeito juntos. A vontade era que essa despedida nunca acontecesse, queriam cada vez mais permanecer juntos.

Moisés retornou ao seu estúdio no passo costumeiramente calmo, um passeio tão grande também tinha seu preço para um corpo de certa idade; o dia ia acabando e o sol se escondendo por detrás das torres da igreja próxima, uma caminhada longa e pensativa o aguardava.

Durante o caminho de volta, Momo não se sente muito bem, um pouco daquela dor de cabeça incômoda retornava e o pintor seguiu cabisbaixo. Parecia que a alegria do dia acompanhado por sua filha estava indo embora e dando lugar a mais uma noite mal dormida, mas desta vez devido à saúde que parecia não estar muito bem.

– Será que irei arder novamente com aquela febre? Aquela história de Jean falar sobre uma tal amnésia, sei lá o que, pode ter algum fundamento, preciso pensar sobre isso, procurar um médico antes que seja tarde; agora

que tenho uma filha, não quero cair de cama e ficar longe dela. — pensava Moisés consigo, enquanto seguia seu caminho.

Enfim, com certo custo, Moisés desceu as escadarias do final da rua e avistou a porta amarela de seu estúdio, na metade da quadra. A padaria já estava fechada, a rua estava à meia luz, um poste parecia estar apagado; o frio estava aumentando. A ausência de nuvens no dia lindo de inverno não segurara o calor na Terra e deixara que escapasse, trazendo uma noite de céu limpo, porém gélida.

O pintor tentou abrir a porta do estúdio e errou a chave na fechadura. Algo não estava certo, o frio aliado ao cansaço deveria estar limitado seus movimentos; seu golpe de vista não estava tão ágil como de costume; as mãos trêmulas denunciavam algo errado com seu corpo; a visão um pouco turva e cheia de vultos, mas desta vez seus óculos estavam limpos. Moisés se inclinou um pouco para frente, na tentativa de enxergar melhor, se aproximou da porta, preocupado, de fato não estava bem. Mais uma tentativa, agora com um pouco mais de calma e cuidado, e Moisés conseguiu entrar no estúdio, não se sentia bem, a dor de cabeça estava aumentando, começava a latejar forte. As costas da mão posicionada na testa já sentiam o calor de uma febre chegando sem dó, alheia à alegria do dia que passara com sua filha.

Moisés empurrou a porta que não se fechou corretamente; pensou em procurar o chá da senhora Margot, mas desistiu. Estava incapacitado de fazer qualquer coisa, mal conseguia tirar os calçados e o casaco. Caiu na cama de qualquer jeito, seu braço batendo forte no encosto de madeira, por segundos desviando a atenção da incessante dor de cabeça. Vozes pareciam ecoar no seu interior, as sombras da luz fraca com o fio torcido e empoeirado no centro do estúdio chacoalhando ao vento e criando formas estranhas no teto. O velho pintor estava delirando sozinho, solitário, em um ambiente hostil, ciceroneado por seus delírios e sombras disformes que pareciam querer espantar as boas memórias do dia.

O frio foi tomando conta do lugar, a porta entreaberta deixava o calor escapar rapidamente, a rua, como sempre deserta a essas horas, trazia um silêncio ensurdecedor para dentro de sua mente. O vento soprava frio para dentro do estúdio, fazendo um cavalete com uma tela em branco cair por sobre a bancada, causando um som como o estampido de um tiro. Um pano fino, sujo de tinta, flutuou pousando no chão gelado de tijolos. Moisés levou as mãos aos ouvidos, apertou os dedos e se contorceu na cama, não raciocinava direito, a dor de cabeça era forte demais e estava lhe consumindo. De fato não estava nada bem, não era como a febre do resfriado, algo maior estava acontecendo em seu corpo. Com muito esforço retirou o pesado casaco, que ficou caído ao lado da cama. Os delírios lhe transportaram para outras épocas, épocas conturbadas de guerra nos vales onde vivera sua infância. Resquícios de memórias desconhecidas se apresentam. A voz parecia não sair e pedir por ajuda era impossível, tentar seria em vão, aumentaria a pressão em seu cérebro, causando dores ainda mais insuportáveis. A simples tentativa de levantar-se da cama criara uma pressão bombástica em sua cabeça, tentar era em vão.

Moisés resolveu não lutar e, então, o delirante pintor é bombardeado por flashes de memória avançando como um filme mal projetado, picado e com cortes bruscos. O alto preço de relembrar o passado, revirar uma ferida, estava sendo cobrado. De alguma forma ele entendeu que a lesão na cabeça, aquela possível amnésia traumática causada pela surra que levava, ainda jovem, dos capangas de Jacek, bloqueou suas memórias, porém, libertá-las foi como mexer em um monstro adormecido. A lesão inerte despertara junto com suas lembranças e abrir o baú de memórias teve um preço alto a ser pago. Era como ir do céu ao inferno em poucas horas. A ferida estava aberta e isso não era nada bom, pressentia Moisés em seu sofrimento solitário.

Uma última visão, como que um desdobramento, uma projeção

corporal, lhe levou a ver, do alto, um cesto de uvas com uma criança dentro. Moisés agora tinha certeza: Jean cuidava dele desde muito pequeno, sua mãe foi quem o salvara ao o encontrar todo machucado e jogado na rua. Se algo assim existe, Jean foi e era seu anjo da guarda, sua entidade protetora, sua paz na Terra. O destino encaminhou Jean ao seu encontro sempre, tudo estava detalhadamente escrito e por isso o sentimento tão forte pelo jovem amigo padeiro. Um último sentimento, o sentimento que lhe acalmava, pois sabia que a filha estaria com quem deveria estar, com o jovem Jean, seu amigo desde sempre. E uma certeza de felicidade e dever cumprido ao aproximar, de certa forma, jovens corações, se formou em Moisés. Sua projeção, seu delírio, sua visão de um momento real, seu entendimento da missão na vida foi desligada com o barulho explosivo do vento batendo a grande porta amarela, selando tudo que vivera até então.

Aquele maldito estrondo lhe causou uma dor tão forte que fez Moisés desligar sua mente; sentindo que estava indo embora, não teve reação, simplesmente percebeu os sons irem cessando aos poucos, se distanciando como se ele se afastasse rapidamente do local onde estava. O frio começou a chegar aos seus pés e percorreu seu corpo imóvel, suas juntas doíam; os olhos, já fechados, se acalmavam em suas órbitas; a respiração estava cessando; a tranquilidade chegava e com ela a dor parecia ter acabado repentinamente; uma voz ao longe lhe chama de “Momo”, uma voz feminina, familiar, uma voz que reconheceu como sendo a voz doce de Anne. Moisés estava cruzando a linha tênue da vida na Terra e lentamente percebeu seu coração dar os últimos impulsos de vida naquele corpo carnal. Sua mente privada de qualquer sentimento ruim, uma paz tomando conta do velho pintor e Moisés enxerga seu interior, sua iluminada alma; o aroma de rosas foi rapidamente sentido por ele, tranquilizando o corpo e a respiração, levando a visualizar a

alma que deixa este plano, envolta em luz e caminhando para eternidade, agradecido por ter sentido tudo que sentiu nos últimos dias.

Agora Moisés se juntaria à Anne na eternidade, em um nível superior, na luz das estrelas, em uma dimensão onde a felicidade lhe esperava de braços abertos sabendo que deixou na Terra um jovem casal que merecia tudo de bom que a vida tivesse a lhes dar. Um jovem casal que sofreria com sua partida, sim, sofreria muito. Seria um duro final de ano para Jean e para sua filha Isabelle, que acabara de ganhar e perder um pai, mas que encontraria a felicidade no convívio que o destino lhe reservou. A felicidade no verdadeiro amor.



Capítulo 17

Um pequeno menino chamado Moisés corre em direção a uma grande porta amarela na *Rue Alfred Stevens*. Ele é o fruto do amor de um jovem casal que, agora, cuida de um grandioso acervo encontrado em pilhas de telas enroladas em panos velhos e espalhadas sem um padrão, sem uma catalogação, simplesmente soltas aos montes pelo estúdio do velho Moisés.

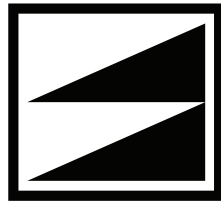
Isabelle soube bem utilizar a herança que herdou de seu avô Jacek e sua fábrica na Polônia, transformando o velho estúdio empoeirado em uma típica galeria de arte. Seus conhecimentos e estudos trouxeram clientes, fizeram do local uma referência para artistas locais do bairro mais charmoso de Paris. Agora poderiam expor suas obras no estúdio que fora de Moisés, querido por todos no bairro, amigo de todos, discretamente talentoso e intensamente criativo e habilidoso nas misturas e percepções de cores que saiam como luz de seus pincéis. A velha bancada agora não mais apoia pincéis, panos sujos de tinta ou serve de travesseiro nas noites intensas e criativas, agora serve de suporte para taças de champanhe e refinados quitutes em movimentadas vernissages onde Isabelle, com uma curadoria impecável, apresenta aos colecionadores e turistas, telas de seu

pai, Moisés. Telas que nunca haviam sido reveladas, nem mesmo para Jean, que sempre vira o amigo pintando, mas nunca imaginara tamanha e numerosa produção. A qualidade e habilidade, isso sabia que Moisés possuía de sobra, mas que produzia tão intensamente em seus dias e noites solitários, não imaginara de maneira alguma. Todas aquelas cenas do cotidiano do bairro formam parte da história e dos bons momentos vividos por Momo e, indiretamente, por todos moradores que cruzavam seu olhar atento e minucioso.

Jean deixara a padaria logo depois que Moisés partira. Ajudara à senhora Margot até o momento que pode e então aceitou o desafio de Isabelle, agora sua esposa, para transformar o estúdio do velho amigo em um local aberto ao público, uma homenagem a Moisés. Ter encontrado todas as obras e relíquias de Moisés empilhadas pelos cantos e armários empoeirados fora um momento mágico e de grande emoção na vida dos dois. Jean pensou que, talvez, nem mesmo Momo teria conhecimento de tudo que havia por lá, apenas criava em suas noites em claro, criava as cenas que observava pela rua, retratava seus amigos sem nem mesmo os próprios saberem que isso acontecia: as jovens Marie e Elisabeth, Gathu, os boêmios da praça, as noites de festas, as cenas que observava em suas andanças... Todos estavam lá, em algum canto, entre as pilhas de telas em branco, gabaritos e tintas, algumas sem nunca terem visto a luz do dia talvez, mas estavam lá. Assim era o caso de uma tela onde retratara a fiel companheira de seu amigo padeiro, encostada em sua janela e com a grande porta amarela do estúdio entreaberta. Cenas simples e belíssimas captadas com uma sensibilidade e técnica muito apurada. O cotidiano sempre lhe agradara e sua arte fora sua companheira; sempre estivera junto ao pintor em seu retiro, sua morada e seu *atelier*. Aquele era seu verdadeiro baú de lembranças, seus momentos eternizados e ao mesmo tempo esquecidos em algum canto escuro daquele lugar, tudo sempre estivera lá.

Jean refletia parado, com rosas brancas nas mãos, em um momento de contemplação e lembrança em frente ao túmulo de Moisés no terceiro aniversário de seu falecimento. Refletia sobre aquilo tudo ser como uma insistente busca por memórias; talvez Moisés quisesse eternizar as lembranças sem nem mesmo fazer ideia que as havia perdido, um medo inconsciente de voltar a esquecer como acontecera com seu passado, um receio que, involuntariamente, o motivara a pintar desta forma incessante, sem nem mesmo saber que realmente tal medo habitava seu interior.

— Talvez isso explique porquê você pintou Isabelle tão intensamente logo que a viu pelas janelas da *Tout Le Monde*, meu caro. Tenho certeza que seu inconsciente falou alto, meu amigo, gritou com você para que pintasse e foi atendido magnificamente, sabendo que estava fazendo algo grandioso como tudo o que você fez na vida, tudo que plantou e colheu, tudo de bom. Você fez sim algo grandioso para nós, continue o bom pintor junto de sua Anne, meu amado amigo Momo, semeie por aí sua bondade e sua especial amizade, fique bem...



FUERZA
S T U D I O

WWW.FUERZASTUDIO.COM.BR



impresso em papel pólen 90g
capa tríplex 250g
2017
Editora 42